

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

KÉSSIA DA SILVA HENRIQUE

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSAMENTO: INVESTIGANDO O
PAPEL DA DISTÂNCIA ENTRE SUJEITO E VERBO NA REALIZAÇÃO DA
CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO PB**

JUIZ DE FORA

2016

KÉSSIA DA SILVA HENRIQUE

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSAMENTO: INVESTIGANDO O
PAPEL DA DISTÂNCIA ENTRE SUJEITO E VERBO NA REALIZAÇÃO DA
CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mercedes Marcilese

JUIZ DE FORA

2016

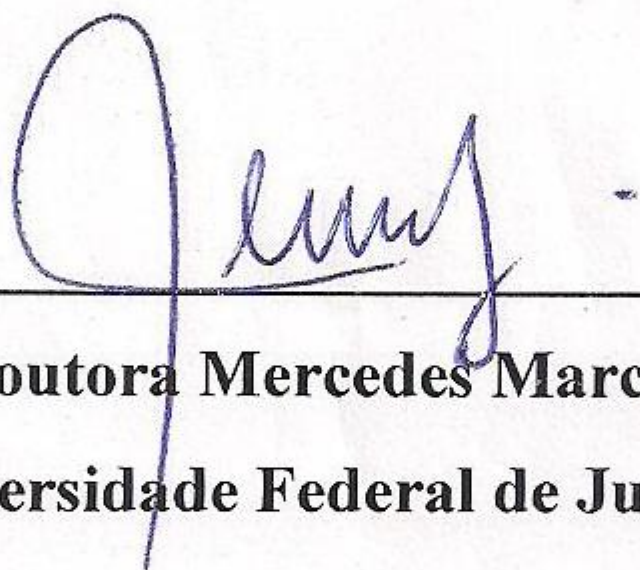
KÉSSIA DA SILVA HENRIQUE

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSAMENTO: INVESTIGANDO O
PAPEL DA DISTÂNCIA LINEAR ENTRE SUJEITO E VERBO NA
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO PB**

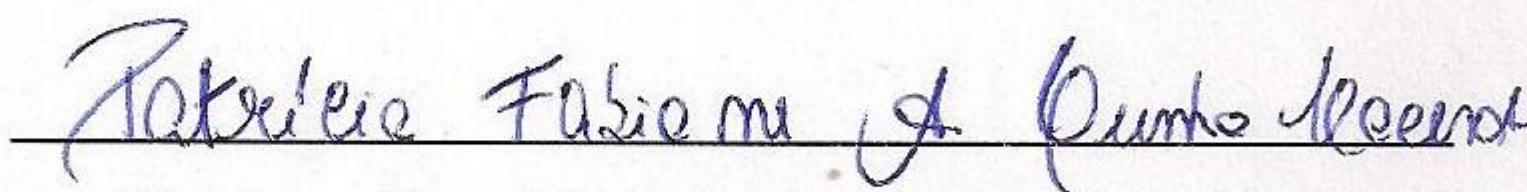
Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 07/04/2016

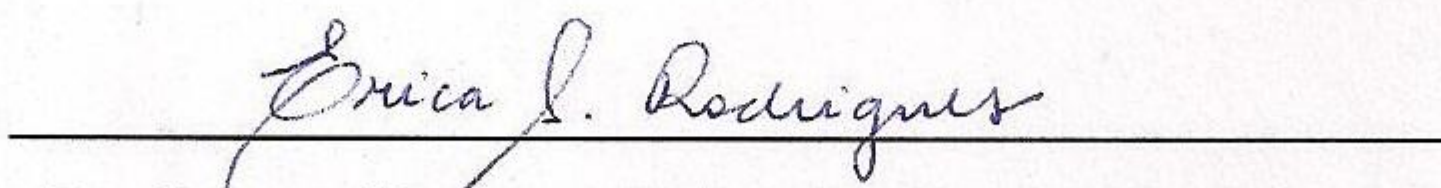
Banca examinadora:



Professora Doutora Mercedes Marcilese (orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora



Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora



Professora Doutora Erica dos Santos Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

JUIZ DE FORA
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Henrique, Késsia.

Variação linguística e processamento: Investigando o papel da distância linear entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB. / Késsia Henrique. -- 2016. 149 p.

Orientadora: Mercedes Marcilese

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

1. Processamento da linguagem. 2. Variação linguística. 3. Concordância verbal. 4. Distância linear entre sujeito e verbo. 5. Português brasileiro. I. Marcilese, Mercedes, orient. II. Título.

***Aos meus pais, Jorge e Eleci e
à minha irmã, Rhanna.***

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar coragem e força de vontade para sempre seguir em frente.

À minha orientadora, Mercedes Marcilese, pela dedicação, carinho, paciência, pelas broncas e elogios na hora certa e por sempre me encorajar e acreditar em mim. Com você aprendi coisas que levarei para a vida toda. Meu muito obrigada.

À professora Luciana Teixeira, pelo apoio, incentivo e dedicação ímpar a nós alunos.

À professora Cristina Name, por ter despertado em mim o interesse pela Psicolinguística ainda na graduação. Agradeço também pelas sugestões na realização desse trabalho.

A todos os companheiros do Nealp pelas contribuições sempre muito produtivas.

À minha grande amiga Cristina Azalim, por ter sido uma grande companheira nessa caminhada, pelos momentos de alegria e tristezas compartilhadas, pelos congressos e por sempre cuidar de mim como se eu fosse uma filha, além da ajuda e parceria na realização dos experimentos. Minha eterna gratidão a você, que é um exemplo de aluna, mãe, irmã, filha e amiga.

Aos meus amigos encapsulados, Allan, Cris, Vânia e Flávio, por fazerem com que eu me sinta uma pessoa muito abençoada todos os dias por conviver com vocês. Obrigada pela amizade que construímos. Seus traços sempre serão interpretáveis na árvore do meu coração.

Ao Hebert, pelo incentivo e palavras de apoio, além do amor e companhia nos momentos de desânimo e nos momentos de alegria. A você todo meu carinho e amor, muito obrigada por estar sempre do meu lado.

Ao meu amigo Lucas, por sempre ter aplaudido as minhas vitórias e por sempre torcer por mim.

Aos meus pais e irmã, por sempre me apoiarem nas minhas escolhas e decisões, além de sempre me incentivarem em tudo que faço.

Ao Renê Forster, pela boa vontade na ajuda com a utilização do programa *Linger*.

Ao Daniel Alves, pela contribuição nas estatísticas dos experimentos.

A todos que viabilizaram a realização deste trabalho, em especial, aos participantes dos experimentos, sem os quais a realização desta pesquisa não seria possível.

Aos membros da Banca Examinadora, pela leitura cuidadosa e pelas valiosas sugestões para a versão final do texto desta dissertação.

À FAPEMIG, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema o processamento da concordância verbal variável no PB, com foco nos aspectos cognitivos e perceptuais desse fenômeno. O PB apresenta duas regras gerais na realização da concordância de número: (i) marcação redundante de plural no sujeito e no verbo (*As meninas brincam aqui*) e, (ii) marcação não redundante, em que a marca é obrigatória no sujeito (realizada geralmente em D) e pode ser omitida nos demais elementos (*As meninaØ brincaØ aqui*). Estudos prévios sobre a concordância variável, desenvolvidos no contexto da Sociolinguística Variacionista, têm elencado um conjunto de fatores que favoreceriam a ocorrência de cada uma dessas regras. Existem, no entanto, lacunas importantes na literatura no que tange ao processamento dessa variação. A fundamentação teórica do presente trabalho articula o modelo formal de língua formulado pela Teoria Gerativa, principalmente na sua versão minimalista, e modelos de processamento linguístico – em particular, no que diz respeito ao processamento das relações de concordância – desenvolvidos no âmbito da psicolinguística. Nesta dissertação buscamos avaliar: (i) Em que medida ambas as regras seriam processadas de forma equivalente pelos falantes? e (ii) Qual a relevância da distância linear entre sujeito e verbo na ocorrência dessas regras? Três experimentos foram conduzidos visando a explorar essas duas questões. O primeiro, baseado numa tarefa de escuta automonitorada, teve como objetivo investigar como os falantes lidam com ambas as regras. O Experimento 2, conduzido por meio de uma tarefa de produção eliciada por repetição, buscou avaliar o papel da distância linear na realização da concordância e a possível correlação entre esse fator e variáveis extralinguísticas, especificamente, nível de escolaridade. Por último, o Experimento 3 – implementado por meio de uma tarefa de leitura automonitorada do tipo “labirinto” (*maze task*) – constitui um desdobramento do anterior, aprofundando na investigação sobre o papel da distância. Em conjunto, os resultados obtidos apontam para um tratamento diferenciado de ambos os padrões de realização da concordância, sugerindo um custo de processamento maior no caso da marcação morfológicamente não redundante. No que diz respeito à distância linear entre sujeito e verbo, uma maior distância entre esses elementos favoreceu a ocorrência da regra não redundante, sugerindo que esse fator teria um papel relevante no processamento da concordância verbal na língua. Os resultados, com relação à variável nível de escolaridade, revelam diferenças sutis entre os grupos pesquisados.

Palavras-chave: Processamento da linguagem – Variação linguística – Concordância verbal – Distância linear entre sujeito/verbo – Português Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation investigates the processing of variable verbal agreement in Brazilian Portuguese, focusing on cognitive and perceptual aspects of this phenomenon. BP exhibits two general rules for number agreement: (i) redundant plural agreement both in subject and verb (*As meninas brincam aqui*) and, (ii) non-redundant agreement, in which one, the plural morpheme is mandatory in the subject (usually carried out in D) and may be omitted in the other elements (*As meninaØ brincaØ aqui*). Previous studies on variable agreement, developed in the context of Variationist Sociolinguistic, have listed a set of factors that would favor the occurrence of each of these rules. There are, however, gaps in the literature regarding the processing of this variation. The theoretical background of this research integrates the language model formulated by the Generative Theory, and processing models developed in the context of Psycholinguistics. In this dissertation we aim to evaluate: (i) to what extent speakers would process both rules equivalently? And (ii) what is the relevance of linear distance between subject and verb in the occurrence of these rules? Three experiments were conducted in order to explore these two questions. The first one, based on a self-paced listening task, aimed to investigate how the speakers deal with the two agreement rules. Experiment 2, conducted through an elicited production by repetition task, aimed to evaluate the role of linear distance in the realization of the agreement. The second goal of this experiment was to evaluate the possible correlation between linear distance and extra-linguistic variables, specifically, level of education. Finally, Experiment 3 – implemented by a self-paced reading "maze" task – is a follow up of the Experiment 2, and aimed to deepen the study of the role of linear distance. Taken together, the results suggest a differentiated treatment of the two agreement rules, with a higher processing cost in the case of morphologically non-redundant agreement. Regarding the role of linear distance between subject and verb, a greater distance between these elements favors the occurrence of the non-redundant rule, indicating that this factor would have an important role in the processing of verbal agreement. The results concerning to the level of education reveal subtle differences between the two groups investigated.

Keywords: Language Processing – Linguistic Variation – Verbal Agreement – Linear distance between subject/verb – Brazilian Portuguese.

Índice de conteúdos

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE ABREVIATURAS.....	11
LISTA TABELAS.....	13
LISTA DE GRÁFICOS	14
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	15
1. INTRODUÇÃO.....	16
1.1. OBJETIVOS.....	19
1.2. HIPÓTESES DE TRABALHO	19
1.3. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA	20
1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO	21
2. A ABORDAGEM VARIACIONISTA DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PB.....	22
2. 1. CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NA VISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	25
2.2. ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	29
2.3. FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS FAVORECEDORES E DESFAVORECEDORES DA CONCORDÂNCIA REDUNDANTE DE NÚMERO	36
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CONCORDÂNCIA NA VISÃO GERATIVISTA.....	41
3.1. MODELO DE LÍNGUA ASSUMIDO E O TRATAMENTO DA CONCORDÂNCIA NO MINIMALISMO	43
3.1.2. ANÁLISES MINIMALISTAS DA CONCORDÂNCIA	46
3.1.3. A OPERAÇÃO AGREE.....	48
3.2. CONCORDÂNCIA VARIÁVEL NO PB: ANÁLISES GERATIVISTAS.....	51
4. ABORDAGEM PSICOLINGUÍSTICA: O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA.....	57
4.1. PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA E FORMULAÇÃO SINTÁTICA: O CASO DOS ERROS DE ATRAÇÃO.....	57
4.2. MODELOS DE PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA E O FUNCIONAMENTO DO <i>PARSER</i>	62
4.3. ESTUDOS SOBRE O PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO INGLÊS.....	67
5. CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NUMA ABORDAGEM EXPERIMENTAL	71
5.1. BREVE INTRODUÇÃO À METODOLOGIA EXPERIMENTAL.....	72
5.1.1. ESCUTA AUTOMONITORADA.....	73
5.1.2. PRODUÇÃO ELICIADA POR REPETIÇÃO	75
5.1.3. LEITURA AUTOMONITORADA – MAZE TASK.....	76

5.2. EXPERIMENTO 1: INVESTIGANDO O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA VARIÁVEL EM PB...	78
5.2.1 MÉTODO	79
5.2.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO	83
5.3. EXPERIMENTO 2: INVESTIGANDO O PAPEL DA DISTÂNCIA LINEAR ENTRE SUJEITO E VERBO NA CONCORDÂNCIA VARIÁVEL	86
5.3.1. MÉTODO	88
5.3.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO	93
5.4. EXPERIMENTO 3: INVESTIGANDO O PAPEL DA DISTÂNCIA II	99
5.4.1 MÉTODO	99
5.4.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO	103
5.5. SÍNTESE DOS RESULTADOS EXPERIMENTAIS	106
<u>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>108</u>
<u>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>112</u>
<u>8. ANEXOS.....</u>	<u>118</u>
MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	118
EXPERIMENTO 1 – SENTENÇAS EXPERIMENTAIS	121
SENTENÇAS DISTRATORAS EXPERIMENTO 1	123
EXPERIMENTO 2 – SENTENÇAS EXPERIMENTAIS	125
SENTENÇAS DISTRATORAS – EXPERIMENTO 2	128
EXPERIMENTO 3 – SENTENÇAS EXPERIMENTAIS	129
SENTENÇAS DISTRATORAS – EXPERIMENTO 3	147

LISTA DE ABREVIATURAS

Adj = Adjetivo.

Agr = *Agreement* (Concordância).

AgrO = *Agree* objeto (Concordância de objeto).

AgrS = *Agree* sujeito (Concordância de sujeito).

CEJA = Centro de Educação de Jovens e Adultos.

CSA = *Context-Sensitive Agreement*.

D = Determinante.

DP = *Determiner Phrase* (Sintagma Determinante).

EJA = Educação de Jovens e Adultos.

EPP = *Extended Projection Principle* (Princípio de Projeção Estendida).

GN = Gramática Normativa.

GU = Gramática Universal.

Infl = *Inflection* (Flexão).

LF = *Logical Form* (Forma Lógica).

N = Nome.

NP = *Noun Phrase* (Sintagma Nominal).

NURC = Projeto da Norma Urbana Oral Curta do Rio de Janeiro.

P = Preposição.

P&P = Princípios e Parâmetros.

PB = Português do Brasil.

PF = *Phonetic Form* (Forma Fonética).

PIP = Princípio da Interpretabilidade Plena.

PM = Programa Minimalista.

PP = *Prepositional phrase* (Sintagma Preposicional).

pro = prozinho (categoria vazia).

RT = *Reaction Time* (Tempo de reação).

SN = Sintagma Nominal.

Spec = *Specifier* (Especificador).

T = *Tense* (Flexão verbal).

V = Verbo.

v = Vezinho (verbo leve)

LISTA TABELAS

Tabela 1	Quadro com substantivos e graus de saliência fônica	37
Tabela 2	Condições experimentais Experimento 1	81
Tabela 3	Condições experimentais do Experimento 2	91
Tabela 4	Respostas não-alvo do tipo <i>repetição incompleta</i> no Grupo 1	96
Tabela 5	Respostas não-alvo do tipo <i>repetição incompleta</i> no Grupo 2	96
Tabela 6	Condições experimentais Experimento 3	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Tempo de escuta para cada segmento em função de <i>concordância</i>	84
Gráfico 2	Tempo de escuta de cada segmento e tempo de reação na pergunta de compreensão em função de <i>congruência</i> na retomada pronominal	84
Gráfico 3	Média de respostas-alvo nas perguntas de compreensão em função de <i>congruência</i>	85
Gráfico 4	Tempos de reação registrados nos Grupos 1 e 2	94
Gráfico 5	Médias de repetições-alvo em função de <i>número</i> nos grupos 1 e 2	95
Gráfico 6	Médias de repetições-alvo em função de <i>distância</i> nos grupos 1 e 2	95
Gráfico 7	Média do tempo de resposta em função de <i>número</i>	103
Gráfico 8	Média do tempo de resposta em função de <i>distância</i>	104
Gráfico 9	Percentual de respostas em função de <i>distância</i>	105
Gráfico 10	Média de respostas-alvo em função de <i>número</i>	105

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema de uma derivação linguística no PM	45
Figura 2	Computação da concordância verbal através da operação <i>Agree</i>	47
Figura 3	Esquema de procedimento experimental do Experimento 2	93
Figura 4	Esquema de procedimento experimental do Experimento 3	102

1. Introdução

Esta dissertação investiga o fenômeno de variação na concordância verbal observado no português do Brasil (doravante, PB). Especificamente, foi explorado o papel da distância linear entre sujeito e verbo e do nível de escolaridade dos falantes na realização da concordância verbal, focalizando nos aspectos cognitivos envolvidos no processamento dessa variação.

A concordância de número é um dos mecanismos pelos quais a informação de numerosidade se manifesta nas línguas naturais, não apenas em alguns itens isolados, mas também nos sintagmas e nas sentenças, definidos como unidades estruturais e conceituais. Esse mecanismo pode ser definido, de forma simples e mais ou menos consensual, como: “o *fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença [ou sintagma] é determinada pela forma de uma palavra com a qual tem alguma ligação gramatical*” (TRASK, 2004, p.61). No PB, é possível identificar padrões variáveis de concordância, tanto no domínio interno ao DP¹ (tradicionalmente, a denominada concordância nominal) quanto na relação entre sujeito-verbo. Pelo menos duas regras principais para a realização da concordância de número podem ser identificadas: (i) marcação redundante em todos os elementos do DP e no sufixo verbal; (ii) marcação não-redundante, em que a marca de plural é realizada obrigatoriamente no D(eterminante), podendo eventualmente ser omitida dos demais itens, inclusive na flexão verbal. De acordo com essas duas regras, sentenças como (1) e (2) são ocorrências possíveis no PB, enquanto os exemplos em (3) seriam agramaticais na língua:

(1) As meninas estudam lá.

(2) As meninaØ estudaØ lá.

(3) *AØ meninas estudam lá / *AØ meninaØ estudam lá.

¹ No âmbito dessa dissertação, ao tratar a concordância nominal, usaremos alternadamente os termos concordância no sintagma nominal (NP, do inglês *Nominal Phrase*) e no sintagma determinante (DP, do inglês *Determiner Phrase*) em função dos diversos trabalhos resenhados, os quais pertencem a perspectivas teóricas diferentes, ora assumindo que a concordância acontece no interior do sintagma nominal, ora considerando que a concordância acontece no domínio sintagma determinante.

Classificações mais detalhadas para as regras de concordância variável de número no PB têm sido arroladas na literatura recente. Costa e Figueiredo Silva (2006), por exemplo, apontam uma possível exceção à regra geral não redundante formulada acima no caso de estruturas contendo possessivos, do tipo ilustrado em (4). De acordo com os autores, nesse caso a informação de número seria marcada obrigatoriamente no possessivo, podendo ser omitida em D e em N. De acordo com essa análise, a expressão em (5) seria gramatical no PB. Entendemos, no entanto, que a caracterização apresentada por nós é mais ampla e recobre as principais possibilidades encontradas na gramática, pelo menos nos aspectos que são relevantes no presente trabalho.

(4) $DP[Os_{POSSP}[meus_{NP}[filhos]]]$.

(5) $O\emptyset meus filho\emptyset$.

Ao longo do presente trabalho, usaremos os termos *concordância redundante* vs. *não redundante* ao invés de ausência/presença de concordância – mais comum na literatura – por entender que a ausência de marcas morfológicas no nome, no verbo ou em algum outro elemento não implica na ausência da relação sintática de concordância entre os itens que compõem os respectivos sintagmas.

Apesar de a gramática normativa não reconhecer como legítimo e produtivo o fenômeno da concordância variável no PB, o assunto vem despertando o interesse de pesquisadores e sendo investigado há vários anos. Nesse sentido, Melo (1975, p.98) já reconhecia a existência da regra variável de concordância em todo o Brasil:

Ora, esse fato, ao que me consta, é absolutamente geral no Brasil, constituindo a nota mais original e típica dos nossos falares. Creio que, pelo interior, não há exceção a esse tipo de pluralização [marca de plural presente apenas no determinante] e de conjugação. O que pode ocorrer é uma tendência simplificadora (...).

Historicamente, a variação na marcação da concordância verbal foi associada à baixa escolaridade ou um baixo nível socioeconômico dos falantes. No entanto, dados anedóticos registrados em contextos diversos sugerem que a variação também ocorre em ambientes mais formais por falantes com nível superior de escolaridade e com maior acesso a bens de consumo. Além disso, é um fenômeno que não está restrito apenas à oralidade. Os exemplos abaixo, retirados de fontes variadas – e contemplando diversos

níveis de formalidade – evidenciam ocorrências da variação na marcação verbal em textos escritos² da língua³:

- (6) “Policiais Militares após denúncia, **prende** traficante do bairro Boa União”
(site *Paraíba do Sul agora*, acesso em 21/01/2016, às 09:50)
- (7) “**Pode** doar sangue os cidadãos com boa saúde, idade entre 16 e 69 anos”.
(Facebook Hemoninas Além Paraíba, acesso em 21/01/2015, às 09:40)
- (8) “As 60 empadas que estavam no forno industrial da mulher queimaram porque ela saiu para fazer uma entrega, **informou** os bombeiros”. (notícia retirada no site *G1, O Globo* 31/07/2015, às 20:28)
- (9) “Gente, se foi avisado que a água ia subir, por que os responsáveis não **transferiu** tudo para o hospital? Lamentável viu”. (comentário retirado do Facebook, dia 21/01/2015, às 09:22)

O padrão variável da marcação da concordância tem sido majoritariamente pesquisado no âmbito da sociolinguística. Um dos estudos pioneiros acerca da concordância variável foi realizado por Lemle e Naro (1977) e trouxe evidências de que o uso das regras redundante e não redundante na marcação da concordância não é uma escolha aleatória por parte do falante. A ocorrência variável seria favorecida ou desfavorecida por determinados fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como a posição do sujeito com relação ao verbo, a saliência fônica da forma verbal no plural, a animacidade do sujeito, a distância linear entre sujeito e verbo e nível de escolaridade dos falantes, aspectos que serão abordados nas próximas seções. Além disso, Brandão (2009) afirma que o processo de marcação não redundante demandaria um maior

² Segundo Marcuschi (2001), a caracterização tradicional das modalidades oral e escrita em termos dicotômicos precisa ser revisada. De acordo com o autor, fala e escrita devem ser vistas como um *continuum*, uma vez que há gêneros orais que se assemelham à escrita, como no caso do gênero conferência, e há gêneros típicos da modalidade escrita que se aproximam da oralidade, como bate-papo na internet. Ao longo deste trabalho, apresentaremos exemplos anedóticos que perpassam pelo continuum proposto por Marcuschi, uma vez que apresentamos exemplos de fontes variadas, como *blogs* de notícias, Facebook, e textos jornalísticos orais e escritos. Os exemplos recopilados sugerem, que o fenômeno de variação aqui investigado está presente em todos os níveis da sociedade, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita da língua.

³ Um ponto relevante a ser sinalizado – e que foi salientado por um dos membros da Banca Examinadora do presente trabalho – diz respeito à dificuldade de distinguir, em determinados contextos, a ocorrências da regra de concordância verbal não redundante de possíveis lapsus de fala. Um maior aprofundamento dessa questão foge ao escopo desta dissertação, mas certamente esse aspecto deverá ser considerado em trabalhos futuros.

“esforço cognitivo”⁴, uma vez que é preciso ter o conhecimento a respeito de qual item deve receber a marca morfológica de plural e em quais itens a marca pode ser omitida, diferentemente do que acontece com a marcação redundante, em que basta apenas se ter a ideia de conjunto e realizar a marca de número em todos os elementos.

1.1. Objetivos

A partir do que foi exposto anteriormente, a presente dissertação tem como objetivo geral investigar o processamento da concordância verbal variável no PB por adultos em uma perspectiva psicolinguística, visto que esse fenômeno é recorrente tanto na fala quanto na escrita. Além disso, a presente investigação visa a avaliar em que medida fatores linguísticos e extralinguísticos elencados por pesquisas de cunho sociolinguístico a partir da análise de dados de produção seriam fatores que influenciam no processamento das regras de realização da concordância verbal na língua. De maneira mais específica, a presente pesquisa visa a:

- Investigar experimentalmente, em que medida, um dos fatores identificados na literatura a partir de análise de *corpora* (ALMEIDA, 1997; GRACIOSA, 1991; VIEIRA, 1995, dentre outros), quais seja, a distância linear entre sujeito e verbo se mostra relevante na realização das diferentes regras de concordância, na compreensão e na produção;
- Avaliar o nível de aceitação da regra de concordância não redundante na relação entre sujeito-verbo por parte de participantes com níveis de escolaridade variável;
- Discutir – ainda que de forma preliminar – em que medida, a realização variável da concordância no PB pode ser tomada como indício do surgimento de mudanças mais profundas na codificação morfofonológica da informação de número e/ou de outras mudanças significativas no sistema da língua.

1.2. Hipóteses de trabalho

A hipótese de trabalho aqui adotada é a de que os falantes do PB aceitam a concordância variável como uma opção funcional na língua, sendo que essa aceitação

⁴ A autora não explicita em que consistiria exatamente esse maior esforço.

ocorre até mesmo no caso de falantes com maior nível de escolaridade. Todavia, o PB apresenta ambas as regras de realização da concordância atuando de forma concomitante o que sugere a existência de duas gramáticas em competição sendo que, em muitos casos, o mesmo falante domina ambas as gramáticas simultaneamente. Nesse sentido, essa alternância na realização da concordância de número, eventualmente, dificultaria a identificação do traço de número (singular ou plural) em certos contextos, apresentando assim um custo de processamento adicional para os falantes. Além disso, assumimos nesta pesquisa que a distância linear entre sujeito e verbo e o nível de escolaridade dos falantes são fatores relevantes, do ponto de vista cognitivo e/ou perceptual, para a realização da concordância verbal variável.

1.3. Justificativa da proposta

A pesquisa aqui desenvolvida se justifica pela necessidade de maiores investigações acerca do processamento da concordância em PB, mais especificamente, no que tange à concordância verbal. As pesquisas de cunho sociolinguístico a respeito da concordância não redundante têm sido de extrema importância, uma vez que, graças a elas, o fenômeno passou a ser reconhecido e tratado na literatura especializada como uma possibilidade gramatical, legítima e produtiva na língua. No entanto, apesar de o assunto já ter sido bastante investigado – principalmente em termos descritivos – tanto as análises teóricas quanto a compreensão do fenômeno em termos psicolinguísticos ainda apresentam lacunas importantes. Em particular, praticamente nada se sabe com relação ao modo como os falantes lidam com essa variabilidade no processamento da linguagem em tempo real, já que as pesquisas desenvolvidas até então se baseiam em dados de fala espontânea que não permitem qualquer controle sobre aquilo que é produzido e que não são informativos no que diz respeito à compreensão.

A ampla produtividade da regra de concordância não redundante na língua pode indicar mudanças mais profundas na gramática do PB no que tange à realização da concordância e a outros fatores sabidamente correlatos, por exemplo, o status da língua com relação ao parâmetro de sujeito nulo (cf. HOLMBERG & ROBERTS, 2013; dentre outros). Nesse sentido, o tópico, longe de estar esgotado, se mostra de grande interesse para a investigação tanto teórica quanto experimental.

1.4. Estrutura do trabalho

A dissertação estrutura-se da seguinte maneira: no capítulo seguinte (*A abordagem variacionista da concordância verbal no PB*) apresentamos um panorama do tratamento da concordância variável ao longo dos anos nos estudos de cunho sociolinguístico. Além disso, são arrolados os fatores linguísticos e extralinguísticos que, de acordo com o elencado na literatura, parecem favorecer a ocorrência da concordância verbal variável. Além disso, discutimos os estudos mais relevantes para essa dissertação que abordaram a questão da concordância variável. O Capítulo 3 (*Pressupostos teóricos: concordância na visão gerativista*) traz uma breve caracterização do modelo de língua assumido no âmbito dessa pesquisa. Nesse mesmo capítulo discutimos ainda algumas das principais análises para as relações de concordância que podem ser identificadas na Teoria Gerativa, salientando algumas mudanças pelas quais a caracterização do fenômeno tem passado ao longo dos anos. No Capítulo 4 (*Abordagem psicolinguística: processamento da concordância*) traçamos um breve panorama de modelos psicolinguísticos que buscam explicar o processamento da concordância, bem como de alguns trabalhos que investigaram pontualmente o processamento da concordância entre sujeito e verbo. Nesse mesmo capítulo, também discutimos uma pesquisa recente conduzida no inglês que abordou, especificamente, o processamento da concordância verbal variável nessa língua. No Capítulo 5 reportamos três experimentos desenvolvidos na presente pesquisa com o objetivo de investigar o processamento da concordância verbal variável no PB. Finalmente, no Capítulo 6 recapitulamos os objetivos propostos e apresentamos as considerações finais da nossa investigação.

2. A abordagem variacionista da concordância verbal no PB

Tanto a concordância nominal quanto verbal são geralmente definidas em termos da reiteração de certas informações – tais como gênero, número e pessoa – que seriam “copiadas” de um elemento a outro inter-relacionado sintática e/ou semanticamente. Essa reiteração de informações pode ser vista como uma marca explícita da dependência sintática ou semântica que existe entre tais elementos (BRANDÃO, 2009). Entretanto, segundo Corbett (2003), devido ao interesse de várias áreas pelo estudo das relações de concordância, o termo, por muitas vezes, aparece sendo definido de forma ambígua. Buscando uma definição mais precisa, Corbett retoma a definição de concordância proposta por Steele (1978, p. 610), de acordo com a qual: “*the term agreement commonly refers to some systematic covariance between a semantic or formal property of one element and a formal property of another*⁵”. Nesse sentido, segundo Corbett (2003), existiria um elemento que determina a concordância, chamado de *controlador* e um elemento tem sua forma determinada pelo controlador, o *alvo*. Por fim, o ambiente sintático em que a concordância ocorre seria o *domínio da concordância*. Dessa forma, a concordância nominal e verbal se diferenciam, crucialmente, no que tange ao ambiente sintático no qual ocorrem: um dado sintagma, no primeiro caso, e a sentença, no segundo.

Em consonância com a tradição da gramática normativa, visão predominante historicamente na descrição gramatical, o fenômeno da concordância foi longamente tratado em termos de regras categóricas. A gramática normativa (doravante, GN) contempla uma descrição das relações de concordância nominal e verbal, porém não legitima a existência de regras variáveis de concordância no PB. Um dos objetivos da GN é prescrever o conjunto de regras tidas como padrão do PB, pautadas na modalidade culta – e, geralmente, escrita – da língua, uma vez que tal modalidade coincide com aquela utilizada pelos falantes de maior prestígio social e econômico. Nesse sentido, a GN determina a forma tida como “correta” ou “padrão” da modalidade escrita da língua, sendo a modalidade falada, a depender da variedade específica, menos considerada.

No que diz respeito particularmente a concordância, a GN trata a ausência da marcação morfológica redundante de plural na concordância nominal e verbal como um erro que deve ser evitado, sendo, portanto os falantes que cometem tal “erro”

⁵ Tradução: “O termo concordância comumente se refere à covariância sistemática entre uma propriedade semântica ou formal de um elemento e uma propriedade formal de outro”.

estigmatizados. Bechara, na sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2004, p.53) traz a seguinte definição de concordância verbal: é “*aquela que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração*”.

Nas gramáticas de cunho normativo, em geral, o estudo da concordância verbal apresenta algumas subdivisões, a saber: concordância de palavra para palavra, concordância entre palavra e sentido e exceções nos casos de concordância. Como mencionado anteriormente, a GN não legitima a existência de regras variáveis de concordância, entretanto, dentre várias exceções descritas pela GN, destacamos aquela que diz respeito a contextos envolvendo expressões partitivas, como *a maioria de*, *grande parte de*. De acordo com a caracterização tradicional, em estruturas que tenham como sujeito expressões partitivas como as mencionadas e seguidas de um substantivo no plural, o verbo pode ficar tanto no plural quanto no singular. De acordo com essa análise, a concordância poderá ser feita com o elemento tido como núcleo sintático (*maioria*) ou com o denominado núcleo semântico do sujeito (*pessoas*), como pode ser verificado nos exemplos a seguir⁶:

(10) A **maioria** das pessoas **estava**Ø no show.

(11) A maioria das **pessoas** **estavam** no show.

Considerando apenas a exceção acima como caso ilustrativo – embora não seja a única apresentada nas gramáticas normativas – podemos observar que prescrever regras que envolvam a generalização e sistematização das relações concordância é uma tarefa complexa.

No que diz respeito à concordância nominal, a regra geral que a GN apresenta prescreve que o artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome devem se ajustar em número, gênero e grau em função do substantivo a que se referem (ROCHA LIMA, 2006; CUNHA & CINTRA, 1984; dentre outros). Entretanto, assim como acontece com a regra de concordância verbal descrita anteriormente, também existem exceções no que

⁶ Ainda no que diz respeito a expressões como “a maioria de”, Rodrigues (2011) apresenta uma análise baseada na caracterização gerativista da concordância verbal para expressões partitivas como as exemplificadas anteriormente. Segundo a autora, o que ocorre de fato não é uma concordância facultativa, mas a concordância verbal dependeria do status categorial do termo partitivo. A proposta é de que a concordância singular seria correspondente a uma representação estrutural do sujeito em que o termo partitivo é um núcleo lexical que seleciona um PP que contém um DP definido plural. A concordância no plural, por sua vez, corresponderia a uma representação do sujeito no formato de uma *Small Clause* (mini-orção ou mini-sentença) em que o termo partitivo atuaria como quantificador do DP plural com o qual o verbo concordaria.

tange a concordância nominal. Uma delas se refere à posição do adjetivo posposto a dois ou mais substantivos. Em casos como esse, as gramáticas contemplam duas possibilidades de realização da concordância: o adjetivo pode concordar no singular com o substantivo mais próximo, como em (12) ou pode ir para o plural, concordando com a “soma” dos dois substantivos, como vemos em (13). Quando ao gênero, se os nomes forem diferentes entre si nesse aspecto, o adjetivo deve ficar no masculino:

(12) Vi um cachorro e um **gato assustado**Ø.

(13) Vi um **cachorro** e um **gato assustados**.

Podemos observar que a GN delimita apenas algumas das opções presentes na língua como sendo aceitáveis, rejeitando a variação presente no sistema linguístico e se afastando por vezes da realidade linguística dos falantes. Por esse motivo, abordagens teóricas que reconhecem a heterogeneidade como uma característica intrínseca das línguas naturais têm buscado explicar fenômenos de variação, como o da concordância no PB a partir de outra perspectiva.

Estudos descritivos de cunho sociolinguístico têm mostrado de forma sistemática que a realização da concordância de número no PB corresponde a um fenômeno variável. Existe atualmente um conjunto significativo de estudos que abordam a questão da variação na concordância, tanto nominal quanto verbal no PB e um número crescente de pesquisadores que voltaram sua atenção para o fenômeno, reconhecido como legítimo no PB, já que como salienta Castilho (2010, p. 273): *“a postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui [no português brasileiro], dada a complexidade de fatores determinantes na concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua”*.

Apesar de essa variação ser atualmente reconhecida na língua, como aponta Melo (1975, p.98), ao dizer que a marcação não redundante de plural é *“um fenômeno geral do Brasil, constituindo a nota mais original e típica dos nossos falares”*, tal fenômeno ainda é socialmente estigmatizado, tratado como típico de falantes menos escolarizados e/ou oriundos de zonas rurais. No entanto, cada vez mais as pesquisas têm apontado que se trata de um tipo de ocorrência que não se restringe apenas a falantes menos escolarizados, mas encontra-se bastante disseminado na língua.

Como já mencionado, existe um número expressivo de estudos que abordam o fenômeno da concordância variável, visto que as pesquisas acerca do assunto

começaram há mais de 30 anos, ainda nos anos 70. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo apresentar um breve panorama dos achados mais representativos reportados na pesquisa de cunho sociolinguístico sobre a concordância verbal variável no PB.

2. 1. Concordância verbal variável na visão da Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística busca estudar a relação entre o uso de um determinado sistema linguístico e aspectos vinculados à natureza social da interação humana e a estrutura da sociedade. A Sociolinguística Variacionista, mais especificamente, busca investigar a variação e a mudança linguística inerentes a todo sistema linguístico. Um dos fundadores dessa abordagem foi o americano William Labov, cujos estudos, na década de 60, deram origem à denominada Teoria da Variação Linguística⁷. De acordo com essa perspectiva, a heterogeneidade linguística considerada por alguns como um “caos” linguístico, na verdade, poderia ser vista como estruturada e sistemática. Nesse sentido, as escolhas dos falantes por uma estrutura em relação à outra não seria aleatória, mas obedece a certas regras e princípios muitas vezes determinados pelo próprio sistema linguístico.

Até o surgimento de estudos embasados nos pressupostos da sociolinguística, a variação relativa à concordância de número inerente ao PB – bem como outros fenômenos de variação – era descrita apenas no âmbito da GN e tida como algo errôneo, ou excepcional na língua, produzido especialmente por falantes pertencentes às classes socioeconômicas menos favorecidas. Nesse sentido, ainda nos dias de hoje, existe uma polarização da realidade sociolinguística no Brasil: de um lado, *a norma culta*, definida com base em fatores mais econômicos e sociais do que propriamente linguísticos,

⁷ Na teoria da variação, alguns termos muito usados como *variável*, *variante* e *variação* têm sentidos e usos específicos. Pelo fato de serem fundamentais na literatura revisada neste capítulo, definiremos esses termos brevemente. Tarallo (1986, p. 8) afirma que: “*variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística*”. Essas variáveis são subdivididas em variável dependente e independente. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, a aplicação da regra de concordância verbal no PB, as variantes seriam então as formas que estão em competição: no caso, a presença ou a ausência de morfologia redundante de número no sujeito e no verbo. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais ou internos) e/ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as denominadas variáveis explanatórias ou independentes.

delimitada e caracterizada na GN. Do outro lado, a *norma popular*, não legitimada pela tradição gramatical e normalmente vinculada – no imaginário social – a uma parcela da população com menor escolaridade e sem grande poder econômico.

A concordância verbal não redundante é um dos fenômenos mais estigmatizados na norma popular, embora, como já mencionamos, apareça com cada vez mais frequência na fala de pessoas com alto nível de escolaridade e alto poder socioeconômico. Como ilustrado, abaixo temos um exemplo retirado da fala de uma das apresentadoras da previsão do tempo do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, no dia 28/05/2015:

(14) “Pode **aumentar** esses dados (...)”.⁸

Podemos observar a partir do exemplo em (14), que a marcação não redundante do plural na relação entre sujeito e verbo, não se restringe à produção de falantes com baixo nível de escolaridade e, como veremos adiante, também é encontrada na modalidade escrita da língua. Segundo Brandão (2009), o fato de não haver reiteração do conteúdo morfológico de plural não deve ser encarado como algo excepcional ou errôneo, mas sim como uma ocorrência específica no contexto de um sistema linguístico que contempla diferentes normas de uso.

A partir da década de 60, tomando como ponto de partida a constatação realizada por Labov de que as línguas são naturalmente heterogêneas, muitos pesquisadores se dedicaram ao estudo sistemático da variação linguística. No que tange ao PB, um grande número de estudos foi desenvolvido tendo como principal fonte de obtenção de dados diversos constituídos por corpora. Como mencionamos anteriormente, um dos fatos de variação mais estudado no PB por pesquisas de cunho variacionista é justamente a concordância variável, por ser um dos casos de variação mais estigmatizado e que causa maior preconceito linguístico⁹ entre os falantes.

Na literatura, encontramos duas análises principais que visam a explicar a progressiva redução da morfologia flexional que caracteriza a regra geral de concordância redundante. Essas duas perspectivas que buscam explicar as fontes da

⁸ Ao se referir aos dados de pessoas com dengue no estado, a apresentadora afirmou que nos próximos dias “*pode aumentar esses dados*”.

⁹ “Preconceito linguístico” é o termo usado para definir o julgamento pejorativo de variedades linguísticas populares, que são diferentes do prescrito na Gramática Normativa. Segundo Bagno (2002, p. 9): “*O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre a língua e gramática normativa*”.

variação no PB são conhecidas como visão *contatista* e visão *derivista* (ou *internalista*), respectivamente. A linha contatista tem sido defendida e difundida no Brasil especialmente por Lucchesi (2003, dentre outros). Segundo essa linha de pensamento, a perda da morfologia flexional decorreria de um processo de transmissão linguística irregular desencadeada pelo contato do PB com diversas línguas africanas e indígenas. Aqui entendemos o conceito de transmissão linguística irregular como o processo que ocorre em situações de colonização e/ou dominação em que a língua do grupo dominante se impõe, normalmente por forças econômicas e políticas. Dessa forma, o povo dominado, em sua grande maioria, formado por adultos, é forçado a aprender a língua dos dominadores. Essa língua aprendida acaba sofrendo variações a depender das características de cada contexto. Com o passar do tempo, os povos dominados vão abandonando suas línguas nativas e acabam por fornecer o *input* para aquisição da língua materna de novas gerações. O processo é considerado irregular porque o *input* a que as crianças têm acesso para adquirir sua L1 é advindo de uma segunda língua que foi adquirida por adultos tardiamente e, portanto, sofre muitas variações e interferências da língua materna desses adultos. Segundo Lucchesi (2009, p.101), essas línguas adquiridas tardiamente apresentam lacunas e processos de reanálise em relação a seus mecanismos gramaticais, diferentemente do que ocorre em transmissões linguísticas geracionais, em que crianças na fase de aquisição tem acesso a dados mais completos.

A proposta *internalista* (também chamada de *derivista*), por sua vez, foi formulada por Scherre e Naro (2007) e, assim como a visão contatista, assume que houve contato do português com outras línguas que coexistiram no Brasil na época da colonização. Entretanto, segundo Scherre e Naro (2007), as características específicas do PB não são resultado de criouliização. De acordo com os autores, o que pode ter acontecido é que tendências já previstas no sistema do PB teriam sido aceleradas devido ao contato com as línguas que coexistiram no Brasil na época da colonização. Segundo Scherre e Naro (2007, p. 28), a língua geral¹⁰ predominou até meados do século XVII, entretanto, a partir do século XVIII, a língua portuguesa “*começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual de seu predomínio maciço mesmo entre populações com pouca ou nenhuma ascendência lusa*”.

Assim como explicitado por Lucchesi (2012), com o tráfico negreiro, muitos africanos vieram para o Brasil. No entanto, a pouca documentação dessa época mostra

¹⁰ No Brasil, o termo *língua geral* designou a língua que surgiu em condição especial de contato entre europeus e os povos indígenas (LOBO, 2006).

que o português falado pelos africanos não era diferente do português falado por povos de outra etnia, embora o português falado por etnias diferentes apresente traços específicos, principalmente no léxico que corresponde a cada grupo étnico. Outro fator a favor da hipótese derivacionista, é o fato de que os africanos que chegavam ao Brasil ficavam geograficamente concentrados, impossibilitando a disseminação da língua por todo território brasileiro. Segundo Naro e Scherre (2007, p. 31):

Parece mais verossímil que os brasileiros de origem africana falassem variantes locais do português popular do Brasil, da época, ou um *pidgin* de base africana que, com o correr do tempo, caiu em desuso, exceto para os casos de comunicação secreta. Essa abordagem tem a vantagem de explicar a pesada influência lexical das línguas africanas no português popular do Brasil.

Nesse sentido, para os autores, seria “improvável” que tenha havido em algum momento no Brasil uma língua crioula influenciada predominantemente por etnias africanas, uma vez que a língua portuguesa antes de começar a se expandir com a colonização no Brasil, já “*possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento*” (SCHERRE & NARO, 2012, p.47). De acordo com essa visão, ao entrar em contato com outras línguas, o português falado no Brasil foi impulsionado mais fortemente na direção das mudanças já previstas pelo sistema, ou seja, tais mudanças se expandiram antes mesmo da colonização portuguesa. Em suma, para a hipótese internalista, não foram criados novos traços estruturais na língua durante todo o processo de ocupação e povoamento do território brasileiro. A ocorrência de fenômenos como a concordância verbal não redundante se justificaria pelo aumento na frequência e ampliação social de algumas estruturas estigmatizadas, que por sua vez, também ocorrem no português europeu popular. Essas estruturas estigmatizadas não acontecem ao acaso, mas sua ocorrência sofre influência de alguns fatores de ordem linguística e extralinguística.

Como já mencionado, as pesquisas de cunho sociolinguístico a respeito da concordância variável têm sido de extrema importância, uma vez que, graças a elas, o fenômeno passou a ser reconhecido e tratado na literatura especializada como uma possibilidade gramatical legítima e produtiva na língua. A seguir, resenhamos brevemente alguns dos principais estudos da Sociolinguística Variacionista que abordam a concordância variável, especificamente, no caso da concordância verbal.

2.2. Estudos sobre a concordância verbal variável na perspectiva da Sociolinguística Variacionista

Um bom número de pesquisas no âmbito da Sociolinguística Variacionista tem abordado a questão da concordância verbal variável no PB. Scherre e Naro (1998) deram início a um estudo no qual os participantes foram, anos mais tarde, recontactados por Paiva e Duarte (2003) que deram continuidade à pesquisa. A seguir, resenhamos os resultados da pesquisa completa, levando em consideração os resultados reportados por Scherre e Naro (1998) e Paiva e Duarte (2003). Foram delimitadas duas variáveis independentes ou explanatórias e suas implicações na realização da concordância verbal. Nesse estudo, como variável linguística, foi considerada a saliência fônica¹¹ (fator que será apresentado com mais detalhe na próxima seção) e como variável social, os anos de escolaridade dos informantes.

Ao longo da pesquisa, foi analisada a produção de três grupos de falantes do estado do Rio de Janeiro, sendo dois dos grupos conformados de forma aleatória (i.e. a partir de uma seleção aleatória de registros retirados de um corpus) e um não aleatório (envolvendo uma pré-seleção dos registros). O primeiro grupo aleatório consiste em 64 participantes e as gravações foram realizadas nos anos 80 (cf. OLIVEIRA E SILVA & SCHERRE, 1996). O segundo grupo aleatório é formado por 32 falantes e os registros correspondem à década de 90. O terceiro grupo, configurado de forma não-aleatória, é constituído por amostras de 16 falantes também retiradas do corpus dos anos 90. Os participantes do terceiro grupo foram recontactados por Paiva e Duarte em 1999-2000, cerca de 18 anos após o primeiro contato (PAIVA & DUARTE, 2003). Os dados obtidos nessa etapa da pesquisa constituem a amostra dos anos 2000.

Comparando as três amostras em termos cronológicos (1980, 1990 e 2000), foi observado que houve um aumento na porcentagem de realização da concordância verbal redundante. A amostra coletada em 1980 apresentou índice de 73% de concordância padrão na relação sujeito e verbo, enquanto a amostra dos anos 2000 apresentou índice de 84%, o que representa um aumento de 11% na realização da concordância redundante. De acordo com os autores, essa diferença se justifica devido ao aumento dos anos de escolaridade da população e, conseqüentemente, uma maior consciência das formas de prestígio e estigmas sociais.

¹¹ A saliência fônica está associada ao fato de formas singulares e plurais terem maior ou menor identidade fônica quando comparadas entre si.

No que diz respeito ao fator anos de escolarização, foi observado que este acompanha a tendência geral de aumento da realização do plural em todos os elementos da sentença. No grupo de 1980, os informantes com 1 a 4 anos de escolarização, apresentaram 63% de realização das marcas de plural redundantes, enquanto os informantes com escolaridade de 9-11 anos nessa mesma amostra apresentaram taxa de 82% de realização da concordância verbal redundante. O grupo dos anos 2000, entretanto, apresentou 75% de realização de concordância redundante no grupo com 1-4 anos de escolarização e 93% no grupo com 9-11 anos de escolarização. De acordo com os autores, o maior acesso a bens de consumo, bem como maior acesso à escola, têm levado ao aumento do índice de realização da concordância redundante.

Fatores linguísticos também parecem influenciar na realização ou não da marcação redundante de plural no verbo. Como mencionado, os autores voltaram à atenção também para o papel da saliência fônica. A concordância verbal com verbos tidos como menos salientes foi observada em 63% das ocorrências na amostra de 1980, 77% na amostra de 1990 e 77% na amostra de 2000. No que diz respeito aos verbos considerados como mais salientes, a concordância redundante foi observada em 85% das ocorrências na amostra de 1980, 91% na amostra de 1990 e 87% na amostra de 2000. Os autores salientam que a pequena diferença observada entre esses percentuais se dá em razão da estatística, mas que as amostras e os resultados são uniformes. Tomados em conjunto, segundo Scherre e Naro (1998, p. 13), os resultados evidenciam que:

(...) existe um sistema gerenciando a variação na concordância de número no português do Brasil, sendo, portanto, previsível se prever em que estruturas linguísticas e em que situações sociais os falantes são mais propensos a colocar ou não todas as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis das diversas construções.

Apesar do trabalho de Scherre e Naro (1998) apresentar dados que sinalizam o aumento da concordância padrão, a partir de dados anedóticos temos observado o oposto: o aumento da realização da concordância verbal não redundante, principalmente na modalidade escrita, inclusive de estudantes universitários.

Além de estudos que levam em consideração dados de língua falada – sejam eles de cunho diacrônico como a pesquisa de Scherre e Naro (1998) e Paiva e Duarte (2003) ou sincrônico (cf. SCHERRE, 1994) – o fenômeno da concordância variável também

tem sido investigado, como destacamos anteriormente, a partir de dados de produção na modalidade escrita. Motta (2011) investigou a ocorrência do fenômeno em redações de alunos frequentando cursos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e alunos matriculados em cursos regulares dos ensinos fundamental e médio em escolas públicas e privadas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. Esse estudo teve o intuito de analisar os fatores linguísticos que mais influenciam na marcação de plural de 3ª pessoa nas redações, além de avaliar fatores extralinguísticos como diferenças na taxa de marcação da concordância redundante em função do nível de escolaridade (EJA, ensino fundamental e médio), sexo dos participantes e faixa etária. Os dados coletados foram divididos em três grupos. O grupo 1 era formado por redações de alunos de uma escola da rede privada, o grupo 2 foi formado por produções textuais de alunos de uma escola da rede Municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro e o grupo 3 consistia de produções de alunos de uma escola da rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro.

A análise apresentada pela autora sugere que a saliência fônica, na modalidade escrita na língua, é um fator linguístico decisivo para presença ou ausência da marca de plural em verbos da terceira pessoa. Já a atuação do fator da distância do verbo em relação ao sujeito foi verificado em algumas redações, entretanto, foi registrado um número reduzido de ocorrências (19 dados, com 12 ocorrências com marcação de plural, totalizando 63%). Apesar do pequeno número de ocorrências, quando o sujeito estava distante do verbo, mais da metade dos verbos apresentaram marcação de plural. O fato de o sujeito estar anteposto ao verbo também se mostrou um fator determinante para a realização da concordância redundante. Segundo a autora, a posição do sujeito anteposto em relação ao verbo favorece consideravelmente o uso da variedade padrão na concordância verbal.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, nessa pesquisa foi constatada a tendência ao cancelamento da marca de plural nas redações produzidas por falantes com idade mais avançada. Quanto à variável sexo, não houve diferença entre o número de ocorrências nas produções quando comparados homens e mulheres. No que tange à modalidade de ensino EJA, a hipótese inicial da autora – de acordo com a qual as redações de alunos dessa modalidade apresentariam um número significativamente menor de ocorrências de concordância verbal redundante – não foi sustentada pelos dados, uma vez que foi constatado um número considerável de verbos flexionados no plural.

Vale ressaltar que esse estudo, conduzido em 2011 a partir de dados coletados nos anos de 2009 e 2010, apresenta diferenças em relação ao que foi apresentado em outras pesquisas, por exemplo, no caso da atuação de fatores extralinguísticos como o sexo, sugerindo que alguns fatores possam estar sendo neutralizados (BORTONI-RICARDO, 2004). Outro aspecto importante diz respeito ao papel da distância linear entre sujeito e verbo na realização do fenômeno. Os dados analisados por Motta (2011) não permitem afirmar que a relevância da distância linear esteja sendo neutralizada e nem que ela continue efetivamente sendo um fator de destaque, em virtude do pequeno volume de ocorrências de sujeitos distantes de verbos na amostra analisada. No entanto, diversos estudos prévios (VIEIRA & BRANDÃO, 2009; NARO & SCHERRE, 1997; GRACIOSA, 1991), indicaram que a distância linear entre sujeito e verbo seria sim um dos fatores determinantes para a realização ou não da marca de plural no verbo. A partir dos resultados conflitantes apresentados na literatura, concluímos que esse fator precisa ser melhor estudado, motivo pelo qual – como já antecipamos – tal variável foi escolhida para ser investigada experimentalmente no âmbito desta dissertação.

Dentre as pesquisas mencionadas, destacamos aqui o trabalho conduzido por Soares (2012) que investigou a aprendizagem da regra variável¹² da concordância verbal. A pesquisa foi realizada com crianças de 3, 4 e 5 anos. Foi verificado que o desempenho das crianças foi semelhante ao de informantes adultos em outras pesquisas sobre a concordância verbal variável. Segundo a autora, a variação na aplicação da regra de concordância verbal na fala de crianças nas faixas etárias pesquisadas também obedece a fatores linguísticos, como saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo e número de elementos intervenientes entre sujeito e verbo. Um ponto bastante interessante nessa pesquisa é o fato de mostrar que a variação parece ser natural e é um fenômeno verificado inclusive durante a aquisição da linguagem, na fala de crianças na fase pré-escolar, em que geralmente elas não têm contato direto com a prática da leitura.

Um estudo recente analisou a produção de falantes da variedade urbana culta do PB e concluiu que esses falantes tendem a realizar quase que sistematicamente a concordância verbal redundante (ARAUJO, 2015). É importante salientar, no entanto,

¹² Diferentemente de outros trabalhos, a pesquisa de Soares, intitulada “A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de crianças de uma creche comunitária de Porto Alegre: aprendizagem de uma regra variável” aborda a variação nas regras de realização da concordância como uma questão de aprendizado. No entanto, os dados reportados sugerem que se trata mais de um processo de aquisição da regra variável do que do aprendizado de regras.

que esse trabalho foi conduzido a partir de dados retirados do corpus do projeto NURC¹³ (Projeto Norma Urbana Culta) – isto é, dados coletados nas décadas de 70 e 90 – e que, portanto equiparam esse estudo às primeiras pesquisas realizadas no âmbito da sociolinguística no que diz respeito à data de coleta. Segundo Araujo (2015), apesar da observação sistemática da aplicação da regra de concordância verbal padrão, em alguns casos, observou-se a realização da regra não padrão. Em uma das análises conduzidas, em que se utilizou como base de dados o corpus mínimo do NURC¹⁴ observando apenas ocorrências contendo sujeitos na terceira pessoa do plural, foi verificado que só 8% (22 no total de 268 ocorrências) das ocorrências apresentam casos de concordância não padrão. Segundo a autora, a concordância não padrão não acontece aleatoriamente, mas segundo algumas variáveis (apresentadas aqui seguindo a ordem de importância sugerida pela autora):

- (i) posição do sujeito em relação ao verbo;
- (ii) posição do sujeito e material interveniente; e
- (iii) valor discursivo do sujeito (tema/rema).

No que diz respeito à quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo e a posição do sujeito (anteposto ou posposto ao verbo) – assim como na pesquisa de Motta (2011) – foram registradas poucas ocorrências de concordância não redundante. Na posição sujeito anteposto distante, foram registradas 8 ocorrências e apenas 2 não apresentaram concordância padrão; na posição sujeito posposto distante, apenas 1 ocorrência foi registrada e nesse único caso, houve realização da concordância verbal redundante. Esse único caso de sujeito posposto distante é reportado como representando 100% de realização da concordância padrão, entretanto, quando desconsiderados os valores absolutos de ocorrências, esse número passa a falsa ideia de que configurações com sujeito posposto distante seriam favoráveis à realização da

¹³ O corpus NURC-Rio de Janeiro é constituído de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas.

¹⁴ O Corpus mínimo do NURC corresponde a 5 ocorrências de elocuições formais (EF), diálogos entre informantes e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). Cada uma das 5 ocorrências de cada tipo correspondem a uma das capitais brasileiras nas quais foi desenvolvido o projeto NURC, sendo elas: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador.

concordância padrão. Consideramos, entretanto, que o número de ocorrências é pequeno demais para extrair qualquer conclusão mais robusta.

Em conjunto, os resultados das pesquisas resenhadas até aqui sugerem que a concordância verbal variável é um fenômeno natural e produtivo no PB. Todavia, como vimos, alguns estudos indicam que, o maior acesso ao mundo letrado, poderia estar contribuindo para que a ocorrência desse fenômeno venha se reduzindo com o passar dos anos. Dados da produção oral de falantes do município de Oliveira Fortes (MG) e dados anedóticos de produção escrita parecem, no entanto, contradizer a afirmação anterior.

Ribeiro (2013) investigou a realização da concordância verbal e nominal no município de Oliveira Fortes, no estado de Minas Gerais. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista sociolinguisticamente orientada, ficha social e ficha de redes. Ao todo, 24 informantes foram entrevistados. Foram registradas 810 ocorrências de concordância no sintagma verbal, com predomínio da concordância não redundante – representando 80,6% das ocorrências. Esses resultados vão ao encontro da ideia de um aumento da concordância não-redundante, que segundo a autora, é um fenômeno que vem sendo recorrente no PB desde o início da colonização do Brasil.

Além disso, como já foi apontado, em muitas ocasiões as pesquisas aqui reportadas foram conduzidas a partir de corpora coletados até, no máximo, os anos 90. Com a recente expansão do uso das diversas mídias sociais, a produção e circulação de textos escritos – produzidos em contextos não escolares e, com baixo grau de formalidade, de modo geral – têm sofrido um aumento significativo. Nesses ambientes virtuais, é possível encontrar com relativa facilidade, ocorrências de concordância verbal não redundante como as ilustradas em (15), (16) e (17).

(15) “Até agora a caixa seguradora não consegui resolver meus problemas desde dezembro. Uma hora eles **quer** que eu chame um caça vazamentos mas como eu vou chamar se o caça vazamentos quer receber porque eles não **manda** um então. É tão fácil”. (Comentário de internauta no *site* Reclame aqui, 20/01/2015)

(16) “Ate que fim pensando nas pessoas que não **teve** oportunidade de estudar pai e dona de casa assim adorei essa noticia”. (Comentário de internauta na página do *Facebook* da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, dia 20/01/2015)

- (17) “É sempre fake esses concursos!!!... As mais feias sempre **vence**!!!!...
Deveriam serem proibidos!!!” (Comentário de internauta no site do Jornal Extra, 29/06/2015)

Dados de produção espontânea escrita encontrados nesses contextos sugerem que – diferentemente do observado em algumas pesquisas baseadas em coletas de língua falada – a regra de concordância não redundante encontra-se bastante disseminada entre os falantes do PB, inclusive aqueles com maior nível de escolaridade. Essa ideia parece ser reforçada por ocorrências frequentemente encontradas em textos acadêmicos produzidos por alunos cursando o ensino superior, como pode ser observado nos exemplos em (18) e (19).¹⁵

- (18) “(...) **Fica**Ø agramatical frases sem o sujeito”.

- (19) “(...) Logo no início do documentário, **é apresentado** os principais problemas da menina.”

Além dos estudos resenhados, muitos outros trabalhos abordaram a questão da concordância verbal variável no PB. Em conjunto, os estudos que abordam a questão da concordância não redundante apresentam evidências de que variáveis linguísticas tais como a saliência fônica, a posição do sujeito e a distância linear podem influenciar na realização da regra de concordância verbal. Além disso, também indicam que fatores extralinguísticos, especialmente o nível de escolaridade, são importantes. Em outro estudo realizado por Silva (2005) o fator *localização geográfica* também se mostrou relevante. Nesse caso, foi analisada a realização da concordância verbal de terceira pessoa em três comunidades diferentes do estado da Bahia. Segundo a autora: “*o estágio de urbanização pode favorecer o processo de aquisição de um padrão linguístico tendente a apresentar progressivamente a ocorrência da concordância [redundante] entre o sujeito e o predicado*” (p.6). Na próxima seção retomamos e apresentamos de forma mais detalhada os fatores linguísticos e extralinguísticos apontados pela literatura como favorecedores e desfavorecedores das duas regras de concordância verbal: redundante e não redundante.

¹⁵ Trechos de sentenças aleatoriamente selecionados, coletados de forma anedótica a partir de trabalhos acadêmicos produzidos no contexto disciplinas diversas, por alunos universitários, no período 2014-2015.

2.3. Fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores e desfavorecedores da concordância redundante de número

De acordo com Scherre e Naro (1997, p.93), a concordância verbal e nominal variável, no que diz respeito à categoria gramatical de número, é amplamente documentada no PB. Como vimos anteriormente, a partir da análise de corpora, um conjunto de variáveis que parecem determinar a aplicação das duas regras gerais já mencionadas tem sido levantado (ALMEIDA, 1997; GRACIOSA, 1991; VIEIRA, 1995), dentre as quais podemos destacar os seguintes fatores linguísticos: a saliência fônica, o paralelismo formal, a posição do sujeito com relação ao verbo, a quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo e animacidade do sujeito. A seguir, cada um desses fatores será discutido brevemente.

O princípio da saliência fônica, inicialmente formulado por Lemle e Naro (1977), está associado ao fato de formas singulares e plurais terem maior ou menor identidade fônica quando comparadas entre si. Nesse sentido, as formas singular e plural de verbos como *ser*, na terceira pessoa do presente do indicativo (*é/são*) teriam um maior grau de saliência fônica do que em verbos do tipo de *comer* (*come/comem* no presente do indicativo) em que as formas singular e plural são mais semelhantes fonética e morfológicamente entre si. Análises de corpora sugerem que quanto menor o grau de saliência fônica, mais favorável seria o contexto à não realização redundante da marca de plural. Embora esse princípio possa se aplicar tanto a nomes quanto a verbos, a influência desse fator tem sido estudada mais frequentemente no que tange à concordância nominal. Assim, no que diz respeito aos substantivos, Scherre (1988) propõe uma escala de saliência¹⁶ que vai de 1 a 6, sendo o grau 1 correspondente a substantivos tidos como mais salientes e o grau 6 os substantivos menos salientes. A seguir temos um quadro demonstrativo, que parte do grau 1 ao grau 6.

[+salientes] → [-salientes]					
Grau 1	Grau 2	Grau 3	Grau 4	Grau 5	Grau 6
Marca dupla de plural	Itens terminados em -l	Itens terminados em -ão	Itens terminados em -r	Itens terminados em -s (no singular)	Itens terminados em

¹⁶ Vale lembrar que outras escalas de saliência têm sido propostas na literatura. Ver por exemplo, Guy (1981).

					vogal oral ou nasal
Jornaizinhos Ovo/ Ovos	Pastel/ pasteis Vogal/vogais	Anão/anões Peão/peões	Revólver/ revólveres Professor/ professores	Mês – meses Gás – gases	Menin a - menin as Item - itens

Tabela 1: Quadro com substantivos de acordo com os graus de saliência fônica propostos por Scherre (1988).

O princípio do paralelismo formal, por sua vez, consiste na ideia de que *marcas levariam a marcas e zeros levariam a zeros*. Dessa forma, segundo Brandão (2009: 65) “*uma vez presente, por exemplo, o morfema de plural num constituinte do SN, este poderia condicionar a presença do morfema no elemento subsequente, o mesmo ocorrendo em relação à ausência de marca*”. Scherre e Naro (1993) estabeleceram alguns critérios para a aplicação do princípio do paralelismo formal, quais sejam:

- a) A construção observada deve se referir ao mesmo sujeito da construção anterior;
- b) Deve ocorrer a uma distância de até dez orações;
- c) Na oralidade, a mudança de turno seria considerada uma ruptura da série.

Um estudo realizado por Monguilhott e Coelho (2002), no qual foram investigadas produções textuais de estudantes universitários, voltando a atenção para o paralelismo formal, revelou que no sintagma determinante quando o último elemento apresenta marca de plural (20), o verbo da sentença também recebe a marca. Assim como a não marca no último elemento no DP, levaria igualmente à ausência do morfema de plural no verbo (21).

(20) As meninas e os meninos saíram de casa.

(21) Meu pai e minha tia viajouØ para Europa.

Outro fator que pode exercer influência na realização da concordância verbal de número é a distância relativa entre sujeito e verbo. Segundo Scherre e Naro (1997), quanto mais material interveniente houver entre o núcleo do sujeito e o verbo, menores são as possibilidades de haver concordância redundante entre ambos os elementos. Uma das explicações para isso seriam restrições da capacidade de memória de trabalho dos

indivíduos, que teriam maiores dificuldades para recuperar a informação de número do núcleo do DP sujeito. Os autores formulam uma métrica relativa ao número de sílabas intervenientes para mensurar a distância entre sujeito e verbo e, assim, prever a possibilidade da realização ou não realização da marca de concordância redundante de número. Scherre e Naro (1997, p.102), propõem a seguinte classificação¹⁷:

- a) Sujeito imediatamente à esquerda do verbo;
- b) Sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 1 a 4 sílabas;
- c) Sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 5 ou mais sílaba;
- d) Sujeito à direita do verbo;
- e) Sujeito zero próximo do verbo;
- f) Sujeito zero distante do verbo.

É frequente na escrita ocorrências da realização da concordância verbal não redundante quando o sujeito está distante do verbo, como exemplificado em (22), e em (23) em que além da distância, também há paralelismo entre o primeiro e o segundo verbo. A distância parece ser um fator de extrema relevância para a realização da concordância redundante. No âmbito dessa dissertação, o fator distância linear foi escolhido como aspecto específico a ser investigado experimentalmente no âmbito desta dissertação. Por esse motivo, voltaremos a esse ponto com mais detalhe no Capítulo 5.

(22) Os livros, sobre a viagem dos navegantes do século XVI, já **menciona** o fato narrado. (Exemplo retirado de Vieira (2013, p. 88))

(23) “Os policiais militares, Sargento Souza e Sargento Ottoni (na foto acima), sob o comando do capitão Flávio, **realizou** nessa quarta-feira, 20/01, duas ocorrências que **resultou** em prisões dos autores”. (Blog Adenilson Mendes, acesso em 21/01/2016)

Um terceiro fator que, de acordo com a literatura, pode ser decisivo na marcação da concordância redundante de número é a posição do sujeito em relação ao verbo. Pesquisas no âmbito da Sociolinguística Variacionista mostram que quando o sujeito antecede imediatamente o verbo, este tende a receber a mesma marca morfológica de número exibida pelo sujeito. O oposto acontece quando o sujeito é localizado após o

¹⁷ Os autores não fornecem exemplos para ilustrar essa classificação.

verbo. Nesse caso, o verbo tende a não receber a marca de número plural. A atuação desse fator é constatada não apenas na produção espontânea falada, mas também na modalidade escrita. Dados analisados por Costa (1994), a partir de um *corpus* constituído por cem textos produzidos na modalidade escrita por falantes de diversos níveis de escolaridade, levam a autora a afirmar que “*a posição do sujeito parece ser decisiva no controle da variabilidade da concordância verbal*” (p.139). Segundo a própria autora ainda: “*nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, detectei, mais facilmente, ausência de concordância*” (p.139).

Outros dados informativos a respeito da importância da posição do sujeito em relação ao verbo também podem ser encontrados nos trabalhos de Silva (2008) e Santos (2010). Silva analisou redações escolares dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, verificando que, quando o sujeito estava anteposto e próximo ao verbo, a taxa de realização de concordância redundante era de 97%. Já no trabalho de Santos (2010), foram constatadas 631 ocorrências de concordância redundante quando o sujeito estava em posição pré-verbal e 76 ocorrências quando o sujeito estava alocado em posição pós-verbal, o que reforça a ideia de que o sujeito em posição inicial favoreceria a reiteração da marca plural no verbo.

Um último fator, que diz respeito a uma dimensão mais semântica do que estrutural, diz respeito à animacidade do sujeito. Segundo Brandão (2009), sujeitos mais animados tendem a favorecer a marca de plural, tanto no domínio do sintagma nominal quanto na relação sujeito-verbo. A princípio, há controvérsias no que diz respeito ao fato dessa variável ser relevante na realização na concordância verbal, entretanto podemos olhar para esse fator como estando ligado à capacidade que verbos têm de expressar eventos, estados e ações. Nesse sentido, esta capacidade estaria ligada a características que os sujeitos têm de exercer papéis temáticos mais agentivos. Assim, o fator *animacidade* do sujeito estaria ligado à dinâmica dos verbos. Sujeitos agentivos tendem a ocorrer com mais frequência com verbos transitivos, como *fazer, acreditar, comer*, que favoreceriam a concordância redundante.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas que parecem ter algum papel na realização do fenômeno da concordância verbal variável, *idade, local de procedência e sexo* são alguns dos fatores que têm sido investigados. No entanto, o *nível de escolaridade* é, dentre os fatores sociolinguísticos explorados na literatura, o que tem sido mais frequentemente identificado como relevante. Assim sendo, um maior nível de escolaridade parece favorecer a ocorrência da regra de marcação redundante, enquanto a

regra não redundante teria maiores probabilidades de ocorrer quando os falantes possuem um grau de escolaridade menor.

O contraste entre a aparente redução das ocorrências de concordância verbal não padrão – apontada por algumas das pesquisas resenhadas – e a considerável frequência com que dados como os apresentados nos exemplos (15-19) são registrados, pode ser tomado como um indicativo da necessidade novas pesquisas e metodologias alternativas que possam trazer um olhar renovado para o estudo do fenômeno em questão. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a concordância verbal variável numa perspectiva psicolinguística, lançando mão da metodologia experimental como meio para se obterem dados relevantes para a análise. No Capítulo 4, discutiremos algumas propostas de análise para as relações de concordância cunhadas no âmbito de estudos sobre o processamento linguístico. Antes disso, no próximo capítulo, apresentamos o modelo de língua assumido nesta pesquisa e introduzimos os pressupostos teóricos adotados no que tange à caracterização das relações de concordância.

3. Pressupostos teóricos: concordância na visão gerativista

O objetivo do presente capítulo é trazer uma breve caracterização do modelo formal de língua assumido no âmbito desta pesquisa, bem como discutir algumas das principais análises para as relações de concordância que podem ser identificadas na teoria gerativa, elencando algumas mudanças pelas quais a definição do fenômeno tem passado nesse *framework*. Por último, este capítulo traz ainda uma resenha de algumas propostas específicas de análise para o fenômeno da concordância variável no PB formuladas no contexto desse quadro teórico.

No Modelo Padrão (CHOMSKY, 1965), o sistema linguístico era, grosso modo, entendido como um sistema de regras agrupadas em dois grandes tipos: regras sintagmáticas e transformacionais. As regras sintagmáticas seriam responsáveis por gerar a *estrutura profunda* da sentença, ao passo que as regras transformacionais, gerariam a *estrutura de superfície*. O sistema flexional concebido no âmbito do Modelo Padrão também era formado por regras. Esse sistema flexional seria composto por um conjunto de regras que operam sobre informações sintáticas (HAEGEMAN, 1991). Tais informações incluem aspectos como gênero, número e pessoa – e mais tarde viriam a ser chamados de traços-*phi*. O papel do sistema flexional seria o de reconhecer essas informações sintáticas permanentes na matriz de traços dos nomes (N). No Modelo Padrão, subteve-se que através de regras de cunho sintagmático, os Ns já seriam inseridos com a matriz de traços citada. Consequentemente, uma regra transformacional deveria distribuir esses traços pelos adjetivos e verbos, quando necessário.

Chomsky (1965) estabelece uma distinção entre traços de gênero e de número. As especificações dos traços categoriais e dos traços de gênero seriam inerentes ao nome (N, ou seja, fariam parte da entrada lexical dos Ns, enquanto as especificações dos traços de número e de caso seriam introduzidas por regras gramaticais). No que tange especificamente à concordância, podemos observar que esta é entendida de maneira semelhante aos outros processos flexionais:

O sistema operaria de modo a atribuir aos verbos e aos adjetivos (além de artigos, quantificadores, etc.) os valores dos traços especificados nos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos. Chomsky postulou que a gramática deveria conter regras transformacionais de concordância que atribuiriam aos termos diretamente ligados ao nome todas as

especificações de traços por este apresentada. (Ferrari Neto, 2009, sem paginação)

Desse modo, o determinante (D) concordaria com o N em gênero, número e caso. Após a aplicação dessa regra, outras regras, mas agora de natureza fonológica, entrariam em ação. Essas regras fonológicas traduziriam o valor desses traços em expressões morfofonológicas.

A partir dos anos de 1980, com a denominada teoria de Princípios e Parâmetros (doravante, P&P) introduzida por Chomsky (1981) houve diversas mudanças nas formulações gerativistas. De acordo com essa teoria, todas as línguas possuem em comum um conjunto de princípios universais, assim como um conjunto de variações possíveis, porém previamente limitadas. Essas possibilidades de variação são denominadas parâmetros. Nesse contexto, é introduzido o conceito de *Gramática Universal* (GU), uma dotação genética da espécie humana, que conteria ambos os tipos de informações: os princípios universais – que não precisam ser adquiridos e são comuns a todas as línguas – e os parâmetros de variação, cujos valores devem ser fixados pela criança ao longo do processo de aquisição de cada língua específica.

No que diz respeito especificamente ao tratamento da concordância, na teoria de Princípios e Parâmetros, diferentemente da Teoria Padrão, à flexão verbal é conferida autonomia a partir da postulação da categoria funcional Infl (*Inflection*, em inglês), composta por T (= *Tense*) e Agr (= *Agreement*) – de acordo com a proposta de Pollock (1989), apesar de o número continuar sendo tratado como um traço formal. A categoria Infl na Teoria de P&P inclui assim marca de tempo e de concordância. Nessa perspectiva, para que a concordância verbal aconteça, o verbo (V) precisa ser alçado até o núcleo Infl e, dessa forma, receber a flexão. Os traços da flexão, subsequentemente seriam lidos na interface fonética como uma instrução para informar a codificação da expressão morfofonológica dessas informações.

No Minimalismo (CHOMSKY, 1995, 1999 e trabalhos subsequentes) ocorre uma mudança importante no que diz respeito à abordagem da concordância entre sujeito-verbo, na medida em que concordância passa a ser analisada como uma relação entre constituintes sintáticos. Diferentemente, em análises anteriores baseadas na proposta de Pollock (1989), a concordância era tratada em termos da projeção funcional Agr (desmembrada posteriormente em AgrS, para o sujeito e AgrO, responsável pela concordância de objeto (Chomsky, 1995)).

Após essa breve contextualização histórica, apresentamos a seguir o modelo de língua mais recentemente adotado na teoria gerativa de orientação chomskyana e a abordagem atualmente assumida para dar conta das relações de concordância no interior dessa proposta teórica. Cabe lembrar que tais perspectivas foram adotadas como pressupostos teóricos no desenvolvimento da nossa pesquisa.

3.1. Modelo de língua assumido e o tratamento da concordância no minimalismo

De acordo com a Teoria Gerativa, todo ser humano nasce dotado de um aparato biológico responsável pela aquisição da linguagem, denominado *faculdade da linguagem*. A faculdade da linguagem, considerada em seu estado inicial, seria comum a todos os indivíduos da nossa espécie. Chomsky (1976) postulou a existência desse “órgão da linguagem” a partir da constatação de que não falamos apenas aquilo que já ouvimos um dia (como uma mera repetição) e, além disso, qualquer criança, salvo complicações patológicas ou privação social, domina a sua língua materna em um período de tempo bastante curto. O estado inicial da faculdade da linguagem sofreria modificações a partir da experiência – contato com o *input* – do indivíduo inserido em uma dada comunidade linguística. Assim, a exposição a uma determinada língua desenvolveria o conhecimento específico da gramática dessa língua (também chamada, em trabalhos mais recentes, de língua-I¹⁸ (CHOMSKY, 1986)).

No contexto do Programa Minimalista (doravante, PM), Hauser, Chomsky & Fitch (2002) postulam uma reformulação da noção de faculdade da linguagem que passa a ser concebida como composta pela Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito (FLN, *Faculty of Language in the Narrow Sense*) e pela Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (FLB, *Faculty of Language in the Broad Sense*). A FLN é composta por um sistema computacional especificamente linguístico, independente de outros sistemas, caracterizado crucialmente – de acordo com esses autores – pela propriedade da recursividade. A FLB, por sua vez, inclui a FLN somada ao conjunto de sistemas cognitivos de desempenho, a saber: o sistema articulatório-perceptual (ou sensório-motor) e o sistema conceptual-intencional (ou sistemas de pensamento). A relação entre o sistema computacional linguístico e esses sistemas é estabelecida a partir de dois níveis de interface, também linguísticos. De acordo com essa concepção, o sistema

¹⁸ A língua-I (interna, internalizada, intensional) seria a capacidade linguística de um indivíduo, ou seja, uma “língua mental”. A língua-E (externa, exteriorizada, extensional), por sua vez, está ligada à produção linguística do falante, ao comportamento linguístico observável (Xavier & Morato, 2014.).

computacional gera representações linguísticas internas e as encaminha para as interfaces: a Forma Fonética (PF – *Phonetic Form*) e a Forma Lógica (LF – *Logical Form*), que alimentam o sistema articulatório perceptual e conceitual intencional, respectivamente. Assim, PF só interpreta informações de natureza fonológica e LF lida com traços de natureza semântica. Nesse sentido, assume-se que as interfaces impõem restrições de legibilidade ao sistema computacional, sendo que esse modo de operação do sistema decorreria, o denominado Princípio da Interpretabilidade Plena (ou PIP).

A concepção de língua, veiculada pelo PM, é a de um sistema gerativo que opera de modo a gerar expressões linguísticas que servem de interface entre o domínio cognitivo linguístico e os demais sistemas utilizados na efetiva implementação do desempenho (CORRÊA, 2011). A língua, como vimos, é concebida como sendo formada pelo sistema computacional linguístico, tido como inato, e por um léxico, que precisa ser adquirido e “alimentaria” o sistema computacional. O léxico, por sua vez, é formado por itens pertencentes tanto a categorias funcionais (determinantes, flexões verbais, complementizadores, etc. – D, T, C), quanto lexicais (nomes, verbos, adjetivos e (algumas) preposições – N, V, Adj, P), compostos por traços fonológicos, semânticos e formais. Nessa visão, os traços podem ser vistos como as unidades atômicas da sintaxe que se combinam para dar origem a estruturas linguísticas. Como já mencionado, traços fonológicos são relevantes para PF, enquanto traços semânticos são lidos por LF. Já os traços formais, possibilitam o funcionamento do sistema computacional e retratam propriedades gramaticais (tais como gênero, número, pessoa, caso, QU, etc.) (AUGUSTO, 2005) e podem ser interpretáveis ou não interpretáveis (em termos semânticos). Dessa forma, apenas os traços formais interpretáveis são lidos na interface semântica. Já os traços formais não interpretáveis são valorados e eliminados ao longo da derivação da sentença, uma vez que não podem ser “lidos” por nenhuma interface.

Segundo Corrêa (2011, p.7), os traços formais “*tornam os elementos do léxico acessíveis, como símbolos, ao sistema computacional [...] para que sejam combinados em uma estrutura sintática*”, servindo estritamente, à computação sintática. Assim, uma derivação linguística seria o resultado da atuação do sistema computacional sobre traços formais selecionados do léxico, formando arranjos de itens combinados hierarquicamente a partir das operações desse sistema, quais sejam: *Select*, *Merge*, *Agree* e *Move*. Através da operação *Select*, itens lexicais da numeração (i.e. um conjunto de itens selecionados do léxico) são selecionados e a operação *Merge* é responsável por concatená-los. A operação *Agree*, por sua vez, elimina os traços não interpretáveis por

meio da valoração dos traços interpretáveis que foram concatenados na operação *Merge*. Já a operação *Move* é acionada quando um traço específico (como o traço EPP, por exemplo – do inglês *Extended Projection Principle*¹⁹) exige o deslocamento de um elemento já presente na estrutura em derivação. Por fim, a passagem da estrutura sintática para as interfaces com os sistemas de desempenho é denominada *Spell-out*. Nesse ponto da derivação, as informações relevantes para cada um dos níveis de interface são separadas e enviadas para PF e LF. A figura 1 abaixo mostra de forma esquemática, uma derivação linguística de acordo com a visão veiculada no PM:

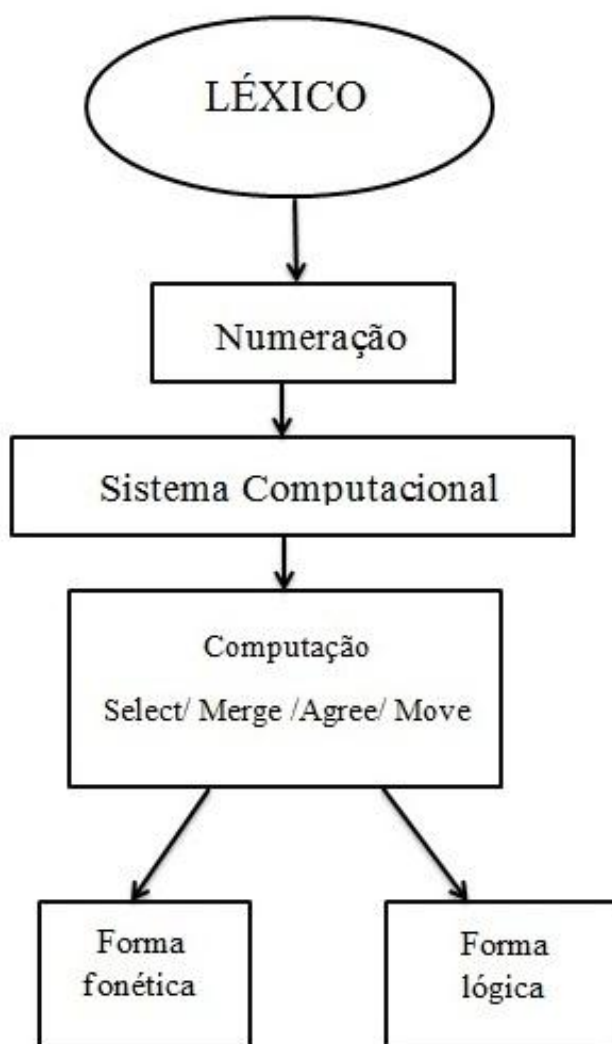


Figura 1: Esquema de uma derivação linguística no PM

¹⁹ De acordo com o Princípio de Projeção Estendida (EPP), a posição de sujeito nas sentenças deve ser sintaticamente representada. Também o critério Θ requer que os argumentos de um predicado sejam sintaticamente representados. (HAEGEMAN, 1994, p. 254). Em propostas mais recentes, EPP tem sido reinterpretado como um traço formal, associado a essa exigência sintática. Assim, a presença desse traço associado a T (flexão verbal) seria responsável pela projeção de uma posição de especificador (Spec) a ser ocupada pelo sujeito sintático.

Segundo Rodrigues (2006), o Programa Minimalista representa um avanço quando avaliada uma possível articulação de pesquisas psicolinguísticas e teoria linguística, uma vez que:

(...) as operações realizadas pelo componente computacional devem sempre resultar em estruturas legíveis pelos sistemas de desempenho. A medida, pois, de avaliação da teoria passa a ser de certo modo externa, no sentido que o sistema computacional deve responder a restrições impostas pelo sistema de desempenho. (RODRIGUES, 2006, p.26).

Nas seções seguintes, apresentamos de forma mais detalhada as análises propostas no âmbito da Teoria Gerativa para dar conta das relações de concordância de modo geral e, especificamente, da concordância verbal.

3.1.2. Análises minimalistas da concordância

No que diz respeito à concordância de número, a sua caracterização teórica sofreu mudanças significativas nos diversos estágios da história do gerativismo. Como vimos na introdução deste capítulo, a concordância foi analisada nos primeiros modelos em termos de regras – correspondentes ao componente transformacional da gramática – posteriormente, em termos de núcleos funcionais e mais recentemente, concebidos como uma operação entre constituintes e núcleos sintáticos. As mudanças não se esgotam, no entanto, nessas três visões. Já no contexto do PM, encontramos mais de uma análise para o fenômeno. A seguir, abordamos as duas propostas principais nesse sentido: as análises baseadas em *checagem* e *valoração* de traços.

A primeira proposta de análise para as relações de concordância na visão minimalista é denominada de modelo de *checagem de traços formais* (CHOMSKY, 1995) e estabelece que tanto os traços interpretáveis quanto os não interpretáveis devam entrar na numeração com valor definido. A operação *Agree*, por sua vez, é a operação através da qual os traços [não interpretáveis] buscam um elemento com traços de mesma dimensão [interpretáveis] em uma relação de c-comando, ocorrendo a checagem dos traços. Após a checagem, os traços não interpretáveis são apagados, visto que somente os traços interpretáveis são lidos na interface semântica. Tal apagamento seria motivado pelo PIP, o qual prevê que os traços não interpretáveis devam ser eliminados da sintaxe antes de se aplicarem as operações correspondentes na interface semântica.

Por outro lado, o *modelo de valoração de traços*, proposto por Chomsky (1999, 2001) defende que a verificação de traços seja realizada por meio da operação *Agree* e

neste caso, os traços morfossintáticos entrariam na numeração sem valor definido, diferentemente do que acontece no modelo de checagem de traços. Sendo assim, a operação *Agree* é responsável por estabelecer a relação de concordância entre os traços do núcleo e do constituinte presente no mesmo domínio. No caso específico da concordância verbal, que se estabelece no domínio da sentença, a operação *Agree* prevê um núcleo T com traços-*phi* não interpretáveis, os quais se constituem como uma sonda (*probe*) que parte em busca de um elemento (*goal* ou alvo) que contenha traços de mesma dimensão já valorados. Na representação arbórea em (2) – que corresponde a uma sentença com verbo transitivo – o alvo encontrado pela sonda é o DP que ocupa a posição de Spec (Especificador) de v (vezinho ou verbo leve). A operação *Agree* é efetivada e os traços-*phi* da sonda são valorados a partir dos traços-*phi* do alvo.

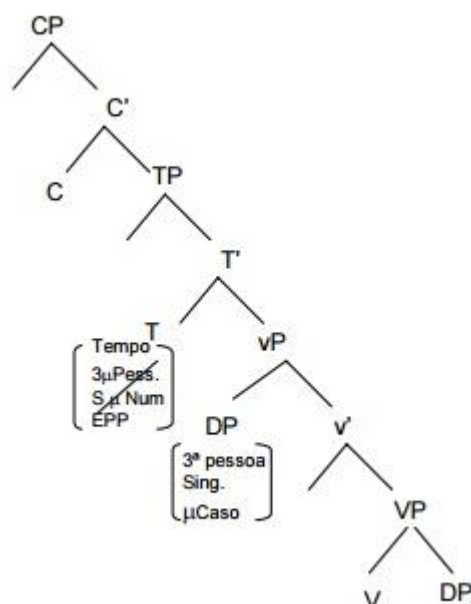


Figura 2: Computação da concordância verbal através da operação *Agree*.

(Esquema retirado de RODRIGUES, 2006, p. 29)

Chomsky (1999) defende também que, para que a operação *Agree* aconteça, é necessário que três condições sejam satisfeitas, a saber: (i) a sonda deve possuir traços não interpretáveis e c-comandar o alvo, ou seja, o alvo deve estar na posição de complemento da sonda; (ii) deve haver identidade entre os traços da sonda e do alvo; e por último, (iii) o alvo deve estar ativo para o sistema computacional, visto que seu traço de Caso ainda não foi valorado.

3.1.3. A operação Agree

A operação *Agree* é um ponto fundamental na caracterização minimalista das relações de concordância. Essa operação estabelece uma relação entre dois elementos presentes na derivação, garantindo que apenas a estrutura de traços interpretáveis permaneça, fazendo com que os traços não interpretáveis associados a um elemento sejam eliminados. (SILVA, MOURA & CERQUEIRA, 2012). Como vimos anteriormente, para que *Agree* aconteça, algumas condições precisam ser satisfeitas, sendo elas:

A sonda deve possuir traços- ϕ não interpretáveis e c-comandar o alvo; os traços da sonda e alvo tem que combinar; não deve haver um alvo alternativo γ tal que α c-comande γ e γ c-comande β ; e finalmente, o alvo β deve estar ativo para o sistema, isto é, deve possuir um traço não-interpretável de Caso a ser checado. Ao ser inserida na derivação, a sonda busca em seu domínio um complemento nominal ativo; ao encontra-lo entra em relação de *agree* com β , checando e apagando seus traços não-interpretáveis, ao mesmo tempo, α checa e apaga o traço de caso de β , que é não interpretável e também deve ser eliminado antes do *spell-out*. (SILVA FILHO, 2011, p. 204)

É importante ressaltar que a caracterização de *Agree* em Chomsky (1995, 1999) diz respeito à operação quando considerada à relação entre sujeito-verbo. Já para o mecanismo de concordância dentro do domínio do DP, Chomsky (1999, 2001) propõe o termo *Concord*. Entretanto, Corbett (2003) argumenta que não há um consenso na literatura quanto ao uso de tais termos, visto que alguns estudiosos os tratam como sinônimos. Ainda sobre a concordância no âmbito do DP, Chomsky defende que o traço de número seja interpretável em N, visto que no inglês são esses os elementos que recebem a marcação morfológica de número neste domínio (no interior do DP).

Magalhães (2004), *contra* Chomsky (1999), defende que o traço de número seria interpretável em D. Tomando como base os trabalhos de Abney (1987), Oslen (1989) e Longobardi (1994), é considerando dados do PB, a proposta de Magalhães diverge crucialmente do que foi proposto por Chomsky (1999) – de acordo com o qual o traço de número seria interpretável em N. Para Magalhães, o determinante carregaria o traço de número interpretável e um traço de gênero não interpretável, se opondo a N, que apresentaria o oposto: traço de número não interpretável e traço de gênero interpretável. Nessa análise, D carregaria o traço interpretável de número e um traço não interpretável

de gênero; já os outros constituintes do sintagma (DP) seriam constituídos de traços não interpretáveis. Em outras palavras, de acordo com essa abordagem, D seria o *locus* da interpretabilidade do traço de número no DP, enquanto que N seria o *locus* do traço de gênero.

No que diz respeito à concordância verbal, o traço de número seria interpretável, ou seja, residiria no argumento verbal que recebe caso Nominativo na sentença (isto é, o sujeito), e não interpretável na categoria verbal ou, mais especificamente, na flexão (T). Essa análise para a concordância verbal e a proposta de Magalhães para a concordância nominal, se mostram compatíveis com uma possível caracterização formal da regra de concordância não redundante no PB. De acordo com as análises descritas, a marca morfológica de número pode: (i) ora aparecer de forma redundante em vários itens da sentença; (ii) ora ter realização morfológica apenas na categoria em que tal traço é interpretável, a saber, D na concordância nominal, e o sujeito, quando da concordância verbal.

Outra proposta para o tratamento da operação *Agree* é apresentada por Frampton e Gutmann (2000). Os autores pressupõem uma redução operacional, de forma que a operação de *Agree* provoca um compartilhamento de traços. Nessa proposta não se fala mais de um traço valorado que dá valor a um traço da mesma dimensão não valorado. Nesse caso, os traços não interpretáveis e interpretáveis correspondentes se unem formando um único traço compartilhado. A valoração acontece se um dos traços combinados tiver valor, caso isso não aconteça, a derivação falha. Quando a operação *Agree* acontece, todos os elementos passam a compartilhar os mesmos valores.

A última proposta para a operação *Agree* abordada aqui é a formulada por Béjar (2003), e denominada *Context-Sensitive Agreement* (CSA). Primeiramente, a nosso ver, a proposta apresentada por Béjar apresenta uma diferença importante com relação a outras análises, uma vez que considera a concordância como um fenômeno puramente sintático. Nesse sentido, diferentes realizações da concordância consideradas como casos não canônicos numa visão normativa, como a concordância variável encontrada no PB, poderão ser explicados “*como legitimamente decorrentes dos mecanismos centrais da teoria, sem que seja necessário lançar mão de uma explicação ad hoc para os casos até então interpretados como “default”*” (SILVA, MOURA & CERQUEIRA, 2012, p.262). Béjar toma como ponto de partida para sua investigação, alguns casos de

concordância não-canônica entre NP-verbo em dialetos georgianos e nishnaabemwin²⁰ e outras línguas, semelhantes aos encontrados no PB. Segundo a autora, esses casos podem ser caracterizados como casos de concordância sensíveis ao contexto. De acordo com Béjar (2003, p. 2): “*so-called non-canonical agreement arises precisely in those environments where a canonical agreement relation fails to be established for independent reasons*”²¹. Assim, a mesma marca morfológica de concordância poderá ocorrer com alvos diferentes, podendo se combinar com um NP ou outro presente no sintagma. Isso explicaria o porquê de em alguns casos a concordância ocorrer exclusivamente com o sujeito, as vezes com o objeto ou com este e aquele. O que definirá se a concordância se dará com o sujeito, com o objeto ou com ambos, serão as restrições impostas pelos contextos nos quais a concordância pode acontecer (SILVA, MOURA & CERQUEIRA, 2012, p.260).

Na teoria proposta por Béjar, a autora afirma: “*I take formal features to be privative subcategories which enter crucially into intrinsic entailment relations with one another*”²² (2003, p.22), assim esses traços não são considerados já previamente formados. Segundo Silva, Moura e Cerqueira (2012), a autora apresenta uma nova proposta na teoria sobre os traços-*phi* formais para explicar os diversos casos de concordância, além disso, Béjar propõe que as noções de *match* e *value* sejam reformuladas no domínio da operação *Agree*. A autora considera que as restrições que ocorrem sobre as operações sintáticas precisam ser melhor explicitadas, de forma que se apliquem igualmente entre todos os sistemas de concordância, sendo parte constituinte da arquitetura básica da computação sintática. Um dos avanços na mudança de perspectiva do tratamento da concordância proposta por Béjar, segundo Silva, Moura e Cerqueira (2012, p.262) é que:

Diferentemente de perspectivas que buscam explicação na interface sintaxe-morfologia, a exemplo de trabalhos fundamentados na Morfologia Distribuída, a autora irá argumentar que padrões de concordância não canônica, são, na verdade, manifestações dos mesmos mecanismos sintáticos centrais, defendendo a ideia de que tais padrões

²⁰ O georgiano é o idioma oficial da Geórgia, um país situado no Cáucaso. O nishnaabemwin é um grande grupo de línguas indígenas faladas no atual território canadense.

²¹ Tradução: “A chamada concordância não-canônica surge precisamente nesses ambientes, onde uma relação de concordância canônica deixa de ser estabelecida por razões independentes”.

²² Tradução: “Eu considero os traços formais como subcategorias privativas que entram crucialmente em relações de vinculação intrínsecas umas com as outras”.

refletem condições muito gerais sobre concordância que até agora têm sido articuladas.

Até aqui, procuramos apresentar algumas das análises sobre as relações de concordância disponíveis na literatura gerativista. A seguir, aprofundaremos mais um pouco na caracterização formal do fenômeno da concordância verbal variável no PB.

3.2. Concordância variável no PB: análises gerativistas

Como vimos até aqui, a concordância verbal variável no PB é um fenômeno recorrente, tanto na escrita quanto na fala e se caracteriza pela coexistência de dois padrões gerais de marcação morfológica do plural no verbo: um padrão redundante e um não redundante. Galves (1993) e Duarte (1993), numa perspectiva gerativista, apontaram para um enfraquecimento na concordância de número tida como “norma padrão” no PB. Segundo Galves (1993), a ocorrência da concordância verbal não redundante no PB pode ser consequência de mudanças ocorridas no paradigma pronominal.

Tradicionalmente, o PB tem sido caracterizado como, uma língua [+ *pro drop*], ou seja, que permite construções com sujeito pronominal não realizado morfofonologicamente. A possibilidade de omissão do sujeito pronominal estaria relacionada com o fato de o verbo também carregar marcas de número e pessoa em sua morfologia, o que permitiria a identificação do sujeito a despeito da presença de um pronome foneticamente nulo. Entretanto, mudanças no paradigma pronominal do PB têm acarretado uma redução no paradigma flexional verbal. Segundo Galves (1993), o fato de a concordância ter se tornado “fraca” morfolologicamente advém do fato da eliminação da diferenciação entre 2ª e 3ª pessoa do singular (Ex.: *Você canta* (2ª sg.) vs. *Ela canta* (3ª sg.)). Outra consequência da eliminação dessa diferenciação foi o enfraquecimento semântico da concordância, já que a 3ª pessoa do singular também pode ser interpretada como sujeito indeterminado. Alguns pronomes praticamente caíram em desuso, como o “vós” ou pronomes que são usados em algumas regiões do Brasil com um padrão de concordância diferente, como é o caso do “tu”, que em estados como Rio de Janeiro, concorda com o verbo na terceira pessoa do singular (Ex.: *Tu quer*). De acordo com Lopes (2014, p.1):

Todas essas mudanças no sistema pronominal são seguidas por uma redução sistemática da flexão de concordância no PB. Por exemplo, a marca de segunda pessoa no verbo é raramente encontrada no PB contemporâneo, sendo substituídos por verbos da terceira pessoa.

Assim, nessa perspectiva, mudanças profundas na morfologia da língua estariam ocorrendo. Lopes (2014) propõe que além da perda do traço de pessoa, já proposta por Galves (1993), tenha acontecido uma mudança no *status* do traço de número na língua, de forma que a pluralidade pode ser expressa apenas semanticamente em alguns contextos, sem a necessidade de marcas morfológicas. Para Lopes (2014), o fenômeno da perda da marca de número no verbo seria motivado por razões morfofonológicas e sintáticas e não por razões fonológicas, diferente do argumentado, por exemplo, por Scherre (1994). Segundo a autora, a gramática no PB – pelo menos em algumas das suas variedades – permitiria que o traço de número seja interpretado opcionalmente. Nessa perspectiva, a Lopes levanta duas hipóteses: ou [número] não é um traço formal interpretável apenas em Spec de TP ou é um traço que não precisa ser obrigatoriamente interpretável. Assim, se o traço de número de fato existir como traço formal no PB e puder ser opcionalmente interpretado, esse fato pode apresentar um problema para a checagem de traços proposta por Chomsky (1999; 2005), uma vez que todos os traços devem ser valorados para que a derivação convirja.

Alguns trabalhos tentam explicar essa possibilidade de opcionalidade do traço de número. Preminger (2010), por exemplo, argumenta que nem sempre traços não interpretáveis precisam ser valorados, de forma que a não valoração de um traço não interpretável, não resultaria necessariamente no fracasso ou não convergência da derivação. Segundo Lopes (2014), é uma solução interessante adotar a ideia de que a ausência de concordância morfológica não leva à falha na derivação, ou seja, não resulta em sentenças agramaticais. Entretanto, a autora defende que a concordância de número no PB é opcional no verbo, ao afirmar que “*existe a ocorrência de uma gramática que permite a intepretabilidade de um traço opcionalmente*” (2014, p.10).

Outra proposta interessante para o tratamento da concordância variável pode ser encontrada no trabalho de Viotti (2005). A autora apresenta uma análise voltada para estruturas envolvendo verbos inacusativos, em sentenças do tipo em (24) e (25), sendo que ambas as possibilidades são consideradas gramaticais no PB.

(24) Chegaram os meninos.

(25) Chegou os meninos.

Verbos inacusativos, como *chegar*, não atribuem caso acusativo ao seu argumento interno. Pelo contrário, o caso do argumento dos verbos inacusativos será sempre o nominativo. No entanto, segundo Viotti, o caso nominativo da sentença (24) é diferente do Caso nominativo da sentença em (25). Para Viotti (2005, p.2):

(...) em uma sentença como 1(a) [24], em que o verbo apresenta marcas de concordância com seu único argumento, o Caso nominativo é licenciado na sintaxe. Diferentemente, em uma sentença como 1(b) [25], em que o verbo não exibe marcas de concordância com seu argumento, trata-se do Caso nominativo *default*, atribuído ao DP no componente morfológico.

A atribuição do Caso nominativo *default* é justificada em contextos nos quais a configuração sintática das sentenças é formada por verbos inacusativos sem concordância com seu complemento pós-verbal. A noção de caso *default* é introduzida por Viotti (2005) a partir do trabalho de Schütze (2002). Diferentemente do que é proposto no modelo de Regência e Ligação, a autora considera que “*é necessário tratar licenciamento sintático de Caso e marcação morfológica de Caso separadamente*” (VIOTTI, 2005, p.3). Nessa perspectiva, licenciamento sintático de Caso e marcação morfológica de Caso seriam processos distintos.

De acordo com a análise proposta, a marcação de Caso sempre ocorreria no componente morfológico, mas alguns sintagmas nominais têm flexão determinada pela sintaxe, entretanto com alguns sintagmas isso não acontece. Os sintagmas nominais que não tem sua flexão de Caso determinada pela sintaxe chegam ao componente morfológico sem indicação do Caso com o qual devem ser foneticamente realizados. Assim, a morfologia lhes atribui o denominado Caso *default*. Nos termos de Viotti (2005, p.3): “*As formas de Caso default de uma língua são aquelas usadas para a realização de sintagmas nominais que não são associados a nenhum traço de Caso a eles atribuído ou checados por mecanismos sintáticos*”. Assim, um sintagma nominal pode entrar na derivação com ou sem Caso nenhum. Nas situações em que o sintagma entra na derivação sem nenhum Caso, lhe será atribuído o caso *default*. Essa proposta se baseia numa ideia de dissociação dos traços associados à flexão T. Nesse sentido, T não precisa ter necessariamente traços-*phi* (que deflagrariam a concordância morfológica) e nem EPP (que deflagraria o movimento do sujeito para uma posição anteposta ao verbo). Dessa forma, a análise da autora visa a resolver duas questões: a posição do

sujeito (posposto ou anteposto ao verbo) e a presença ou ausência de morfologia redundante de número na flexão verbal.

A autora também apresenta algumas evidências que sugerem que o Caso *default* do PB é o nominativo. Em sentenças em que há deslocamento, como (26). Na perspectiva de dissociação de traços defendida por Viotti, pressupõe-se que o pronome *eu* tenha sido gerado na posição em que se encontra superficialmente e não movido até ela, ou seja, o pronome não passou por uma posição específica onde lhe foi atribuído Caso. Nesse sentido, segundo Viotti, o DP *eu* está sendo marcado com o Caso *default* e essa é uma evidência que sugere que o caso *default* no PB é o nominativo.

(26) **Eu**, o João gosta de me encontrar.

Outras evidências favoráveis à ideia de atribuição de Caso *default* são apontadas por Viotti em casos em que há elipse. Segundo a autora, a resposta a uma pergunta do tipo “*Quem o João gosta de encontrar?*” poderia ter como resposta “*Só eu*”. Nesse caso, o pronome *eu*, que corresponde ao complemento do verbo *encontrar*, deveria ter marcas de Caso acusativo, entretanto, recebe a marca de Caso nominativo *default*. Isso seria uma evidência de que em determinados contextos, não existe licenciamento sintático de Caso, mas que essa atribuição se dá por defeito, na morfologia.

É importante destacar que o Caso *default* não será necessariamente o nominativo em todas as línguas. No inglês, por exemplo, o *default* seria o acusativo, como ilustram as sentenças em (27) e (28), retiradas de Viotti (2005, p. 62).

(27) **Us** and **them** are gonna rumble tonigh.

(28) **Her** and **us** have been friends for ages.

Voltando aos verbos inacusativos nos casos em que não informação de número plural visível na flexão verbal no PB (*Chegou os meninos*), a autora propõe a seguinte análise:

O DP complemento do verbo entra na derivação sem Caso. Na sintaxe, ele passa incólume. Afinal, ele está em uma configuração em que não há como ocorrer um licenciamento sintático de Caso. Entretanto, depois de *spell-out*, no componente morfológico, ele é marcado com caso nominativo *default*. (Viotti, 2005, p.14)

A análise proposta por Viotti resulta particularmente interessante pelo fato de permitir um tratamento diferenciado dos traços relacionados à concordância que são tradicionalmente – no contexto da Teoria Gerativa – vinculados à flexão verbal (T), quais sejam: os traços-*phi*, EPP e Caso. Uma análise que assume a possível dissociação desses traços pode explicar as ocorrências diversas encontradas no PB e exemplificadas em (29)-(32) a seguir. Nesse sentido, atribuição de caso, movimento do sujeito e morfologia redundante no verbo, podem ser tratadas como aspectos relativamente independentes entre si.

(29) Chegaram várias pessoas na festa.

(30) Chegou várias pessoas na festa.

(31) Várias pessoas chegaram na festa.

(32) Várias pessoas chegou na festa.

Apesar dos verbos inacusativos não serem o foco dessa dissertação, e da análise resenhada ter sido formulada pontualmente para dar conta dessa subclasse verbal²³, consideramos relevante incluir essa proposta no contexto da nossa revisão bibliográfica também pelo fato de a concordância não redundante acontecer com uma relativa frequência com verbos desse tipo. Pelo menos, isso é o que sugerem dados anedóticos como os apresentados em (33)-(35).

(33) “Nossa cade as vagas **falta** muitos cursos o ano passado tinha mais oferta que decepção. (Comentário de internauta na página do *Facebook* da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 20/01/2015)

(34) “Gente, com mídia ou sem mídia não adianta. Os dois **caiu** no gosto do povo. Agora é só sucesso”. (Comentário de internauta na página do *site* do G1, 11/05/2015)

(35) “Se chegar aqui em 24 horas metade do Brasil vai pro brejo... com certeza... a nossa saúde é um caos... só olhar os noticiários da Globo... ainda bem que os hospitais aqui de Santa Catarina **é** referência nacional”. (Comentário de internauta na página do *site* do G1, 12/06/2015)

²³ Uma avaliação da possibilidade dessa mesma análise ser estendida para outras classes de verbos (Ex. transitivos e inergativos) foge aos objetivos e escopo desta dissertação.

Até aqui, traçamos um panorama do modo como a concordância tem sido abordada na teoria linguística de orientação gerativa, bem como caracterizamos o modelo de língua assumido nesta pesquisa e avaliamos algumas propostas de análise para a concordância variável no PB formuladas no contexto desse quadro teórico. No Capítulo 4 trataremos das abordagens psicolinguísticas para o processamento da concordância.

4. Abordagem psicolinguística: o processamento da concordância

Nas próximas seções, apresentaremos um breve panorama dos modelos psicolinguísticos propostos para caracterizar o processamento da concordância, com destaque para os modelos interativos e não interativos e para pesquisas que abordam os denominados erros de atração, que se relacionam diretamente com o estabelecimento de relações vinculadas à concordância verbal. Além disso, discutiremos uma pesquisa recente conduzida no inglês, na qual foi investigado o processamento da variação linguística, a partir da comparação de possíveis formas de realização da concordância verbal em diferentes dialetos dessa língua.

4.1. Processamento da concordância e formulação sintática: o caso dos erros de atração

Na literatura psicolinguística, o mecanismo da concordância tem sido explorado, principalmente no que diz respeito ao que vem sendo chamado de “erros de atração” (CLAHSEN & HANSEN, 1993; NICHOL, 1995; VIGLIOCCO, BUTTERWORTH & GARRET, 1996; VIGLIOCCO & NICOL, 1998). Os erros de atração se caracterizam pelo fato de o verbo concordar, não com o núcleo do sujeito, mas com outro núcleo nominal interveniente, em estruturas do tipo ilustrado em (36).

(36) *O álbum das fotos **rasgaram**. (RODRIGUES, 2005, p. 146)

No que tange especificamente ao PB, Rodrigues (2005, 2006, dentre outros) desenvolveu uma detalhada pesquisa experimental acerca do fenômeno citado. A seguir, faremos uma breve exposição dessas pesquisas e dos resultados encontrados. Essas pesquisas são especialmente relevantes para nós já que, na ausência de pesquisas específicas sobre o processamento da concordância verbal variável, esses trabalhos serviram de orientação para a tomada de diversas decisões metodológicas na preparação dos experimentos desenvolvidos na nossa pesquisa.

Rodrigues (2006) reporta cinco experimentos, baseados na técnica de produção induzida de erros. O primeiro experimento da série buscou investigar se a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo seria um fator que afeta a produção de erros de atração. A autora também buscou investigar se o efeito da distância linear interage com o tipo de modificador da sentença. Esse experimento em particular é de grande relevância para o

nosso próprio trabalho experimental, uma vez que também testamos o efeito da distância linear, neste caso, na realização concordância verbal variável no PB.

Nesse primeiro experimento conduzido por Rodrigues, os participantes ouviam o princípio de uma sentença contendo o sujeito, que por sua vez, fazia parte de uma sentença completa. Ao participante caberia ouvir esse preâmbulo, repetindo-o em seguida e completando a frase com um verbo flexionado, que apareceria na tela do computador na sua forma no infinitivo. Como mencionado previamente, também levou-se em consideração o tipo de modificador do sujeito, que no caso do Experimento 1, foram PPs e orações relativas. As condições experimentais foram: (37) Distância linear curta e modificador PP; (38) Distância linear curta e modificador oração relativa; (39) Distância linear longa e modificador PP; e (40) Distância linear longa e modificador oração relativa, como mostram os exemplos abaixo.

- (37) **O diretor** arrogante dos funcionários.
- (38) **O jornalista** que falou dos empresários.
- (39) **O instrutor** calmo dos pilotos de avião.
- (40) **O ator** que discordou dos críticos de teatro.

A hipótese inicial da autora previa um maior número de erros na condição longa, indo de encontro ao que vem sendo reportado na literatura Sociolinguística, de que a distância linear entre o núcleo do sujeito e o verbo afetaria a realização da concordância.

Os participantes produziram um total de 496 sentenças, das quais 37 apresentaram erros de atração, totalizando 7,4% do total de sentenças. Os resultados encontrados sugerem que a distância é um fator que favorece a ocorrência de erros de atração, entretanto, o tipo de modificador não teve efeito significativo, apesar do maior número de erros terem ocorrido com PPs modificadores.

O Experimento 2 da série buscou investigar o contraste entre posição linear e posição hierárquica do núcleo nominal interveniente, a fim de observar qual dessas propriedades faz prever erros de atração. A tarefa experimental foi a mesma do Experimento 1. No entanto, apenas PPs modificadores foram usados e também foram criados pseudo verbos para que a semântica dos verbos não causasse interferência de alguma forma. As sentenças eram formadas por DPs complexos, como em (41). O núcleo 1 poderia aparecer no plural ou no singular, assim como o núcleo 2 e o núcleo 3.

(41) A tinta [N1] dos cartuchos [N2] da impressora [N3].

Nesse experimento foram produzidas 408 frases, das quais 28 possuíam erros de concordância, correspondente a 6,86% do total de sentenças. Os resultados sinalizam para o fato de que a posição hierárquica do núcleo nominal interveniente permite prever erros de atração no processamento da concordância sujeito-verbo. Registrou-se maior taxa de erros quando o núcleo interveniente era o N2, como em (42) do que quando o núcleo interveniente estava na posição N3, como no exemplo (43).

(42) A_{NP1}[tinta dos_{NP2}[cartuchos da_{NP3}[impressora]]].

(43) A_{NP1}[tinta do_{NP2}[cartucho das_{NP3}[impressoras]]].

No que diz respeito a posição hierárquica, o fator distância linear parece exercer alguma influência. Segundo Rodrigues (2005, p. 154):

Considera-se que o efeito de posição hierárquica deve se manifestar mais expressivamente nas condições mais favoráveis ao erro de atração, quais sejam quando a distância linear entre o núcleo do sujeito e o verbo é longa, quando o núcleo do sujeito é singular e o núcleo interveniente mais alto é plural.

O terceiro experimento investigou o status argumental do PP, ou seja, se existe diferença no número de erros de concordância quando o PP era adjunto, como em (44) ou quando o PP era argumento (no caso, complemento), como em (45).

(44) O parque de cachoeiras naturais.

(45) O consumo de alimentos estragados.

Nesse experimento, foram produzidas 276 frases e um total de 56 erros de concordância, totalizando 20,3%. A variável status argumental do PP se mostrou significativa, já que houve um maior número de erros após PPs argumentos (i.e. nas sentenças do tipo ilustrado em (45)) em comparação com PPs adjuntos (em sentenças do tipo em (44)). Segundo Rodrigues (2005, p.159), essa diferença se dá devido ao fato de que:

PPs argumentos, por estarem mais fortemente vinculados à estrutura sintática ficariam mais acessíveis na memória,

permitindo que a informação de número do núcleo interveniente viesse a afetar o processamento da Concordância. Os núcleos intervenientes em PPs adjuntos teriam menos chance de afetar o processamento porque os adjuntos ocupariam uma posição mais “marginal” na estrutura e, em função disso, a informação neles contida ficaria menos ativa na memória de trabalho.

Além de fatores sintáticos, também foram investigadas algumas variáveis semânticas nos experimentos 4 e 5 conduzidos nesse mesmo estudo. De acordo com Rodrigues (2005), existem duas fontes principais de informação que podem gerar erros de concordância. Essas fontes podem ser sintagmas com substantivos coletivos e sintagmas distributivos. No caso dos substantivos coletivos, é esperado que haja mais erros de atração devido à incongruência entre o número gramatical e o número conceitual que substantivos desse tipo representam. Segundo a autora, é possível a interferência de substantivos coletivos quando estes ocupam a posição de núcleo do sujeito e na posição de núcleo interveniente, entretanto, quando o substantivo coletivo faz parte do modificador, não há resultados fortes o suficiente para sugerir interferência desse tipo de substantivo nessa posição. Quanto aos sintagmas distributivos, tem-se a possibilidade de fazer-se uma leitura distributiva ou não-distributiva. Nesse sentido, foi manipulada a distributividade em SNs como *O telhado das casas*, que leva à uma leitura distributiva e sentenças como *A pasta com documentos*, que leva à uma leitura não-distributiva.

No que diz respeito à fatores morfológicos, a autora afirma que “*a marcação morfológica parece atuar no processamento da concordância*” (RODRIGUES, 2005, p. 5). Foram verificadas maiores taxas de erros de atração quando número do núcleo nominal do sujeito está no singular e o núcleo interveniente no plural, como exemplificado em (46).

(46) A pasta dos documentos.

Como supracitado, eventuais erros de atração na produção dos falantes podem inicialmente ser vistos como um desafio para a teoria linguística, uma vez que no contexto dessa teoria a concordância é tida como uma operação sintática (com possível reflexo na morfologia). Entretanto, o processamento da concordância – de acordo com o reportado por Rodrigues (2005, 2006) – pode sofrer interferência de outros fatores, como aspectos semânticos, por exemplo. Além disso, e considerando agora uma abordagem psicolinguística, a constatação da interferência de outros fatores poderia

sugerir que o formulador sintático não teria a autonomia proposta por muitos teóricos. Nesse sentido, a autora afirma que:

(...) para preservar a autonomia do formulador sintático no processamento da concordância, a solução encontrada pelos modelos seriais, não interativos, é atribuir a interferência de fatores semânticos e morfofonológicos a estágios anteriores ou posteriores à computação sintática da concordância (RODRIGUES, 2005, p.6).

Rodrigues (2005) propõe que erros de atração – que aparentemente representariam um desafio tanto para as análises veiculadas pela teoria linguística quanto para modelos de processamento de natureza serial – corresponderiam, na realidade, a fenômenos pós-sintáticos. Nesse sentido, não representariam de fato um desafio para essas abordagens teóricas. Assim, a computação sintática – decorrente da atuação de mecanismos bastante robustos – não estaria sujeita erros. Possíveis interferências corresponderiam a estágios posteriores à formulação sintática.

Outra explicação aventada para dar conta da possível interferência de outros fatores na computação sintática, como no caso da atuação de fatores semânticos, é apresentada por Corrêa (2005). A autora levanta a hipótese de o sujeito ser uma unidade independente e assim, na produção, o sujeito já estaria “fechado” quando o verbo entrasse na derivação sintática. Ao ser introduzido na computação,

o DP sujeito seria retomado por um elemento nulo de natureza pronominal que recuperaria os traços semânticos do referente desse DP. Assim, no caso dos distributivos, o que seria retomado seria a ideia de pluralidade do referente [...] (CORRÊA, 2005).

Não é claro, contudo, em que medida essa explicação seria compatível com uma derivação sintática formulada em termos minimalistas. De acordo com o modelo formal assumido no minimalismo, a derivação sintática é concebida como um processo fundamentalmente *bottom-up*. O que não parece ser compatível com a análise proposta por Corrêa (2005) que envolve processos *top-down*, ou pelo menos, uma combinação de ambos os tipos de processos.

No que diz respeito aos efeitos morfofonológicos, Rodrigues e Correa (2004, 2005), consideram que a interferência de fatores morfofonológicos se dá após a computação da concordância, no momento da codificação morfofonológica do verbo. Nesse sentido, apesar das evidências encontradas pela primeira autora da atuação de

fatores diversos além daqueles puramente sintáticos, é possível manter a autonomia do formulador sintático, atribuindo tais interferências a estágios anteriores ou posteriores à computação sintática e, assim, ainda podemos manter a ideia de que a computação sintática opera de forma autônoma.

Para uma melhor compreensão dessa discussão sobre o modo de funcionamento do processador linguístico, a seguir, passaremos para uma breve caracterização das duas visões principais na literatura psicolinguística, no que tange a esse ponto. A saber, modelos de processamento de natureza interativa e modelos não interativos. Enquanto os primeiros defendem a possibilidade de que informações de natureza variada (semântica, prosódica, conhecimento de mundo, etc.) sejam utilizadas pelo processador linguístico ou *parser* nos momentos iniciais do processamento, de acordo com os segundos, apenas informação estritamente estrutural – compatível com aquilo definido em termos de *traços formais* no âmbito da teoria linguística – seria acessível para o *parser*. Segundo modelos de cunho não interativo, outras fontes informacionais seriam acessadas apenas em estágios mais tardios do processamento.

4.2. Modelos de processamento da concordância e o funcionamento do *parser*

O processamento de sentenças é uma tarefa complexa que envolve diferentes níveis e a integração de informações de natureza distinta. Rodrigues (2006) levanta a questão a respeito das etapas envolvidas no processamento, mais especificamente, se haveria ou não interação entre informações de natureza diferente em determinados estágios do processamento. Nesse sentido, existem duas visões gerais distintas sobre o modo de atuação do processador linguístico em relação à questão citada acima. A depender da perspectiva com a qual estão alinhados, podemos reconhecer modelos interativos e não interativos ou seriais.

De acordo com modelos interativos, haveria comunicação entre os níveis de processamento durante a formulação e compreensão de sentenças por parte dos falantes. Segundo Rodrigues (2006:21): “*No caso dos modelos interativos de níveis, considera-se a possibilidade de retroalimentação de informações provenientes de um dado nível no nível anterior*”. Já em modelos não interativos, diferentemente dos anteriores, não haveria comunicação entre os diferentes níveis de processamento. Nesse sentido, o

formulador sintático e o *parser*²⁴ seriam autônomos e não sofreriam interferência de outros níveis. Rodrigues (2006, p.21) acrescenta que modelos não interativos apresentariam “*uma visão serial e unidirecional da produção da linguagem*”. Assim, nesse caso apenas informações úteis e necessárias para um determinado nível seriam encaminhadas de um estágio para o outro.

Especificamente no que diz respeito à concordância, os modelos de processamento apresentados acima abordam essa questão de maneiras distintas. Segundo Rodrigues (2006), no que diz respeito à produção, em ambos os tipos de modelos a concordância é computada no estágio de codificação gramatical, entretanto, em modelos não interativos, a concordância é estabelecida levando em consideração apenas fatores de ordem léxico-sintática. Nos modelos interativos, por sua vez, considera-se que, apesar da concordância ser uma operação sintática, a implementação de tal operação pode ser influenciada – em certa medida – por informações de outra natureza e, pode ainda, sofrer interferência de fatores semânticos e morfofonológicos, por exemplo.

Como mencionado anteriormente, no âmbito da psicolinguística, o processamento da concordância vem sendo abordado em função dos chamados erros de atração, entretanto, são escassos os trabalhos acerca do processamento da concordância variável no PB. As propostas para o tratamento dos erros de atração, que discutimos até aqui sugerem que a derivação da sentença ocorreria normalmente mesmo nesses casos de *lapsus*, e que os erros de concordância seriam um fenômeno pós-sintático. No entanto, essa proposta não pode ser transferida de forma simples para analisar o fenômeno da concordância variável. Não podemos assumir que a ocorrência da concordância não redundante seja um fenômeno pós-sintático – morfofonológico, por exemplo – uma vez que a ausência da marca morfológica de plural não implica na ausência da relação de concordância sintática entre os elementos em questão. Além disso, outro problema que se coloca é o fato de um mesmo falante, ora produzir sentenças com concordância verbal redundante, ora com marcação não redundante. Como explicar essa variabilidade apenas em função de um processo pós-sintático de natureza morfofonológica? Lembrando da proposta de Viotti (2005) que discutimos no capítulo anterior, talvez seja necessário levar em consideração uma combinação de aspectos sintáticos – relativos à

²⁴ As operações do *parser* criam a estrutura básica da sentença, combinam estruturas simples em complexas e movem elementos das sentenças de uma posição estrutural para outra. O *parser* precisa ainda identificar os componentes básicos da sentença (elementos como sujeitos e predicados, PPs, etc.) (FERNANDEZ & CAIRNS, 2010, p. 205).

computação dos traços formais – e morfofonológicos para dar conta da concordância verbal variável no PB.

Especificamente no que tange às relações de concordância em geral, uma série de modelos que buscam explicar o processamento dessas relações, tanto na compreensão quanto na produção, têm sido formulados no âmbito da literatura psicolinguística. Nesse sentido, Costa (2014) discute algumas das principais propostas relativas à computação da concordância veiculadas em diversos modelos teóricos. O primeiro modelo resenhado pelo autor é o postulado por Levelt (1984, *apud* Costa, 2014), segundo o qual a produção de uma sentença inclui algumas etapas. Aqui, nos interessa pontualmente a etapa caracterizada como *decodificação gramatical*, para qual a noção de *lema* é de extrema importância. Segundo Levelt, os itens lexicais são armazenados no léxico mental de acordo com: (i) suas propriedades semântico sintáticas, e (ii) sua forma. As formas são definidas como *lexemas*. Os *lemas*, por sua vez, dizem respeito às propriedades sintáticas dos itens lexicais armazenados no léxico mental. Nesse sentido, *lemas* são indispensáveis para a etapa da codificação gramatical, uma vez que veiculam as informações necessárias para que operações/processos sintáticos sejam implementados, dentre os quais, aqueles vinculados às relações de concordância sintática. Nesse sentido, de acordo com o modelo de Levelt (1989), as etapas necessárias para a produção das sentenças são:

- 1) Procedimento categorial;
- 2) Inspeção da mensagem;
- 3) Sub-rotinas paralelas;
- 4) Ordenação linear;
- 5) Escolha de função gramatical e
- 6) Novo procedimento categorial.

O procedimento categorial é desencadeado pela categoria sintática de um determinado lema. Esse procedimento constrói um sintagma da categoria relevante para o lema selecionado e este lema será o núcleo do sintagma gerado (Ex.: Se o lema selecionado for “cachorro”, pertencente à categoria N, o procedimento categorial criará um SN, no qual o núcleo será esse mesmo lema). Após o lema ser inserido em um sintagma, acontece a etapa denominada inspeção da mensagem. Nessa etapa, o procedimento categorial busca na mensagem outros conceitos ligados ao conceito já selecionado no procedimento categorial, como restrições de número, gênero e pessoa.

Em seguida, sub-rotinas paralelas checam os valores do núcleo do sintagma formado no procedimento categorial e partem em busca de um lema compatível (como um D, por exemplo). Feito isso, a ordem linear dos elementos encontrados pelas sub-rotinas paralelas é definida pelo procedimento categorial. O procedimento categorial também define a função sintática dos elementos selecionados até então. Com isso, um procedimento categorial é finalizado e um novo procedimento categorial que tem relação com o anterior começa, dando continuidade à estruturação hierárquica da sentença.

Costa (2014) também apresenta modelos diversos daquele proposto por Levelt a respeito da computação da concordância, dentre os quais, o *modelo de cópia*, também chamado de *percolação de traços*, apresentado inicialmente por Kempen e Hoenkamp (1987). Nesse modelo, a relação de concordância se daria entre dois elementos, sendo um deles a *fonte*, também chamado de controlador, e o outro é o *alvo*. A fonte seria o elemento que possui as características gramaticais e o alvo seria o elemento que herdaria essas características da fonte. É nesse sentido que advém a ideia de cópia: o alvo copiaria as características da fonte. A relação entre sujeito e verbo exemplifica a ideia de cópia de traços: o sujeito seria a fonte e o verbo, o alvo. O verbo copiaria os traços de número e pessoa do sujeito, de modo que os dois possuísem os mesmos conjuntos de traços. O modelo de cópia de traços, entretanto, não acomoda facilmente os casos de concordância variável estudados na nossa pesquisa, uma vez que nesse caso, não há cópia morfológicamente visível do traço de número para o verbo. No caso dos erros de atração, o que ocorre é um erro na cópia dos traços, onde os traços do material interveniente são copiados erroneamente no verbo.

Já de acordo com o *modelo de unificação de traços*, proposto por Vigliocco, Butterworth e Garret (1996), *grosso modo*, haveria um processo pelo qual o sujeito e o predicado passam para que lhes sejam atribuídos alguns traços. Após sujeito e predicado terem recebido Caso, acontece uma checagem a fim de verificar se seus conjuntos de traços são compatíveis. O modelo de unificação de traços aceita a existência de interferência semântica. No contexto desse modelo seria possível explicar casos de concordância variável como o apresentado em (47), em que a concordância no verbo é feita com o número conceitual (plural) do sujeito. Nesse caso, o sujeito e o verbo da sentença poderiam recuperar distintamente o número a partir da representação conceitual. Como existe nessa estrutura uma diferença entre o número gramatical

(singular) e o número conceitual (plural), o verbo pode ter seu número definido apenas a partir da informação conceitual ao invés da informação puramente gramatical.

(47) A gente vamos sair hoje.

Embora o modelo de unificação de traços permita explicar um dos casos de concordância variável que podem ser encontrados no PB, não é claro para nós como essa proposta acomodaria outras ocorrências de concordância não redundante muito comuns e recorrentes como a ilustrada no exemplo (48).

(48) “Nossa, quantos comentários de pessoas invejosas que mal **terminou** o ensino fundamental”. (Comentário de internauta no site do G1 Rio Grande do Sul, 23/01/2015)

Outro modelo que visa a explicar como se dá o mecanismo de concordância em termos procedimentais é o Modelo de Recuperação na Memória de Trabalho, proposto por Badeck e Kuminiak (2007, *apud* Costa, 2014). A ideia desse modelo é que o verbo, na relação entre sujeito e verbo, dependeria dos traços morfossintáticos do sujeito, que por sua vez, já teriam sido previamente computados. Assim, para que a concordância entre sujeito e verbo fosse efetivada, um mecanismo deve recuperar o sujeito na memória de trabalho. Após a recuperação do sujeito, seus traços devem ser mantidos na memória “como um feixe de características”, que auxiliariam na realização da concordância com o verbo. Essa proposta poderia explicar casos, como os que investigamos experimentalmente nesta dissertação (cf. Capítulo 5), nos quais por conta de uma maior distância linear entre sujeito e verbo, no momento em que a concordância fosse efetivamente computada, a memória de trabalho do falante já não conservaria uma representação detalhada dos traços do sujeito. Sabemos, no entanto, que a concordância variável no PB não se limita a casos em que a *fonte* e o *alvo* da concordância se encontram distantes um do outro. Por esse motivo, uma análise em termos de “perda” de informações na memória de trabalho, não seria suficiente para um tratamento unificado do fenômeno aqui pesquisado.

Uma última proposta apresentada na resenha de Costa (2014) é o denominado modelo de *Produção Monitorada por Parser* (PMP), formulado por Corrêa e Rodrigues (2005). De acordo com as autoras, a computação pode ser vista “*em termos de um*

processo de valoração de traços nos termos do que se propõe no âmbito do Programa Minimalista da teoria Gerativa” (COSTA, 2014, pp. 42). Nesse sentido, existiria um “*parser monitorador*”, que monitora em conjuntos de produtos do *formulador sintático*. De acordo com essa perspectiva, a concordância entre sujeito e verbo se daria a partir da valoração de traços.

Até aqui, vimos um conjunto de propostas que visam a dar conta dos mecanismos de concordância quando considerados em termos do processamento linguístico. Na próxima seção, discutiremos um trabalho que se aproxima do nosso objeto específico de pesquisa, já que nele foi investigado o papel das diferenças sociais no processamento da variação gramatical no inglês. Assim como na nossa pesquisa, nesse estudo foi avaliado o processamento da concordância verbal variável nessa língua.

4.3. Estudos sobre o processamento da variação linguística: concordância verbal variável no inglês

A literatura psicolinguística apresenta uma vasta gama de trabalhos acerca do processamento de diversas estruturas em línguas variadas, incluindo o PB. Entretanto, praticamente não existem trabalhos que abordem a questão do processamento da variação linguística. Em particular, no que tange ao fenômeno da concordância variável no PB, desconhecemos trabalhos que investiguem tal questão.

Um estudo pioneiro e ainda exploratório, que investiga aspectos relativos à dimensão cognitiva da variação linguística foi conduzido por Squires (2014). Nesse estudo, é investigado o papel de um conjunto de diferenças sociais no processamento da variação gramatical no inglês americano. A autora levanta uma série de questões relativas ao processamento da variação linguística, dentre as quais: De que maneira o conhecimento da variação é adquirido e armazenado? Existe um “componente social” na cognição linguística, no qual seriam registradas informações relativas a fatores sociais responsáveis – em boa medida – pela variação? O processamento da variação é semelhante em todos os níveis linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica...)? A autora aponta ainda outros aspectos a serem investigados tais como: em que medida a variação interrompe/dificulta ou facilita o processamento linguístico; se novos padrões são rapidamente armazenados ou inicialmente ignorados pelos falantes; se armazenados, de que maneira eles são categorizados; e qual o papel das diferenças sociais no processamento linguístico.

Especificamente no trabalho em questão, foi investigado como a variação na concordância entre sujeito e verbo no inglês americano é processada durante a compreensão de sentenças. Para isso, foram conduzidos três experimentos de leitura automonitorada. Segundo Squires (2014), pesquisas recentes sugerem que o processamento está vinculado à familiaridade, de forma que estruturas sintáticas menos familiares são mais difíceis de processar do que as estruturas mais familiares. Além disso, trabalhos como de Hanulíková et al. (2012) trazem evidências compatíveis com a ideia de que o processamento de sentenças é de, alguma forma, sensível a padrões não-linguísticos ou sociais. Segundo a autora, os poucos estudos que abordam o processamento da variação indicam que:

- a- Processing is gradiently sensitive to degrees of experience with variants, and is more difficult for variants outside of one's own baseline;
- b- Processing depends on one's expectations about which variants are likely; and
- c- Both linguistic and nonlinguistic information can affect expectations. (SQUIRES, 2014, p.180)²⁵

Como mencionado previamente, Squires realizou três experimentos abordando a variação presente na concordância entre sujeito e verbo no inglês americano. Três padrões distintos foram investigados, sendo eles:

- (a) Concordância padrão (*they don't/ he doesn't*);
Singular: *After eating, the turtles don't walk very fast.*
Plural: *After eating, the turtle doesn't walk very fast.*
- (b) Concordância não-padrão (*he/she don't*);
After eating, the turtle don't walk very fast.
- (c) Concordância denominada “incomum” pela autora, isto é, uma opção não reconhecida como variação presente no inglês americano (*they doesn't*).
After eating, the turtles doesn't walk very fast.

Foram testados um total de 112 participantes, todos estudantes de cursos de graduação nos Estados Unidos e com conhecimento da norma padrão de concordância, uma vez que todos os participantes eram estudantes universitários. Esses participantes

²⁵ Tradução: “ a- Processamento é gradualmente sensível a graus de experiência com variantes, e é mais difícil para variantes fora da sua própria linha de base. B- O processamento depende da expectativa sobre como as variantes são; e C- Tanto informações linguísticas quanto não-linguísticas podem afetar expectativas.

responderam um questionário e foram agrupados de acordo com três categorias, a saber: classe (alta ou baixa), etnia (branco, afroamericano ou outros) e sexo (masculino e feminino). As previsões levantadas foram que participantes de classe média baixa, afroamericanos e homens seriam menos afetados pelas diferenças nos padrões de concordância, registrando tempos de reação equivalentes nas condições padrão e não padrão. Esperava-se ainda que participantes de classe social mais alta, mulheres e brancos fossem mais sensíveis a essas diferenças, apresentando tempos de reação mais altos para as condições não padrão e incomum.

No que diz respeito à *performance* dos participantes de uma forma geral (sem considerar os fatores grupais investigados), os resultados encontrados vão ao encontro das previsões feitas: sentenças com concordância padrão foram lidas mais rapidamente e sentenças com concordância incomum apresentaram tempos maiores de leitura. Já as sentenças com concordância não padrão tiveram médias de tempo intermediárias, entre os tempos registrados para as sentenças com concordância padrão e com concordância incomum.

No que tange especificamente à classe socioeconômica, participantes da classe caracterizada como mais baixas tiveram tempos de leitura maiores. No entanto, tanto no grupo de classe econômica mais baixa, quanto classe econômica mais alta, a variável concordância foi significativa, de forma que a leitura das frases contendo a concordância não padrão apresentou tempos maiores em ambos os grupos. Esses resultados vão contra a hipótese de que participantes de classes mais baixas seriam menos sensíveis à concordância não padrão. No tocante à variável etnia, o efeito de concordância foi significativo nos brancos, que registraram tempos maiores de leitura na condição não padrão. Entretanto não foi observado um efeito de concordância no grupo formado por afroamericanos. Segundo Squires, a falta de efeito de concordância no grupo constituído por afroamericanos pode ser explicada em função do fato desses participantes serem menos “sensíveis” (no sentido de demonstrarem um menor estranhamento) à forma não padrão por terem mais experiência com o inglês afroamericano, dialeto em essa forma é comum. Finalmente, no que diz respeito ao sexo, participantes de sexo feminino registraram tempos de leitura maiores em todas as condições quando comparado com os participantes de sexo masculino. A autora sugere que esse resultado se deve ao fato de as mulheres priorizarem a precisão em detrimento da velocidade nas tarefas de leitura (ROIVAINEN 2011; HANNON 2014).

Um ponto interessante da pesquisa realizada por Squires (2014) é que todos os participantes eram estudantes universitários. Embora quando considerada globalmente a amostra pesquisada não revelou diferenças no processamento da concordância entre os participantes (já que a forma padrão foi, no geral, processada mais rapidamente) diferenças socioeconômicas, étnicas e de e sexo parecem acarretar em diferenças no desempenho em tarefas de leitura.

Apesar de Squires ter realizado uma pesquisa ainda bastante exploratória, seus resultados são extremamente importantes para o estudo do processamento da variação, uma vez que sugerem que fatores extralinguísticos influenciam no processamento linguístico, além de apontarem na direção de um processamento diferenciado de formas não padrão na marcação do plural na relação sujeito-verbo quando comparadas com formas padrão.

No final do artigo aqui resenhado a autora faz algumas considerações sobre a técnica de leitura automonitorada utilizada em seus experimentos. Squires (2014) salienta a necessidade de novos estudos que empreguem técnicas mais adequadas para o estudo de um fenômeno que é muito mais frequente na língua falada do que na escrita, por exemplo, a técnica de escuta automonitorada (coincidentemente, uma das utilizadas na nossa própria pesquisa). Pelo fato de concordarmos com a necessidade do uso de técnicas que permitam captar de forma mais precisa o fenômeno estudado, a avaliação das possíveis técnicas experimentais a serem utilizadas foi uma das nossas principais preocupações metodológicas. Retomaremos essa discussão no próximo capítulo no qual reportamos os experimentos conduzidos no âmbito desta dissertação.

5. Concordância verbal variável numa abordagem experimental

Como vimos no Capítulo 2, na literatura sociolinguística encontramos um número bastante expressivo de pesquisas acerca da concordância verbal variável no PB. Essa mesma situação, entretanto, não se verifica no caso de estudos que abordem a questão da variação, que é inerente às línguas naturais, na perspectiva da psicolinguística. No Capítulo 4, discutimos o trabalho de Squires (2014), um dos poucos que tratam do processamento da variação e, mais especificamente, da concordância verbal variável. O estudo de Squires aponta para um campo de pesquisa bastante produtivo e ainda pouco explorado. Além disso, a autora sinaliza para a necessidade do uso de métodos mais refinados para o estudo do processamento da variação. Dentre eles, Squires destaca a relevância de experimentos concebidos a partir de paradigmas de escuta (em lugar de leitura), como por exemplo, o caso da escuta auto monitorada, utilizada nessa dissertação no Experimento 1.

Neste capítulo reportamos uma série de três experimentos conduzidos no âmbito da presente dissertação, sendo dois deles de compreensão e um de produção eliciada. Em conjunto, esses experimentos foram desenvolvidos com intuito de buscar evidências experimentais acerca do processamento da concordância verbal variável no PB por falantes adultos.

O primeiro dos experimentos conduzidos lançou mão da técnica de escuta automonitorada e teve como objetivo geral dar início às investigações acerca do processamento da concordância variável no PB. Pelo fato de não contarmos – na época da realização desse primeiro experimento - com estudos prévios que pudessem servir como ponto de partida para nossa pesquisa empírica, esse experimento, foi idealizado visando a explorar, embora de forma bastante preliminar, possíveis diferenças no processamento das regras redundante e não redundante por falantes adultos do PB, com de nível superior de escolaridade.

Como vimos no Capítulo 2, a partir da análise da produção espontânea oral e escrita de adultos, tem sido proposto um conjunto de fatores que podem favorecer a realização da regra de concordância redundante, em virtude da qual todos os elementos da sentença (itens que compõem o sujeito e a flexão verbal) recebem o morfema de plural. Alguns dos fatores tidos como favorecedores da concordância verbal padrão são um alto nível de escolaridade do falante, verbos mais salientes no plural, sujeitos pré-

verbal, verbo imediatamente após o sujeito, dentre outros. Em contrapartida, itens menos salientes, maior distância entre sujeito e verbo, sujeitos pospostos e um nível de escolaridade mais baixo, parecem favorecer a implementação da regra não redundante, em que geralmente apenas o D que compõe o DP sujeito recebe marca morfológica de plural. Os Experimentos 2 e 3 tiveram como objetivo explorar em que medida a atuação de dois dos fatores elencados pelas análises sociolinguísticas poderiam ser capturados experimentalmente. Mais especificamente, investigamos o papel da distância linear entre sujeito e verbo e a relevância do nível de escolaridade na realização das duas regras gerais de concordância no PB. Para conduzir o Experimento 2, foi idealizada uma tarefa de produção eliciada baseada em repetição, enquanto no Experimento 3, foi utilizada a técnica de leitura automonitorada por meio de uma *maze task*, ou tarefa de labirinto.

Antes de iniciarmos o relato do primeiro experimento do nosso estudo, realizaremos algumas considerações relativas ao método experimental adotado na nossa pesquisa e explicaremos brevemente as técnicas utilizadas em cada um dos três experimentos conduzidos.

5.1. Breve introdução à metodologia experimental

Tendo em vista que a psicolinguística é definida como a área das Ciências Cognitivas que se dedica ao estudo dos processos e das entidades mentais envolvidos no processamento linguístico (produção e compreensão de enunciados) (SCLIAR-CABRAL, 1991), bem como da aquisição de língua(s) natural(is), há dois métodos principais por meio dos quais as pesquisas em psicolinguística são desenvolvidas, a saber: o método naturalista e o método experimental. O primeiro refere-se ao estudo, por meio da observação sem interferência do pesquisador, de comportamentos espontâneos considerados relevantes no que diz respeito à aquisição, ou à produção/compreensão da linguagem. O método experimental, por sua vez, refere-se à comparação de duas ou mais condições de observação de um comportamento, em situação controlada, o que possibilita a manipulação de fatores passíveis de atuar em um dado fenômeno (seja na aquisição da linguagem ou na produção/compreensão de língua).

No que diz respeito os métodos experimentais, as pesquisas em psicolinguística trabalham principalmente com o método quantitativo, embora a depender do objeto de

estudo específico e da população avaliada, pesquisas de cunho qualitativas também possam ser conduzidas (como acontece, por exemplo, nos estudos de caso). No que concerne à pesquisa quantitativa, Aliaga e Gunderson (2002) descrevem tal pesquisa como uma explicação de um determinado fenômeno através da coleta de dados quantitativos (dados numéricos) que são analisados lançando mão de métodos baseados na matemática, como a estatística. Já Creswell (2002, p.205) afirma que “*um projeto de pesquisa fornece uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, atitudes ou opiniões de uma população ao estudar uma amostra dessa população*”²⁶. Assim, ao lançar mão do método quantitativo, o pesquisador faz uso de ferramentas como escalas, quantificação de dados, dentre outros.

No contexto do método experimental, diversas técnicas podem ser empregadas em função dos objetivos específicos e do fenômeno a ser investigado. No âmbito desta dissertação, como já anunciado, foram conduzidos três experimentos, empregando diferentes técnicas e tarefas experimentais, quais sejam: escuta automonitorada, produção eliciada por imitação/repetição e leitura automonitorada (nesse caso, utilizamos um tipo pontual de tarefa denominada *maze task* – tarefa de labirinto). Nas próximas seções, detalharemos cada uma dessas técnicas.

5.1.1. Escuta automonitorada

No primeiro experimento conduzido, que será reportado nas próximas seções, buscou-se investigar como o processamento linguístico da concordância no PB se dá tanto no âmbito do DP quanto na relação entre sujeito-verbo. Para tal investigação, foi utilizado como procedimento metodológico a técnica *online* de escuta automonitorada. De acordo com Marinis (2010), experimentos *online* apresentam vantagens devido ao fato de medirem as respostas mais automáticas e inconscientes dos participantes. Nesse sentido, experimentos que medem reações *online* permitem obter informações sobre processos mentais que ocorrem no momento em que o processamento está acontecendo, ou seja, no momento reflexo.

A técnica de escuta automonitorada é uma variação da técnica de leitura automonitorada. Em tarefas de leitura automonitorada, os participantes individualmente leem palavra por palavra ou segmento por segmento – até formar uma sentença – ou

²⁶ Tradução nossa. Original: “A research project provides a quantitative or numeric description of trends, attitudes and opinions of a population by studying a sample of that population.”

sentença por sentença, no caso da leitura de textos maiores. Os participantes controlam a apresentação do estímulo escrito na tela do computador pressionando um botão previamente definido. O tempo (RT, em inglês – *Reaction Time*) que o participante gasta entre a leitura da palavra/segmento/sentença e pressionar o botão para que o próximo estímulo seja apresentado é gravado, permitindo calcular a velocidade em que os participantes leem/processam cada item. Uma pausa maior antes de começar o segmento subsequente é interpretada como sendo decorrente de uma maior demanda cognitiva. Em outras palavras, RT maiores são interpretados como indicadores de que o participante gastou mais tempo para processar as informações.

Uma das desvantagens da técnica de leitura automonitorada é o fato de esta ser adequada apenas para populações com habilidades de leitura bem desenvolvidas. Nesse sentido, a técnica é mais apropriada para experimentos com participantes adultos ou adolescentes com boa proficiência na leitura. Nas tarefas de escuta automonitorada, por sua vez, as sentenças – apresentadas como estímulos auditivos em lugar de visuais – podem ser apresentadas fragmentadas em palavras, segmentos maiores ou frases completas. Os participantes, utilizando fones de ouvido, ouvem os estímulos sem saber previamente a extensão de cada um. No final dos segmentos apresentados, os participantes podem ser expostos a perguntas de compreensão. Essas perguntas têm o propósito de fazer com que os participantes se empenhem na tarefa de compreender as sentenças ao invés de apertarem automaticamente o botão. Além disso, com base nas respostas dos participantes, é possível ter acesso à compreensão das sentenças.

Uma das complexidades de tarefas que utilizam a técnica supracitada advém do fato de se fazer necessário o uso de um *software* próprio para a preparação da tarefa. Ademais, as sentenças testadas devem ser preparadas cuidadosamente controlando um conjunto de fatores, tais como: tamanho dos segmentos, número de palavras, e até mesmo a prosódia dos segmentos e das frases completas, a fim de evitar eventuais interferências no tempo de reação registrado durante a escuta.

No Experimento 1 desta dissertação utilizamos a técnica da escuta automonitorada. A escolha dessa técnica se baseia no pressuposto de que tarefas do tipo anteriormente descrito favorecem uma reação mais espontânea dos participantes, uma vez que, no caso de tarefas de leitura, o participante pode realizar a análise dos enunciados escritos de forma mais consciente. Nas tarefas de escuta, a intuição dos falantes da língua se manifesta de maneira mais espontânea do que no processamento de estímulos escritos. No caso da nossa pesquisa em particular, um dos objetivos

pretendidos com o experimento foi avaliar o grau de aceitabilidade da concordância variável no PB e o teste foi aplicado com um grupo de universitários. Por esse motivo, consideramos que a utilização de estímulos escritos poderia influenciar negativamente o julgamento das sentenças feito pelos participantes. Nesse sentido, entendemos que a técnica de escuta automonitorada resultaria mais adequada para o propósito pretendido.

5.1.2. Produção eliciada por repetição

A técnica utilizada no Experimento 2 foi a de produção eliciada por repetição. Nessa técnica, o participante é exposto a uma sentença – por via auditiva ou visual – que deverá ser repetida verbalmente. O participante pode ser exposto a uma sentença completa e repeti-la por completo ou ser exposto a uma sentença fragmentada e repetir os fragmentos até que a sentença esteja completa.

Tarefas de repetição geralmente são usadas com crianças e pessoas com algum tipo de afasia e foram originalmente propostas por Slobin e Welsh (1973). Segundo os autores, o uso de tarefas de repetição com crianças sugere que o reconhecimento de sentenças e a imitação das mesmas são filtrados através do sistema linguístico produtivo do indivíduo. Nesse sentido, a criança só repete aquelas estruturas que já foram efetivamente adquiridas. No caso dos adultos com algum tipo de comprometimento linguístico, a utilização dessa técnica permite identificar quais as estruturas que resultam problemáticas para o falante em virtude da alteração sofrida.

O raciocínio que subjaz ao uso dessa técnica tem como ponto de partida a ideia de que na repetição estariam envolvidas as mesmas etapas e processos cognitivos acionados na produção da fala de modo geral. Isto é, quando repetimos uma sentença não estaríamos apenas reproduzindo uma imagem acústica mantida na nossa memória – como um simples reproduzidor de “som”, numa fala de tipo “papagaio” – mas estaríamos efetivamente produzindo um enunciado. Segundo Longchamps (2009, p.74), a utilização da técnica de repetição *“permite a análise de construções gramaticais específicas em um determinado momento”* e também é útil para que os participantes produzam estruturas que não são muito frequentes na fala espontânea.

Optamos por utilizar tal técnica por considerar que a mesma permitiria medir o tempo de reação dos participantes diante de determinadas estruturas, juntamente com possibilidade de verificar a (não)-repetição-alvo das estruturas investigadas. Como explicaremos mais a frente, neste experimento consideramos como variável dependente

o tempo de reação entre o fim da escuta do segmento crítico dos estímulos experimentais e o início da repetição.

Apesar de essa técnica ser bastante utilizada e ter se mostrado eficiente em atividades experimentais com crianças que ainda não têm a gramática da língua consolidada e com pacientes que sofrem de diversos tipos de afasia, o uso da técnica com adultos sem qualquer comprometimento linguístico não é comum. No entanto, no âmbito da presente pesquisa, optamos por empregar uma tarefa de produção por repetição com adultos sem alterações no domínio linguístico. Um dos motivos dessa escolha foi o fato de prever uma considerável dificuldade para eliciar a produção de enunciados com concordância redundante e não redundante por meio de outro tipo de tarefa de produção. Além disso, mais uma vez, tentamos evitar ao máximo a utilização de estímulos escritos na execução dos experimentos pelo fato de a concordância não redundante ser um fenômeno associado preferencialmente à oralidade em situações menos formais. Dessa forma, a situação experimental poderia inibir os falantes e impedir que produzissem sentenças com concordância não padrão, uma vez que participar de um experimento é uma situação nova para a grande maioria dos participantes. Em vista dessas considerações, optamos pela técnica de produção eliciada como um meio para buscar eliciar a produção de sentenças com e sem concordância redundante. Cogitamos ainda, durante a preparação do experimento, a possibilidade de utilizar de uma tarefa de repetição com sobreposição – na qual o participante deve ir repetindo assim que percebe o estímulo auditivo, isto é, sem aguardar a finalização do trecho ou da sentença. No entanto, consideramos que essa técnica não permitiria registrar de forma precisa a reação dos participantes frente a sentenças com concordância redundante e não redundante, já que a tarefa prevê um *delay* entre escuta e repetição. Nesse caso, seria impossível saber se um aumento no tempo de resposta seria derivado de um maior custo de processamento do estímulo em questão ou de uma demanda intrínseca da tarefa experimental.

5.1.3. Leitura automonitorada – maze task

No terceiro e último experimento desta pesquisa, utilizamos uma variante específica do paradigma de leitura monitorada, implementado por meio de uma tarefa de labirinto ou *maze task*. Embora nos experimentos prévios – como já mencionamos – evitamos o uso de materiais escritos, a escolha de uma tarefa de leitura para o

Experimento 3 se justifica pelo fato da *maze task* oferecer uma alternativa às tarefas clássicas de leitura automonitorada. Vimos anteriormente que em tarefas de leitura automonitorada – e também de escuta – o participante pode, eventualmente, avançar para próxima palavra ou trecho sem ter plenamente integrado o que acabou de ler/ouvir com o contexto anterior. Assim, a falta de integração plena pode representar uma limitação da técnica na medida em que o objetivo desse tipo de experimento é fornecer uma medida *online* do processamento de um ou mais pontos específicos do enunciado/sentença. A tarefa de labirinto é uma alternativa interessante nesse sentido já que apresenta a vantagem – quando comparada com outros paradigmas de leitura/escuta – de forçar a integração incremental de cada nova palavra ou trecho lido com o contexto prévio. Dessa forma, essa técnica pode fornecer uma imagem mais precisa da complexidade do processo de integração.

Tarefas de *maze* permitem medir o tempo de leitura de cada segmento, além de ser possível identificar a escolha dos participantes em cada ponto do estímulo. De modo geral, tarefas de *maze* funcionam da seguinte forma: o participante vê duas palavras ou expressões por vez separadas por barras. Apenas uma das palavras é a opção correta que dá continuidade a sentença de forma coerente. O participante seleciona a palavra que julga ser a mais adequada através de botões, que correspondem a palavra da direita ou da esquerda. O participante chega ao final da sentença selecionando os itens que compõem a frase em cada passo, como mostra o exemplo abaixo, em que a sentença final é “A criança chorou desesperada”:

1. XXX / A
2. **criança** / caiu
3. **chorou** / mas
4. relógio / **desesperada.**

Consideramos que esse tipo de tarefa – a despeito de lidar com material escrito – pode ser uma opção válida para investigar o fenômeno de nosso interesse, já que o fato de o participante precisar realizar a integração de informações de forma local (requerendo um grau de atenção e engajamento maior do que em outras tarefas de leitura) poderia evitar um possível estranhamento decorrente da menor frequência de certas estruturas na modalidade escrita. Além disso, a tarefa de labirinto restringe a

possibilidade de efeitos de tipo *spillover*²⁷, fornecendo um quadro mais preciso do curso temporal do processamento.

5.2. Experimento 1: investigando o processamento da concordância variável em PB²⁸

Como vimos no Capítulo 2, de acordo com os estudos conduzidos no âmbito da sociolinguística, no PB duas regras gerais regulariam a realização da concordância nominal e verbal, sendo elas:

- (i) Marcação redundante de plural em todos os elementos do DP e no sufixo verbal;
- (ii) Marcação não redundante, em que o morfema de plural é realizado em um dos itens do DP – geralmente o próprio núcleo D –, e pode ser omitida nos itens restantes, incluindo o verbo.

Um questionamento que emerge diante das duas possibilidades de realização da concordância no PB, é se ambas as regras são processadas e igualmente aceitas pelos falantes da língua. No âmbito desta dissertação, buscamos abordar essa questão experimentalmente com intuito de dar início às investigações – ainda inéditas no Brasil – a respeito do processamento da concordância variável de número na relação sujeito-verbo numa abordagem psicolinguística e, de forma mais geral, contribuir para pesquisas sobre a dimensão cognitiva da variação linguística.

Nessa seção relatamos o primeiro experimento conduzido, no qual foi utilizada a técnica de escuta automonitorada acompanhada de uma pergunta de compreensão ao final de escuta. Esse experimento teve como objetivo geral explorar a interpretação de sentenças com concordância redundante vs. concordância não-redundante na relação entre sujeito e verbo por falantes adultos escolarizados do PB. Além disso, o experimento também teve o objetivo de avaliar em que medida a retomada anafórica do antecedente – no caso, o sujeito de uma sentença – pode ser informativa a respeito do

²⁷ A noção de *spillover* remete aqui a um aumento no custo de processamento que se manifesta temporalmente de forma tardia, reverberando para além do momento pontual em que o participante se depara com a estrutura processualmente custosa.

²⁸ Experimento realizado em colaboração com Cristina Azalim, mestrande do programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora e membro do grupo de pesquisa do NEALP, que desenvolve pesquisa a respeito do processamento da concordância nominal variável do PB.

processamento da concordância no PB, particularmente no que diz respeito à retomada do número gramatical do DP.

5.2.1 Método

No contexto do método experimental, são consideradas variáveis independentes os fatores investigados e manipulados pelo pesquisador. No Experimento 1, as variáveis independentes dizem respeito à *concordância* e à *congruência*. No que tange à primeira variável – *concordância* – foi contrastada a concordância redundante (*Os esquilos desceram da árvore*) vs. não redundante (*Os esquilo desceu da árvore*). No que diz respeito à *congruência* contrastamos a retomada pronominal congruente (antecedente plural e retomada plural) vs. incongruente (antecedente plural e retomada singular).

A variável dependente, por sua vez, diz respeito às respostas comportamentais (ou neurofisiológicas) que podem ser tomadas como indicativas da demanda cognitiva para a realização da tarefa. No caso da atividade experimental descrita, temos como variáveis dependentes o tempo de escuta de cada segmento, o tempo de reação e a média de respostas-alvo nas perguntas de compreensão apresentadas no final de cada estímulo.

As questões de pesquisa que buscamos explorar com a presente atividade experimental foram as seguintes:

- a) Em que medida ambas as regras de realização da concordância (redundante e não-redundante) são igualmente processadas pelos falantes de PB?
- b) A ausência da marcação redundante pode, eventualmente, dificultar a identificação do traço de número, gerando um custo adicional no processamento?
- c) Em que medida a análise da retomada anafórica de antecedente realizados a partir dessas duas possíveis regras de concordância pode ser informativa a respeito do processamento de informação de número do PB?
- d) A concordância não redundante é bem aceita – em termos de processamento – inclusive no caso de falantes mais escolarizados?

A partir dessas questões de pesquisa, foram levantadas as seguintes previsões:

- Se as duas regras de realização da concordância forem processadas de forma equivalente pelos falantes de PB, inclusive no caso de falantes com alto nível de escolaridade que conformam nosso grupo experimental, são esperados tempos de

escuta semelhantes quando comparadas as condições redundante e não redundante;

- Se a previsão anterior for correta, e ambas as regras de concordância forem igualmente aceitas, a *retomada anafórica congruente* deveria registrar tempos de escuta significativamente menores quando comparada com a *retomada incongruente*, independentemente da regra de realização da concordância (redundante ou não redundante).

Participantes

Participaram do experimento 53 estudantes universitários do curso de Letras com idades entre 18 e 35 anos (média 23 anos), dos quais 22 do sexo feminino e 26 do sexo masculino. Desse número total, 5 foram descartados por apresentarem tempos de reação muito superiores em comparação com os demais participantes, derivados de falta de atenção ou interrupções durante a execução da tarefa. Os resultados reportados correspondem assim a 48 participantes. Todos os participantes foram testados na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os participantes foram divididos em quatro listas, com 12 participantes em cada lista, seguindo a distribuição de quadrado latino que consiste em um modo de organizar os estímulos experimentais de modo que todos os participantes sejam testados em todas as condições, mas sem ter contato com a mesma sentença mais de uma vez. Dessa forma, cada participante ouviu uma das quatro versões em que uma sentença poderia aparecer e nenhuma sentença foi repetida, logo todos os participantes foram expostos a todas as condições.

Materiais e procedimento

Na atividade experimental descrita, os participantes foram expostos a um conjunto de estímulos formado por 12 sentenças experimentais embutidos em um conjunto de 24 sentenças distratoras. Como foi mencionado anteriormente, as variáveis independentes foram: *concordância* (redundante e não-redundante) e *retomada pronominal* (congruente ou incongruente). Combinando essas variáveis, em um *design 2x2*, obtemos as quatro condições experimentais, das quais apresentamos exemplos a seguir (cf. o Anexo para conferir a lista completa de sentenças experimentais e distratoras):

Condição A: concordância redundante + retomada pronominal congruente (plural)

Durante as férias_[1]/as garotas_[2]/ emagreceram_[3]/ muito_[4]. /Elas_[5]/ correram_[6]/diariamente_[7].

Condição B: concordância redundante + retomada incongruente (singular)

Durante as férias,/ as garotas/ emagreceram /muito./ ElaØ/ correuØ /diariamente.

Condição C: concordância não-redundante + retomada congruente (plural)

Durante as férias,/ as garotaØ/ emagreceuØ /muito. /Elas/ correram/ diariamente.

Condição D: concordância não-redundante + retomada incongruente (singular)

Durante as férias,/ as garotaØ/ emagreceuØ/ muito./ ElaØ/ correuØ/ diariamente.

Pergunta de compreensão para todas as condições: *Todas as garotas emagreceram?*

Tabela 2: Condições experimentais Experimento 1.

Na preparação dos estímulos experimentais, o número total de sílabas das sentenças experimentais foi controlado de modo que as sentenças tivessem em média o mesmo tamanho. Com o intuito de não adicionar mais uma variável ao *design* experimental, optou-se pelo uso de sujeitos animados, exclusivamente. Cabe salientar que a animacidade associada ao sujeito tem sido apontada como um fator relevante para a realização das regras de concordância. De acordo com (BRANDÃO, 2009), sujeitos animados seriam mais favoráveis à marcação redundante de plural do que sujeitos inanimados. A *saliência fônica* foi outro aspecto considerado na elaboração dos estímulos, visto que pesquisas prévias (LEMLE & NARO, 1977; BRAGA & SCHERRE, 1976; SCHERRE, 1988; LOPES & SCHERRE, 2013; dentre outros) têm apontado este fator como relevante na ocorrência do fenômeno da concordância variável. Por essa razão, optou-se pelo uso de itens nominais de traço [-saliente] (Ex. criança/s, aluno/s), nos quais a marcação morfológica de plural se dá unicamente pela inserção do morfe {S} em sílaba não acentuada. Como consequência, quando da passagem de singular para plural, tais itens sofrem pouca alteração em seu material fônico, isto é, apresentam pouca *saliência fônica*. Em relação a verbos, optamos por privilegiar os da segunda conjugação, visto que sua forma na terceira pessoa do plural no passado apresenta menor *saliência fônica* em relação à sua contraparte no singular, comparados aos verbos da primeira e terceira conjugação (Comparar por exemplo: *caminhou/caminharam* [1^{era}], *desceu/desceram* [2^a] e *partiu/partiram* [3^{era}]).

Para a apresentação dos estímulos durante a tarefa, as sentenças foram divididas em 7 segmentos e o tempo de escuta foi contabilizado em todos os segmentos, exceto no

primeiro e no último²⁹. Durante o teste, os participantes ouviram uma sequência de duas frases em que o referente plural na primeira sentença foi recuperado por um pronome anafórico na segunda. As sentenças foram fragmentadas da seguinte forma:

(49) No sítio da Ana/ Os esquilos/ desceram/ da árvore./ Eles/ recolheram/ nozes no quintal.³⁰

O aparato experimental consistiu de um *laptop Macbook Pro* em conjunto com o programa *Psyscope* (COHEN, J. D., MACWHINNEY, B., FLATT, M., & PROVOST, S., 1993). O experimento, programado e implementado por meio do *software Psyscope*, utilizou a técnica *online* de escuta automonitorada (*self-paced listening*) em que os participantes monitoram sua própria escuta em frente à tela do computador e ao teclado. Os participantes foram testados individualmente e todos eram primeiramente orientados oralmente pelo experimentador e em seguida, também foram orientados por instruções que apareciam por escrito na tela do computador.

Após receberem as instruções, os sujeitos fizeram um pequeno treinamento para se habituarem ao procedimento que consistia em ouvir uma sequência de duas sentenças, divididas em 7 segmentos (identificados pelas barras inclinadas – cf. Tabela 2), nas quais o referente plural apresentado na primeira sentença era recuperado por um pronome anafórico (singular ou plural) na segunda, como ilustrado nos exemplos das condições experimentais fornecidos anteriormente. Durante a execução da tarefa, o participante ouvia o primeiro segmento e, ao pressionar a barra de espaço do teclado fazia com que o segmento subsequente fosse reproduzido até que o sétimo e último segmento fosse ouvido. Em seguida, uma pergunta de compreensão a respeito das sentenças ouvidas era exibida por escrito na tela e o participante precisava responder SIM ou NÃO pressionando teclas indicadas para tal fim no teclado. A pergunta de compreensão foi introduzida com vistas a satisfazer dois objetivos: (i) forçar o participante a prestar atenção na informação apresentada no estímulo auditivo – já que esta seria fundamental para responder à pergunta –, evitando assim que os sujeitos

²⁹ O tempo de reação não foi contabilizado nos segmentos 1 e 7 devido ao fato destes não serem inicialmente considerados como segmentos críticos. Na discussão dos resultados retomaremos esse ponto e as consequências dessa decisão na análise dos resultados.

³⁰ Cada sentença possuía 4 versões diferentes, como mostra a Tabela 2 com as condições experimentais.

executassem a tarefa de forma automática; (ii) verificar em que medida o fato de a informação relativa a número plural ser codificada apenas no D seria suficiente para que o participante relacionasse o pronome apresentado na segunda sentença com o sujeito da primeira sentença. Em outras palavras, buscou-se verificar se o pronome sujeito na segunda sentença seria interpretado como recuperando anaforicamente um antecedente previamente apresentado ou como introduzindo um novo – e, portanto, pragmaticamente infeliz – referente discursivo.

O tempo de escuta dos segmentos 2-6, bem como o tempo de reação para fornecer a resposta (SIM ou NÃO) à pergunta de compreensão foram registrados. A realização da tarefa experimental durou, em média 12 minutos.

5.2.2. Resultados e discussão

Os resultados foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA com *design* fatorial 2X2) para as variáveis dependentes tempo de escuta e tempo de reação na resposta à pergunta de compreensão. No que tange a primeira variável dependente considerada – tempo de escuta dos segmentos 2-6 das frases –, foi obtido um efeito principal de *concordância* nos segmentos 2 (= verbo da primeira sentença; $F(1,47) = 4.51$ $p < .03$) e 3 (= adjunto vinculado ao primeiro verbo; $F(1,47) = 8.55$ $p < .005$), com medias de escuta significativamente maiores na condição de concordância não redundante. Não foram registradas diferenças significativas no tempo de escuta dos demais segmentos nem efeitos de interação entre as variáveis analisadas. O Gráfico 1 apresenta os tempos médios de escuta (calculados em milissegundos) para cada um dos segmentos considerados (segmentos 2-6) em virtude da variável *concordância*.

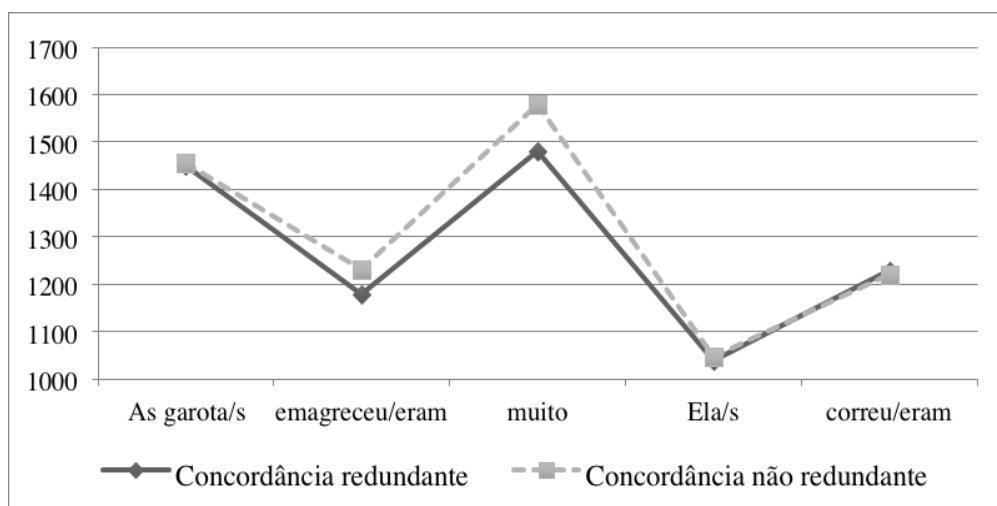


Gráfico 1: Tempo de escuta para cada segmento em função da variável *concordância*.

No que diz respeito à segunda variável dependente considerada – tempo de reação na resposta à pergunta de compreensão – foi registrado um efeito principal de *congruência na retomada pronominal*, com médias significativamente maiores na condição de retomada pronominal incongruente ($F(1,47) = 11.4$ $p < .001$). O gráfico 2, a seguir, apresenta as médias de escuta para cada segmento e o tempo médio de resposta para a pergunta de compreensão em função da variável *congruência*.

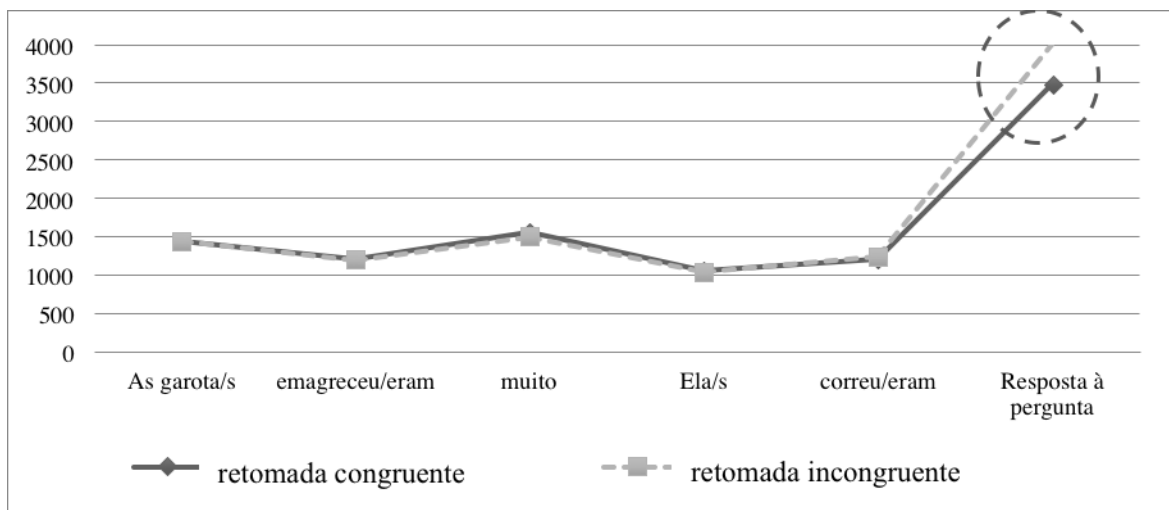


Gráfico 2: Tempo de escuta de cada segmento e tempo de reação na pergunta de compreensão em função de *congruência na retomada pronominal*.

Já com relação à terceira variável dependente definida – isto é, número de respostas-alvo para a pergunta de compreensão – a análise estatística foi conduzida por meio de um teste de Wilcoxon e revelou uma diferença significativa entre as condições de retomada congruente e incongruente ($Z = -2,734^a$ $p = .006$), com médias de acerto maiores para a retomada congruente (as médias por condição estão representadas no Gráfico 3).

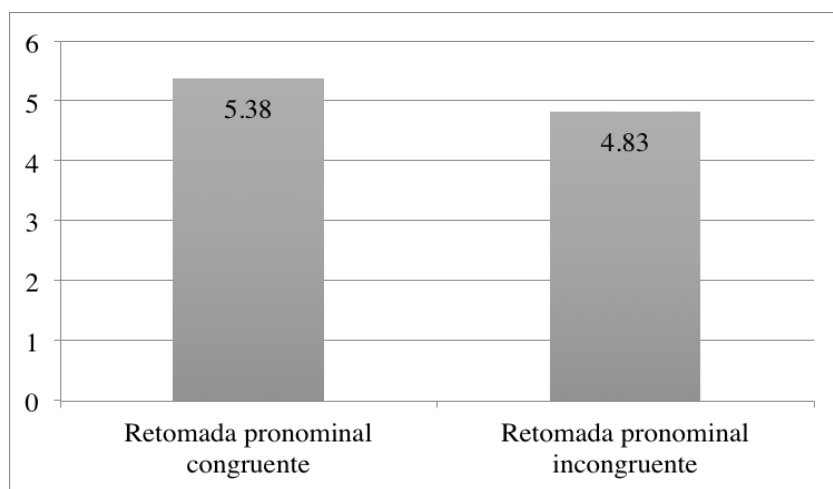


Gráfico 3: Média de respostas-alvo nas perguntas de compreensão em função de *congruência* (Max Score = 6).

A comparação entre as condições com concordância redundante e não-redundante, por sua vez, não revelou diferença estatisticamente significativa no que tange ao número de respostas-alvo ($Z=-1,663^a$ $p=.1$) com médias de 5.22 para a retomada congruente e 4.97 para a retomada incongruente).

Tomados em conjunto, os resultados do Experimento 1 sugerem que falantes com alto nível de escolaridade (ensino superior completo ou cursando graduação) interpretam sentenças com concordância redundante e não-redundante como sendo opções gramaticais e aceitáveis – em termos de processamento – na língua. Em outras palavras, os participantes demonstraram ser capazes de identificar o sujeito da sentença como sendo plural – e devendo, portanto, posteriormente ser retomado por um pronome também plural – tanto nos casos em que a concordância era realizada de forma redundante com marcas reiteradas em todos os itens do DP e na flexão verbal, quanto nos contextos em que a única marca de plural era expressa no D. Essa afirmação é sustentada pelo fato de não terem sido registradas diferenças entre as condições *redundante* e *não-redundante*, no que tange à compreensão da pergunta apresentada após o estímulo (o número de respostas-alvo foi equivalente em ambas as condições) e nem no tempo de reação para fornecer a resposta à pergunta. No entanto, os tempos médios de escuta revelaram que a condição *redundante* parece ser processada mais rapidamente do que a *não-redundante*, que registrou tempos significativamente maiores tanto no segmento que continha o verbo (que, nessa condição não apresentava marca de plural na flexão) quanto no segmento imediatamente posterior (um adjunto adverbial), o

que sugere que a detecção da não-redundância morfológica pode ter sido mais tardia, gerando um efeito do tipo *spillover*³¹.

No que tange à variável *congruência*, ela se mostrou relevante na compreensão, tanto na condição de *concordância redundante* quanto na condição de *concordância não redundante*. Não foram, no entanto, registrados efeitos de *congruência* nos tempos de escuta das frases, apenas na resposta à pergunta de compreensão. Embora isso fosse o esperado para todos os segmentos da sentença 1 (nos quais *congruência* não estava em jogo), a previsão inicial era de se obter um efeito dessa variável nos tempos de escuta da sentença 2. Estimamos que a ausência de tal efeito seja decorrente, novamente, de um aumento nos custos de processamento mais tardio no curso temporal da computação da informação (*spillover*) e que, portanto, não foi captado nos segmentos analisados (i.e. no pronome sujeito da segunda sentença e no verbo da segunda sentença). Já quando consideradas a segunda – tempo de resposta à pergunta de compreensão – e terceira variáveis dependentes – número de respostas-alvo – a retomada incongruente afetou igualmente a compreensão das sentenças, independentemente da regra de realização da concordância, o que reforça a ideia de que os falantes conseguem extrair as informações relevantes para identificar o referente como plural em ambas as condições. Em suma, os resultados sugerem que a concordância não-redundante é tratada como uma opção gramatical por falantes escolarizados do PB, embora – em termos processuais – a identificação do número possa ser menos custosa na variedade morfológicamente redundante.

5.3. Experimento 2: investigando o papel da distância linear entre sujeito e verbo na concordância variável

A marcação de plural no verbo no PB, como discutido nas seções anteriores, não é realizada de forma homogênea por todos os usuários da língua. De acordo com o que vem sendo reportado na literatura, especialmente no âmbito da sociolinguística, alguns fatores podem ser relevantes para determinar a forma de realização da concordância

³¹ Como já mencionado, a noção de *spillover* diz respeito a um aumento no custo de processamento que se manifesta temporalmente de forma tardia. Especificamente no nosso experimento o primeiro ponto na sentença em que o participante poderia identificar a concordância não-redundante é o núcleo nominal do sujeito. No entanto, não foi registrado aumento no tempo médio de escuta nesse ponto, mas apenas – e de forma crescente – nos dois segmentos seguintes.

verbal, seja de acordo com a regra redundante ou de acordo com o padrão não redundante. Um dos fatores que tem sido levantado como potencial favorecedor da concordância não redundante é a *distância linear* entre o sujeito e o verbo (VIEIRA & BRANDÃO, 2009; NARO & SCHERRE, 1997; GRACIOSA, 1991). Assim, de acordo com a literatura sociolinguística, quanto maior o número de elementos intervenientes entre o núcleo do sujeito e o verbo, maiores as chances da concordância redundante não se realizar. Graciosa (1991) e Santos (2010) investigaram pontualmente o papel da distância entre sujeito e verbo. A primeira autora analisou a ausência/presença de morfologia de plural no verbo na fala de falantes cultos cariocas e, segundo ela,, “quando há proximidade linear entre SN e SV há maior garantia da regra se aplicar” (GRACIOSA, 1991, p.69).

Santos (2010), por sua vez, analisou o cancelamento da marca de plural no verbo em narrativas de crianças frequentadoras de entidades filantrópicas em Maceió. Os fatores linguísticos que levariam a realização da concordância variável foram organizados pela autora em ordem de importância e o fator *distância linear* foi o segundo fator que, de acordo com os dados, mais favorecia a presença ou ausência da marca de número no verbo. Nas palavras de Santos (2010, p. 98), a não realização da concordância verbal é condicionada pelo fator “presença de elementos”, enquanto a realização da concordância verbal é condicionada pelo fator “ausência de elementos” entre o sujeito e o verbo.

Uma das possíveis explicações para a não realização da concordância redundante nos casos em que existe uma maior distância linear entre sujeito e verbo seria o fato de que, no decorrer do processamento da sentença, a informação de número do sujeito se “perderia” e, por esse motivo, a concordância se realizaria com o item mais próximo. Outra explicação possível, seria o fato da concordância poder ser realizada com um traço de número recuperado da memória de trabalho em uma situação na qual o número está sub-especificado, o que acaba deflagrando a concordância singular, que seria a forma menos marcada e, portanto, *default*, nesses casos.

Uma das autoras que investigaram a distância linear e sua influência na realização da concordância verbal – embora não especificamente no caso da concordância variável – foi Rodrigues (2006). Como foi salientado no Capítulo 4, Rodrigues realizou um experimento que buscava verificar se a distância entre sujeito e verbo poderia favorecer os erros de atração. Segundo a autora, “a energia mental” para se recuperar a informação de número no sujeito pode ser afetada pela sobrecarga dos recursos de memória.

Evidências experimentais encontradas por Rodrigues mostram que houve mais erros de atração na condição longa, de forma que a informação de número do sujeito se perdeu e a concordância foi realizada com o item mais próximo.

No segundo experimento do nosso estudo, além de investigar o fator *distância linear* também decidimos explorar a variável extralinguística *grau de escolaridade*. Trata-se de um fator recorrentemente citado pela literatura sociolinguística e, segundo Votre (2013, p. 51): “*podemos dizer que a influência dessa variável [grau de escolaridade] é correlatada aos mecanismos de promoção ou resistência a mudança*”. Nesse sentido, essa variável tem se mostrado bastante relevante no contexto dos estudos sociolinguísticos acerca da variação. A conclusão de Vieira (1994) acerca do fator grau de escolaridade no que tange ao fenômeno da concordância variável é de que:

Nos segmentos da população brasileira que gozam dos direitos da cidadania e possuem um grau de escolaridade elevado, o estigma que recai sobre a ausência da regra de concordância inibe tendências latentes de simplificação na estrutura morfossintática da língua. Já entre os segmentos da base da pirâmide social, observa-se um quadro amplo de variação cuja origem estaria no processo de transmissão linguística irregular (VIEIRA, 1994, p. 326).

5.3.1. Método

O experimento que reportamos a seguir teve como principal objetivo verificar em que medida a distância linear entre o núcleo do sujeito e o verbo é um fator que afeta a realização da concordância verbal variável (redundante e não redundante). O principal diferencial deste experimento, quando comparado com outros reportados na literatura e resenhados no Capítulo 4, é que neste caso o que foi investigado foi o papel desse fator na produção de sentenças gramaticais na língua. Vale lembrar que, a pesquisa conduzida por Rodrigues (2005, 2006) buscou investigar a produção de erros de atração.

As variáveis independentes investigadas foram: *distância linear* entre o sintagma com função de sujeito e o verbo (distância longa, curta e zero), *número* expresso no verbo (singular e plural) e *nível de escolaridade* dos participantes (ensino superior e ensino fundamenta-EJA).

Foi utilizada uma tarefa de produção eliciada por repetição na qual sentenças que apresentavam variação na quantidade de material interveniente entre o sujeito e o verbo

foram apresentadas por via auditiva para, posteriormente, serem repetidas após a escuta de um pequeno sinal sonoro (*bip*). As variáveis dependentes foram o tempo de reação entre a escuta do sinal sonoro e o início da repetição da sentença e o número de repetições-alvo. No que diz respeito à variável dependente repetição-alvo, cabe salientar que foram consideradas como respostas-alvo as repetições em que a informação do número do verbo foi mantida tal como havia sido escutada pelo participante. Sentenças que tiveram o número do verbo alterado ou sentenças que os participantes não concluíram a repetição foram consideradas como respostas não-alvo. Outros tipos de alterações na repetição (Ex. troca de palavras ou omissão de algum termo considerado não relevante) foram contabilizadas como sendo do tipo alvo.

A partir do que foi discutido acima, as seguintes previsões foram estabelecidas:

- i) Se uma maior distância linear entre sujeito e verbo favorece a concordância não redundante no verbo, esperam-se: (i) tempos de reação maiores para a condição singular zero, e (ii) um número maior de repetições-alvo na condição longa singular quando comparada com as condições curta singular e zero singular;
- ii) Com relação ao nível de escolaridade, espera-se que, em termos perceptuais, o Grupo 1 (ensino superior) se mostre mais “sensível” ao contraste entre morfologia redundante e não redundante, quando comparado com o Grupo 2 (aluno da EJA). Em outras palavras, espera-se um maior estranhamento frente às formas não redundantes por parte dos integrantes do Grupo 1, fato que deve se traduzir em tempos de reação maiores nessa condição.

Participantes

O experimento foi aplicado com um total de 41 voluntários divididos em dois grupos em função da variável grupal *nível de escolaridade*. O primeiro grupo (Grupo 1) foi constituído de 26 estudantes universitários de diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, com idades entre 18 e 37 anos (média de 23 anos), sendo 16 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Dentre o número total de participantes desse primeiro grupo, 2 foram descartados por terem interrompido a atividade experimental durante a execução da mesma. A atividade experimental com o primeiro grupo foi integralmente conduzida na Universidade Federal de Juiz de Fora.

O segundo grupo (Grupo 2), por sua vez, foi constituído por 15 participantes, sendo 10 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com idades entre 18 e 55 anos (idade média de 30 anos), dos quais 3 foram descartados por não terem concluído a atividade experimental. Diferentemente do primeiro grupo, o Grupo 2 foi formado por estudantes cursando o primeiro ano do ensino médio em uma unidade CEJA-RJ³². Os testes foram conduzidos na unidade CEJA Jamapará, localizada em Jamapará, distrito da cidade de Sapucaia, no estado do Rio de Janeiro³³.

Materiais

Na atividade experimental descrita nesta seção, os participantes foram expostos a um conjunto de 36 sentenças, contendo 18 sentenças experimentais, sendo metade delas com sujeito feminino e metade com sujeito masculino, além de 18 sentenças distratoras de diversos tamanhos. Utilizamos um número menor de distratoras do que o habitual (proporção 1 de uma experimental para 2 distratoras) pelo fato de as próprias sentenças experimentais apresentarem uma variação considerável entre si no que diz respeito ao tamanho. Nesse sentido, estimamos que as próprias sentenças experimentais em cada condição funcionariam de algum modo como distratoras entre si. Também foram criadas 3 sentenças para a fase de treinamento. As sentenças experimentais foram distribuídas de maneira aleatória, apenas a ordem das sentenças distratoras e de treinamento permaneceu a mesma em todas as listas de apresentação. As sentenças experimentais foram classificadas entre estímulos com distância longa, curta e zero entre sujeito e verbo seguindo os seguintes critérios:

- a) Distância longa: dois adjuntos adverbiais independentes entre o sujeito e o verbo.

³² Segundo o *site* da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro, os Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJAs) são escolas da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, destinadas a jovens e adultos que estão fora da idade escolar regular e que desejam concluir o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Durante muito tempo, foram conhecidos com CES (Centros de Estudos Supletivos).

³³ Um ponto a ser levado em consideração em futuros trabalho diz respeito ao controle da variável *procedência do falante*. No caso deste experimento, os dois grupos de participantes foram constituídos por voluntários residentes em cidades diferentes (Juiz de Fora, Grupo 1, e Sapucaia, Grupo 2). Embora os resultados não tenham sugerido diferenças de desempenho em função desse fator, é desejável que esse aspecto seja melhor controlado pelo fato de ter sido apontado na literatura sociolinguística como uma variável que pode influenciar a realização da concordância no PB.

- b) Distância curta: apenas um advérbio como material interveniente entre sujeito e verbo.
- c) Distância zero: verbo localizado imediatamente após o sujeito.

A seguir, apresentamos exemplos dos estímulos experimentais em cada uma das condições investigadas.

Condição A: Distância longa + verbo no plural
Os alunos no início da aula hoje atentamente <i>escutaram</i> a professora.
Condição B: Distância longa+ verbo no singular
Os alunos no início da aula hoje atentamente <i>escutouØ</i> a professora.
Condição C: Distância curta + verbo no plural
Os alunos atentamente <i>escutaram</i> a professora.
Condição D: Distância curta + verbo no singular
Os alunos atentamente <i>escutouØ</i> a professora.
Condição E: Distância zero + verbo no plural
Os alunos <i>escutaram</i> a professora.
Condição F: Distância zero + verbo no singular
Os alunos <i>escutouØ</i> a professora.

Tabela 3: Condições experimentais Experimento 2.

Vale destacar que em todas as sentenças experimentais os DPs com função de sujeito apresentam concordância redundante (Ex. Os alunos). Essa escolha justifica-se por dois motivos: (i) os exemplos identificados na literatura sociolinguística como ilustrativos da regra não redundante em função de distância seguem esse padrão; e (ii) DPs com marcação não redundante poderiam favorecer a atuação de um fator extra, no caso, o paralelismo formal. A opção por DPs com morfologia de plural redundante buscou neutralizar um possível efeito de paralelismo.

Também com a intenção de não adicionar mais uma variável ao *design* experimental, controlamos a saliência fônica usando apenas verbos no pretérito, uma vez que esse tempo verbal apresenta menor grau de saliência fônica. Controlamos ainda a natureza do material que ficaria imediatamente antes dos verbos nas sentenças experimentais, de modo que não fosse possível gerar um possível erro de atração. Segundo Rodrigues (2006), algumas propriedades sintáticas podem levar um núcleo interveniente a ser tomado como o controlador da concordância. Nesse sentido,

buscamos controlar ao máximo a natureza do material interveniente entre o sujeito e o verbo, observando se esse material permitiria ou não erros de atração. Os verbos nas condições com distância longa e curta eram precedidos de advérbios ou locuções adverbiais, que têm como uma de suas características o fato de serem palavras invariáveis. Diante das dificuldades para construir o número de estímulos aceitáveis necessário seguindo apenas esse padrão, adicionamos também um caso nos quais o elemento que antecedia imediatamente ao verbo dificilmente poderia entrar em concordância com o verbo em questão (utilizamos um PP locativo com nome próprio gentílico – *no Rio* – por Rio de Janeiro). A lista completa das sentenças utilizadas está disponível no Anexo. Os estímulos foram organizados manualmente em 6 listas, seguindo a distribuição de quadrado latino, de forma que cada participante ouviu uma versão entre as seis possibilidades de uma mesma sentença e nenhuma sentença foi repetida em mais de uma condição para o mesmo participante. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos entre essas 6 listas.

O aparato experimental consistiu de um *notebook* tela 14 polegadas, *headphones* da marca *Sony*, modelo ZX110BC, caixa de som, adaptador para duas saídas de áudio externas e um gravador *Sony* PCM-D50. Todos os arquivos de som foram gravados por uma falante nativa do PB, em ambiente próprio com isolamento acústico e utilizando um gravador de alta qualidade para o registro. Os estímulos acústicos foram gravados e sem seguida, manipulados utilizando o *software Praat*. O mesmo *software* foi utilizado posteriormente na aferição dos tempos de reação. O experimento foi programado e aplicado por meio do *Office Powerpoint*, versão 2010.

Procedimento

Os participantes foram testados individualmente em salas na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, no caso do Grupo 1 e, no Grupo 2, em salas individuais na sede CEJA – Jamaparã. O participante era instruído a usar o fone de ouvido e as instruções para realização da tarefa eram apresentadas primeiro oralmente pelo experimentador e também por escrito na tela do computador antes do início da tarefa. As instruções por escrito informavam que o participante ouviria pelos fones sentenças, que deveriam ser repetidas da maneira mais natural possível após o sinal sonoro (*bip*), que por sua vez, tocava 50ms após o fim do estímulo linguístico. Imediatamente após o *bip*, uma figura aparecia na tela indicando que era o momento da sentença ser repetida.

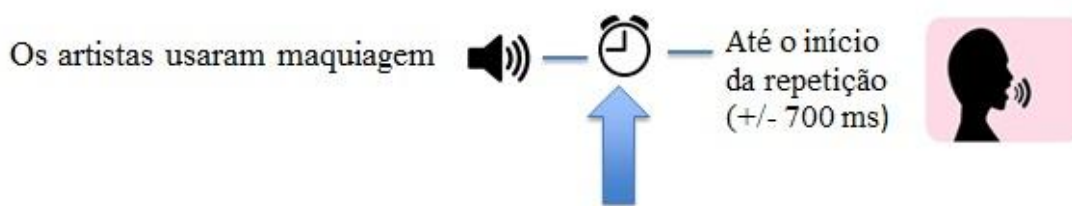


Figura 3: Esquema do procedimento experimental do Experimento 2.

Após receberem as instruções, os participantes foram submetidos a um pequeno treinamento contendo 3 sentenças, sendo duas com desvios de ordem fonética e sintática e uma sentença sem qualquer alteração aparente (cf. Anexo). O objetivo desse treinamento era, de um lado, habituar os participantes com o procedimento geral e explicitar o fato de que as sentenças que seriam ouvidas podiam apresentar algum tipo de “anomalia”, fornecendo assim ao voluntário a oportunidade de fazer alguma pergunta ao experimentador nesse sentido. Quando o participante percebia alguma anomalia e fazia perguntas com relação a isso, era instruído apenas a repetir os estímulos ouvidos da forma mais natural possível no que diz respeito ao tom de voz e velocidade de fala.

Uma vez dado início à atividade experimental, o participante não precisava apertar nenhum botão, apenas ouvir e repetir as sentenças, já que a passagem de um item para outro foi pré-programado previamente e acontecia de forma automática. O tempo entre o sinal sonoro e a apresentação da sentença subsequente era de 5 segundos, que era o tempo total que cada participante teve para repetir as sentenças. Estimamos que esse tempo pré-programado fosse adequado, tendo em vista que as sentenças tinha duração máxima de 3 segundos. Cabe salientar que nenhum participante manifestou que o tempo previamente estabelecido não fosse suficiente para executar a tarefa. A duração de cada sessão experimental foi de aproximadamente 10 minutos.

5.3.2. Resultados e discussão

Os resultados obtidos foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA com *design* fatorial 2X3 – número X distância) no que diz respeito à variável tempo de reação para a repetição. Pelo fato de os grupos não serem conformados pelo mesmo número de participantes, optamos por conduzir as análises estatísticas de cada grupo separadamente. Lembramos que esse tempo foi contabilizado considerando o momento entre o *bip* e o efetivo início da repetição. Nessa análise, foi obtido um efeito principal de *número* apenas no Grupo 2 – EJA ($F(1,11) = 6,41$ $p < 0,03$), com médias

significativamente maiores na condição não-redundante (verbo no singular). Entretanto, no caso do Grupo 1 – Universitários não foram registrados efeitos no que diz respeito a essa variável ($F(1,17) = 0,556$ $p < 0,5$). O gráfico a seguir representa os tempos de resposta nas condições singular (não redundante) e plural (redundante) em ambos dois grupos analisados. Não foi registrado efeito de *distância* nem interação entre as variáveis.

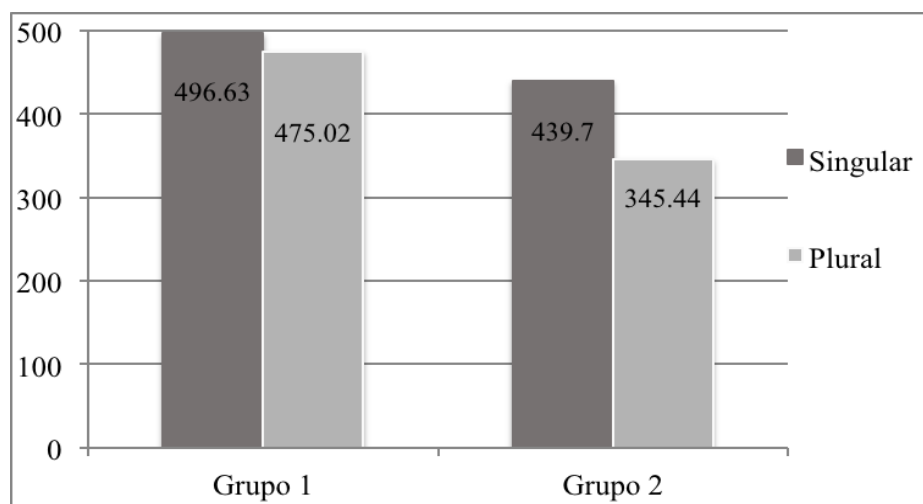


Gráfico 4: Tempos de reação registrados nos Grupos 1 e 2.

No que diz respeito a segunda variável explorada – número de repetições-alvo – a análise estatística realizada (teste de Friedman) revelou um efeito de número no Grupo 1 ($\chi^2(1) = 18,182$ $p = ,000$) e no Grupo 2 ($\chi^2(1) = 10$ $p = ,002$), com média de repetições-alvo significativamente maiores na condição plural (isto é, com concordância redundante). O gráfico a seguir representa a média de repetições-alvo nas condições singular (não-redundante) e plural (redundante) em ambos grupos analisados.

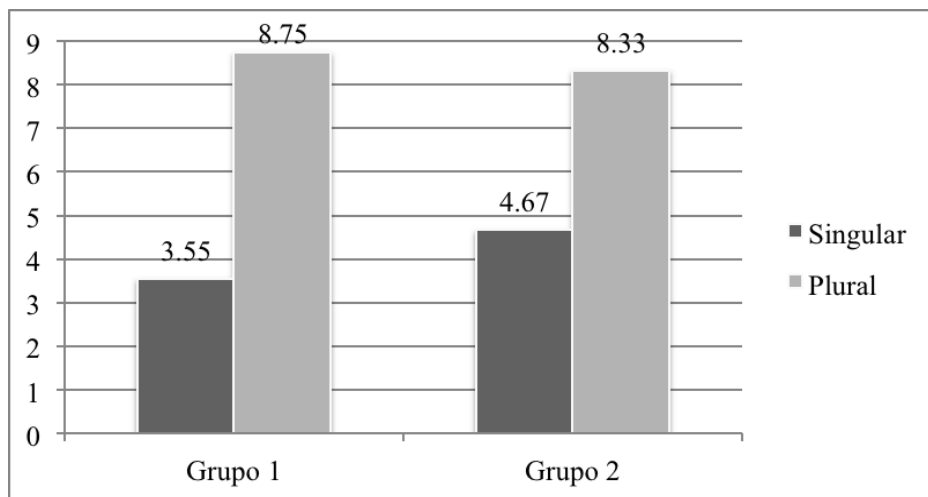


Gráfico 5: Médias de repetições-alvo em função de *número* nos Grupos 1 e 2 (Max Score = 9).

Ainda ao que diz respeito à variável *repetições-alvo* também foi registrado efeito principal de *distância* para o Grupo 1 (χ^2 (2, 24) 11,412 $p=,003$), mas não o Grupo 2 (χ^2 (2, 12) = 5.286 $p=,071$). No entanto, um teste *post hoc* (Wilcoxon) revelou que a condição de distância longa registrou médias de resposta-alvo significativamente maiores em comparação com as condições curta e zero, em ambos os grupos. O gráfico abaixo mostra as médias de respostas-alvo nas condições longa, curto e zero em ambos os grupos.

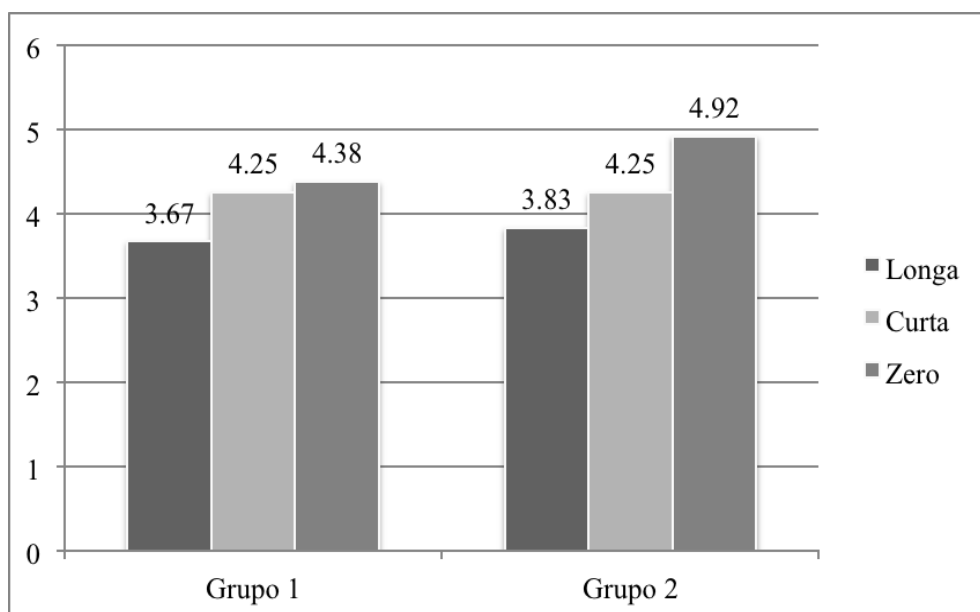


Gráfico 6: Média de repetições-alvo em função de *distância* nos Grupos 1 e 2 (Max Score = 6).

Análise das repetições não-alvo dos Grupos 1 e 2

Inicialmente, tínhamos como objetivo analisar apenas as repetições-alvo, entretanto, percebemos que alguns participantes não conseguiram concluir a repetição de algumas sentenças. Como mencionado acima, consideramos como respostas-alvo apenas sentenças em que o número do verbo era repetido tal e como havia sido ouvido pelo participante. Nesse sentido, as respostas não-alvo englobam tanto aquelas sentenças em que o número do verbo foi alterado, quanto aquelas sentenças que não foram repetidas por completo, ou seja, os casos nos quais o participante não chegava a repetir o verbo (que era o ponto crítico das nossas frases experimentais). Nas tabelas apresentadas a seguir, tabulamos especificamente as respostas não alvo desse segundo tipo (repetições truncadas ou incompletas) em cada um dos grupos por condição experimental. Para isso consideramos o número máximo possível de respostas-alvo, em função do número de sentenças apresentadas multiplicado pelo número de participantes em cada grupo.

GRUPO 1

Condição experimental	Total de repetições incompletas (Max score = 72)	% na condição	% no total de sentenças a serem produzidas (= 432)
Singular-Longa	4/72	5,55 %	0,92%
Singular-Curta	0/72	0	0
Singular-Zero	0/72	0	0
Plural-Longa	3/72	4,16%	0,69%
Plural-Curta	1/72	1,3%	0,23%
Plural-Zero	0/72	0	0
Totais	8	11,01%	1,84%

Tabela 4: Respostas não-alvo do tipo *repetição incompleta* no Grupo 1.

GRUPO 2

Condição experimental	Total de repetições incompletas	% na condição	% no total de sentenças a serem produzidas (= 216)
Singular-Longa	10/36	27,7%	4,62%
Singular-Curta	1/36	2,77%	0,46%
Singular-Zero	0/36	0	0
Plural-Longa	6/36	16,6%	2,77%
Plural-Curta	1/36	2,77%	0,46%

Plural-Zero	0	0	0
Totais	18	49,84%	8,31%

Tabela 5: Respostas não-alvo do tipo *repetição incompleta* no Grupo 2.

Analisando as respostas-alvo, o padrão de respostas registrado nos Grupo 1 e 2 se assemelham (cf. Gráficos 5 e 6). Entretanto, como podemos observar nas tabelas acima, no Grupo 1 na condição singular longa, apenas 4 sentenças de um total de 72 não tiveram sua repetição concluída, enquanto no Grupo 2 na mesma condição, os participantes não completaram a repetição de 10, das 36 sentenças apresentadas (representando quase 28% do total para essa condição). No que diz respeito às sentenças na condição plural-longa, no grupo 1, houve a perda de apenas 3 das 72 sentenças. Já no Grupo 2, na mesma condição, os participantes deixaram de repetir 6 das 36 sentenças apresentadas. Somando as sentenças perdidas no Grupo 1 nas condições longas, os participantes “perderam” 9,71% do total de sentenças ouvidas. O grupo 2, por sua vez, deixou de repetir 44,3% das sentenças nas condições longas.

Observamos que no Grupo 1, a maioria das respostas não-alvo não foram do tipo tabulado nas tabelas 4 e 5, mas do segundo tipo mencionado. Nesse grupo a maior parte das sentenças não-alvo foram do tipo “reformulação”: os participantes alteraram o número do verbo para se acomodar com o sujeito e produziram sentenças com concordância redundante. No Grupo 2, contudo, a maioria das respostas não-alvo foram do tipo repetições incompletas. Constatamos que os participantes deixaram de repetir ou produziram repetições incompletas em quase metade das sentenças apresentadas nas condições longas (44,3%). Nesse sentido, quando levamos em consideração as respostas-não alvo e voltamos a atenção para as repetições incompletas, podemos observar que no Grupo 2 alguns participantes não conseguiram repetir as sentenças longas – possivelmente em função de uma dificuldade para manter as informações na memória de trabalho –, enquanto no Grupo 1 as respostas não-alvo são decorrentes da alteração do número do verbo. Esses resultados apontam para diferenças importantes na execução da tarefa em função da variável *nível de escolaridade* e indicam que quando comparada a natureza das respostas não-alvo em cada grupo na condição longa, os participantes do Grupo 2 parecem ter aceitado melhor a regra de concordância não-redundante do que os do Grupo 1.

Independentemente de se tratar de uma metodologia inovadora e de caráter exploratório, o tipo de tarefa utilizada se mostrou interessante, uma vez que os

participantes não se limitaram a repetir tudo de forma idêntica ao que lhes foi apresentado, mas alteraram o número do verbo em algumas sentenças para que este se acomodasse com o sujeito, mesmo sendo instruídos para imitar as frases ouvidas.

No que diz respeito a variável *nível de escolaridade*, os resultados relativos às repetições – embora muito mais sutis do que o previsto – são compatíveis com os resultados encontrados até então na literatura sociolinguística, de que falantes com grau de escolaridade menos elevado tem tendência a fazerem uso da concordância não redundante. No entanto, quando considerada a variável dependente tempo de resposta, apenas o Grupo 2 se mostrou sensível ao contraste entre ambas as regras de realização da concordância, registrando tempos de reação maiores nas condições não redundantes. A respeito da escolaridade, Votre (2013, p. 51), afirma:

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso.

Apesar dos resultados terem permitido tecer algumas considerações a respeito da variável *número* expresso no verbo, a tarefa experimental não conseguiu, no entanto, captar claramente um efeito da variável *distância* no que tange ao tempo de reação, fato que pode ter sido acarretado por alguns fatores distintos. Um deles diz respeito ao tamanho desigual das amostras em cada grupo. Enquanto o Grupo 1 é composto por 24 participantes, o Grupo 2 é formado por 12. Além disso, como vimos, houve diferenças na execução da tarefa em ambos os grupos. Os participantes do Grupo 1 podem ter realizado a tarefa de maneira mais consciente e menos automática, enquanto o Grupo 2 parece ter feito o oposto. Ademais, algumas questões metodológicas podem ter influenciado nos resultados, principalmente, o ponto no qual o tempo de reação foi captado. O alvo do experimento era o verbo, no entanto, após o verbo, as sentenças experimentais apresentavam mais um segmento (adicionado com a finalidade de aumentar a aceitabilidade das frases), o que pode ter sido um empecilho para captar o exato momento de um possível estranhamento frente a uma concordância não redundante (lembrando que após a finalização da frase havia ainda uma pausa de 50ms e o *bip*). Apesar do experimento em questão não ter revelado diferenças significativas em função da *distância* nos RTs, o número de respostas-alvo sugere que uma maior distância entre os itens em questão pode, sim, contribuir para uma “perda” dos traços de

número do sujeito e, conseqüentemente, ser relevante para a ocorrência do padrão não redundante.

No intuito de obtermos resultados mais robustos sobre o papel da distância linear entre sujeito e verbo na realização da concordância variável no PB, optamos por conduzir um terceiro experimento. O Experimento 3, reportado a seguir, buscou resolver algumas das possíveis limitações do nosso segundo experimento e foi conduzido com base numa técnica diferente.

5. 4. Experimento 3: investigando o papel da distância II

Vimos anteriormente que a literatura sociolinguística assume como um dos fatores relevantes para a ausência ou presença da marcação redundante de plural no verbo, a distância linear entre o sujeito e o verbo. Nesse sentido, “*quando o sujeito se encontra separado do verbo por outros elementos linguísticos que possam mascarar, ou pelo menos tornar menos evidente, a relação entre o sujeito e o verbo, torna-se mais frequente a presença de formas não marcadas do verbo*” (NARO & SCHERRE, 1999, p. 30). No Experimento 2 reportado previamente, possivelmente devido a questões metodológicas, não foi possível captar claramente a relevância desse fator na realização da concordância de plural no verbo. Buscamos, com esse novo experimento, superar as eventuais limitações do teste anterior.

5.4.1 Método

O objetivo neste caso foi, novamente, tentar captar experimentalmente em que medida o fator *distância linear* se mostra relevante na realização da concordância variável no PB. As variáveis independentes foram: *distância linear* entre sujeito e verbo (longa, curta e zero) e a morfologia de *número* no verbo (singular e plural). As condições experimentais foram as mesmas apresentadas no Experimento 2 (cf. Tabela 6, a seguir). Neste experimento, utilizamos a técnica de leitura automonitorada implementada a partir de uma tarefa de labirinto (*maze task*). As variáveis dependentes foram o tempo de escolha/ leitura de cada segmento e o número de escolhas do verbo alvo em cada condição.

A partir do que foi discutido até então, as nossas previsões foram que:

- i) A condição distância longa-singular deve registrar um número de escolhas do verbo alvo significativamente maior do que as condições curta-singular e

zero-singular. Essa previsão decorre do fato de uma possível sobrecarga na memória de trabalho nessa condição, dificultando a recuperação do número gramatical do sujeito e, conseqüentemente, aumentando a aceitação do verbo numa forma não marcada (=singular).

- ii) Em termos dos tempos de escolha, espera-se que sejam registrados tempos de reação significativamente maiores nas condições curta e zero singular quando comparadas com a condição longa singular. Nas duas primeiras condições, a informação relativa ao número gramatical do sujeito estaria mais recente na memória e, conseqüentemente, seria mais facilmente recuperada o que poderia interferir na escolha de um verbo com concordância não redundante. Na condição longa, a maior distância poderia favorecer uma eventual perda da informação de número gramatical do sujeito e, como resultado o participante gastaria um tempo menor na tomada de decisão, uma vez que não haveria informação conflitante com base na qual seria feita uma comparação, a opção de verbo disponível (tanto plural quanto singular) seria mais facilmente aceita.

Participantes

O experimento foi conduzido integralmente na faculdade de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora, com um total de 22 participantes voluntários. Os participantes eram estudantes universitários dos cursos de Odontologia, Medicina, Enfermagem, Medicina Veterinária e Letras e tinham idade entre 18 e 29 anos (idade média, 22 anos). Dentre o número total de participantes, 2 foram descartados por não demonstrarem compreensão da tarefa experimental e, conseqüentemente interromper a atividade experimental durante sua execução.

Materiais

Utilizamos como base dos estímulos as sentenças experimentais do Experimento 2, novamente distribuídas em quadrado latino, no caso, gerado pelo próprio *software* utilizado na programação e implementação do teste. Entretanto, algumas alterações foram necessárias no material experimental. Acrescentamos um elemento adicional mais longo no final de cada sentença experimental para excluirmos qualquer possibilidade de um efeito de *spillover*. Foram feitas ainda pequenas modificações nas sentenças devido a especificidade da tarefa utilizada, que requer que o participante faça escolhas que o

permitam completar uma sentença com sentido pleno. Assim como no Experimento 2, o Experimento 3 foi formado por um conjunto de 18 sentenças experimentais embutidas em um conjunto de 18 sentenças distratoras. O uso do software *linger* também permite controlar o tamanho dos itens. A seguir, apresentamos exemplos de cada condição experimental.

Condição A: Distância longa + verbo no plural
Os alunos no início da aula atentamente <i>escutaram</i> a professora de geografia.
Condição B: Distância longa+ verbo no singular
Os alunos no início da aula atentamente <i>escutouØ</i> a professora de geografia.
Condição C: Distância curta + verbo no plural
Os alunos atentamente <i>escutaram</i> a professora de geografia.
Condição D: Distância curta + verbo no singular
Os alunos atentamente <i>escutouØ</i> a professora de geografia.
Condição E: Distância zero + verbo no plural
Os alunos <i>escutaram</i> a professora de geografia.
Condição F: Distância zero + verbo no singular
Os alunos <i>escutouØ</i> a professora de geografia.

Tabela 6: Condições experimentais Experimento 3.

O aparato experimental consistiu de um notebook tela 14 polegadas. O experimento foi programado por meio do *software Linger*³⁴, versão 2.94, que também randomizou os itens e captou o tempo de reação e as escolhas dos participantes para posterior análise.

Procedimento

³⁴ O *Linger* é uma plataforma flexível para experimentos que investiguem o processamento da linguagem. O *software* foi desenvolvido no laboratório de Ted Gibson e disponibilizado gratuitamente, funcionando em computadores com qualquer sistema operacional.

Os participantes foram testados individualmente em salas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os participantes eram instruídos para se sentarem em frente ao computador portátil e, em seguida, as instruções para a realização a tarefa também eram apresentadas por escrito na tela do computador antes do início da tarefa. As instruções informavam que o participante deveria seguir uma sentença através de um labirinto. O participante veria duas palavras/segmentos por vez na tela, separados por barras. Apenas uma delas seria a opção correta que dá sequência à sentença de forma coerente. Em cada passo, o participante selecionaria uma das duas palavras/segmentos apresentados utilizando um dos dois botões disponíveis no teclado. Esses botões eram a letra C e M no teclado, representado respectivamente por ← (esquerda) e → (direita). A figura a seguir ilustra o procedimento completo, sendo que cada par de palavras/segmentos aparecia para os participantes como uma tela independente.

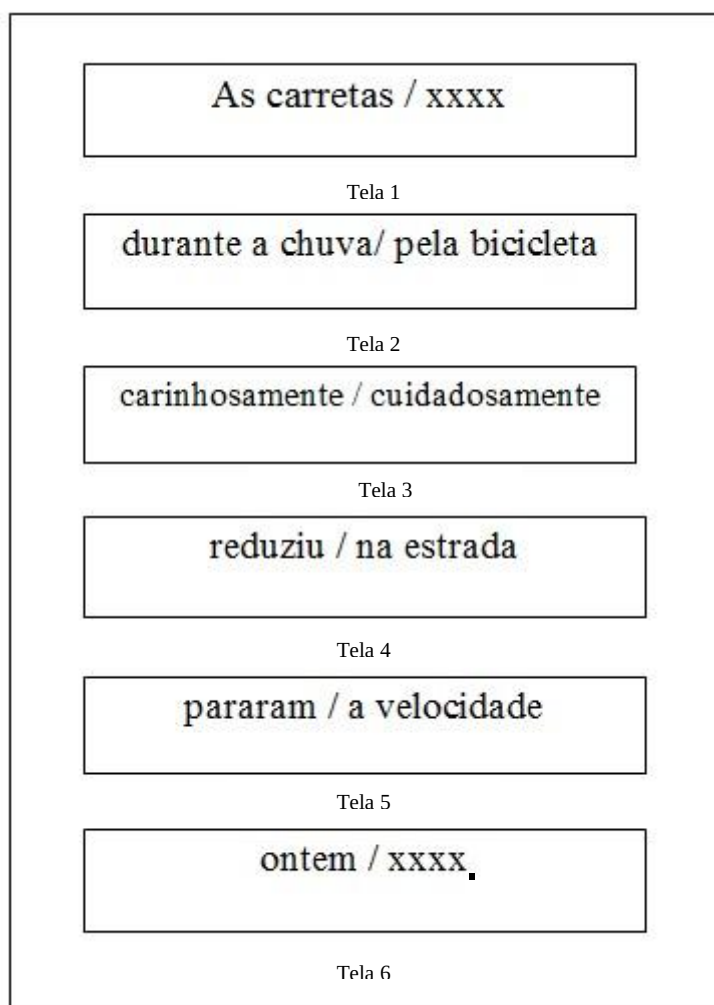


Figura 4 : Exemplo do procedimento do Experimento 3.

Após ler as instruções, os participantes foram submetidos a um pequeno treinamento contendo 3 sentenças. O objetivo do treinamento foi fazer com que os participantes se habituassem à tarefa experimental. Após o início da atividade experimental, o participante controlava a velocidade de aparição de novos estímulos na tela conforme ia escolhendo entre as duas opções que eram exibidas até completar uma frase (cujo final era graficamente indicado pela presença de um ponto). A duração de cada sessão experimental foi de aproximadamente 10 minutos.

5.4.2. Resultados e discussão

Os resultados relativos à variável tempo de resposta foram submetidos a uma análise de variância (ANOVA com design fatorial 2X2). Neste caso, consideramos o tempo registrado para a escolha do verbo em cada condição. No que concerne a essa variável, foi obtido um efeito principal de *distância* ($F(2,38) = 3.76$ $p=.03$), com médias significativamente maiores nas condições com distância curta e zero quando comparadas com a distância longa. Foi registrado um aumento gradual no tempo de reação em função da *distância*, com tempos maiores nas condições com distância zero e menores nas condições com distância longa. O gráfico abaixo ilustra essa gradação nas médias de tempo de respostas nas condições distância longa, curta e zero.

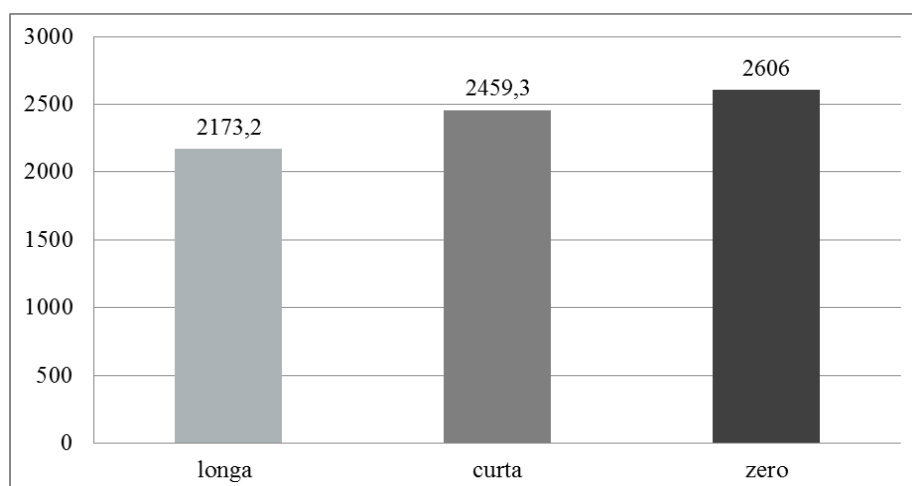


Gráfico 7: Média de tempo de resposta em função de *distância*.

Ainda no que diz respeito a variável *tempo de resposta*, também foi registrado um efeito principal de *número* ($F(1,19) = 27.6$ $p=.000$). As condições singulares registraram os maiores tempos de reação quando comparadas com as condições no plural. O gráfico

a seguir representa os tempos de resposta em função de *número*. Não foi obtido efeito de interação entre as variáveis ($F(2,38) = 0.355$ $p=0.70$).

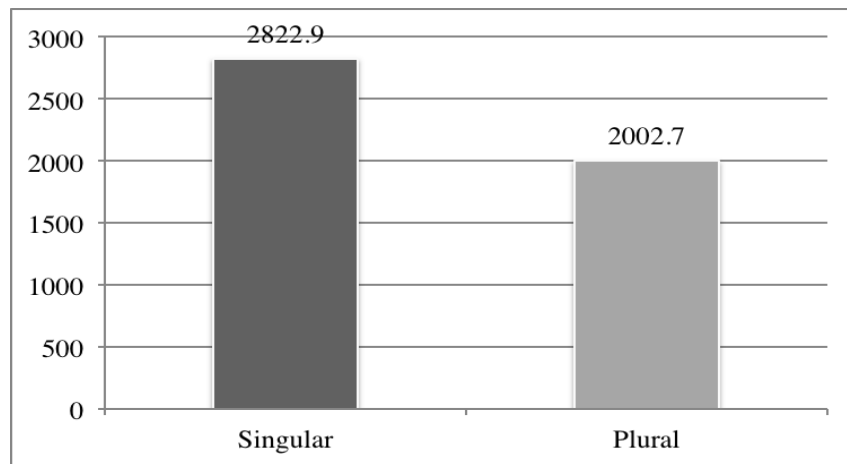
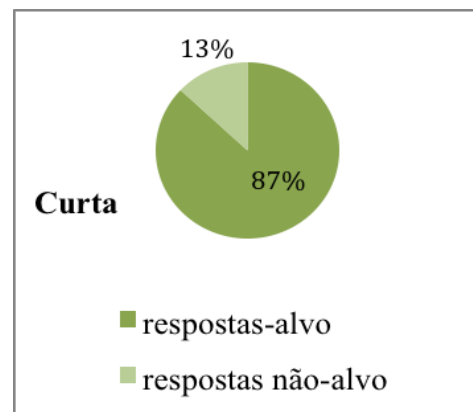
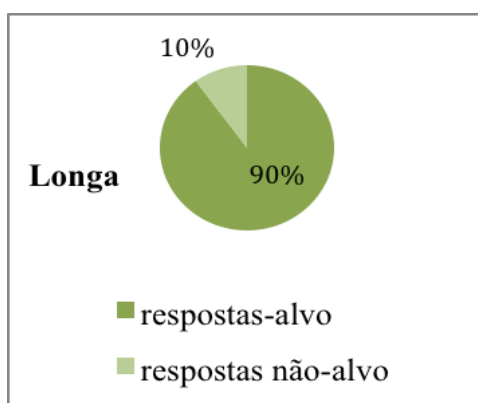


Gráfico 8: Média de tempos de resposta em função de *número*.

No que diz respeito a segunda variável explorada – número de respostas-alvo – foi realizada uma análise levando em conta o número de respostas-alvo em cada condição – longa, curta e zero. O teste de Friedman não revelou efeito principal de *distância* ($\chi^2(2, 20) = 4,217$ $p= ,121$). No entanto, no teste *post hoc* (Wilcoxon), a diferença entre as condições longa e zero aproximou-se do nível de significância ($Z= -1803^a$ $p= ,07$). Como mostram os gráficos a seguir, houve um número maior de respostas-alvo na condição longa, quando comparada com a condição zero.



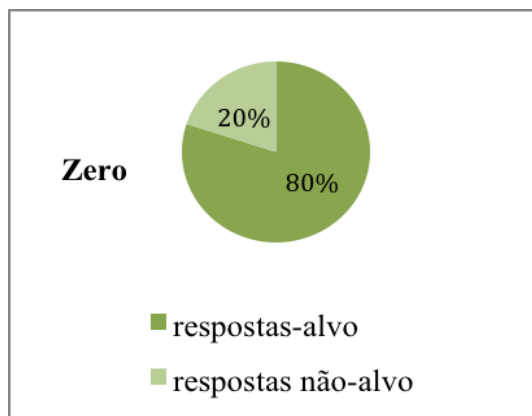


Gráfico 9: Percentual de respostas-alvo em função de *distância*.

Ainda no que diz respeito às médias de resposta-alvo a análise revelou um efeito de *número* estatisticamente significativo ($\chi^2 (1, 20) = 10,286$ $p = ,001$), com médias maiores na condição plural (médias: condição redundante – 8,4, não-redundante 7,35) .

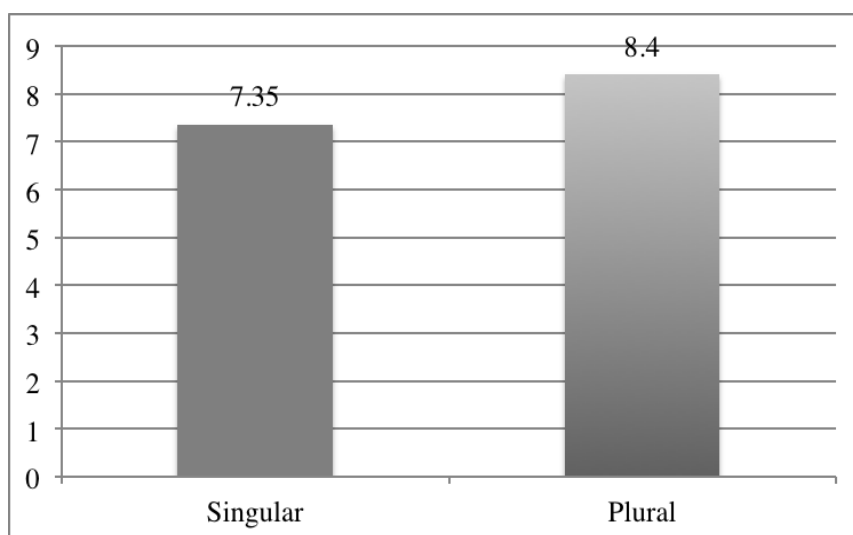


Gráfico 10: Média de respostas-alvo em função de *número*.

Os resultados obtidos no Experimento 3 trazem evidências compatíveis com a ideia de que o fator *distância linear* seria relevante para a realização da concordância verbal variável no PB, como apontado na literatura sociolinguística (VIEIRA & BRANDÃO, 2009; NARO & SCHERRE, 1997; GRACIOSA, 1991). A distância longa entre o sujeito e o verbo se mostrou o contexto mais favorável para a ocorrência da regra não redundante, tal como evidenciam os tempos de reação menores e as médias de respostas-alvo maiores registradas nessa condição. Os resultados também são compatíveis com a ideia de um processamento diferenciado dos diferentes padrões de

realização da concordância verbal no PB, que fica refletido nos tempos de resposta maiores para as condições com concordância não redundante (com verbos no singular).

5.5. Síntese dos resultados experimentais

Em conjunto, os resultados do Experimento 1 sugerem que falantes com nível de escolaridade superior interpretam sentenças com concordância redundante e não-redundante como opções igualmente funcionais na língua, uma vez que os participantes foram capazes de identificar o sujeito das sentenças como sendo plural mesmo nas condições não redundantes, devendo ser retomado por um pronome também plural em ambas condições. No entanto, os tempos de escuta revelaram que as condições redundantes parecem ser processadas mais rapidamente do que as não redundantes, que registraram tempos significativamente maiores. Esse resultado é compatível com o observado em pesquisas recentes no inglês (SQUIRES, 2014), que sugeriram que a variação é processada mais lentamente. Nesse sentido, apesar das regras de concordância redundante e não redundante serem aceitas, a ausência da marca de plural em todos os elementos da sentença pode exigir maior demanda de esforço cognitivo, pelo menos no caso de indivíduos com alto nível de escolaridade. Kato (2005) postula a hipótese de que a aquisição de certos aspectos da gramática no Brasil, diferentemente do que aconteceria em Portugal, se daria de forma semelhante ao que acontece no aprendizado de L2. Nessa perspectiva, os falantes de PB poderiam ser vistos como diglóticos, tendo uma gramática nuclear e uma periferia marcada responsável pela gramática da escrita.

Os resultados obtidos no Experimento 2 são, em parte, compatíveis com os resultados reportados no primeiro experimento. Ambas as regras de concordância se mostram gramaticais para os falantes escolarizados do PB, mas não necessariamente seriam processadas de forma idêntica. Neste caso, observamos que – em termos de tempos de resposta – os falantes menos escolarizados se mostraram mais sensíveis às diferenças entre as duas regras do que os mais escolarizados. No que diz respeito à variável *distância*, os resultados sugerem que o maior número de material interveniente entre o sujeito e o verbo, facilita a aceitação de formas não redundantes, resultando em maior número de repetições alvo na condição longa-singular. Ainda quanto ao número de repetições alvo, podemos observar que houve maior dificuldade na repetição de sentenças longas no Grupo 2. Dessa forma, os números de repetição não-alvo se

assemelham em ambos os grupos, mas por motivos diferentes, como mostramos anteriormente. No que diz respeito a variável tempo de reação, não obtivemos nenhum efeito principal no grupo de alunos de ensino superior, apenas grupo de alunos da EJA.

No Experimento 3, lançamos mão de uma técnica experimental distinta, no intuito de obtermos uma medida mais precisa, que nos permitisse captar com maior precisão o processamento dos segmentos críticos. Os resultados neste caso foram compatíveis com nossas previsões iniciais e com o registrado no Experimento 2 no que diz respeito à variável *distância*. A condição zero apresentou tempos de reação maiores, uma vez que o sujeito era seguido imediatamente do verbo, facilitando a percepção da falta de paralelismo formal entre número do sujeito e do verbo. Em contrapartida, a condição longa apresentou menores tempos de reação, sugerindo que a concordância não redundante foi mais aceita nessa condição em comparação com as outras. No que diz respeito à variável *número*, os resultados são novamente compatíveis com a ideia de um processamento diferenciado da concordância verbal redundante e não redundante, refletindo em tempos de resposta maiores na condição de concordância não redundante, com verbos no singular.

Em conjunto, os resultados dos Experimentos 2 e 3 são compatíveis com o que foi registrado no Experimento 1 com falantes do PB e também no inglês e reforçam a ideia de um processamento diferenciado das duas regras gerais para a realização da concordância (MARCILESE ET AL, 2015; SQUIRES, 2014). No que diz respeito ao fator *distância linear*, os resultados obtidos nos Experimentos 2 e 3 considerados globalmente sugerem que uma maior distância entre os itens em questão pode contribuir para uma “perda” dos traços de número do sujeito e, conseqüentemente, ser relevante para a ocorrência do padrão não redundante.

6. Considerações finais

A presente pesquisa buscou investigar – em uma perspectiva psicolinguística – o processamento da variação na realização da concordância verbal no PB, mais precisamente, o modo como os falantes reagem à marcação variável de número na relação entre sujeito e verbo.

A concordância verbal no PB tem sido um assunto vastamente explorado no âmbito da Sociolinguística Variacionista, que trata o fenômeno como legítimo e inerente à heterogeneidade do sistema linguístico. Além disso, de acordo com essa perspectiva, trata-se de um fenômeno que não acontece ao acaso, mas obedece a certos fatores linguísticos e extralinguísticos listados ao longo da presente dissertação. Entretanto, as pesquisas de cunho sociolinguístico abordam o fenômeno majoritariamente a partir de dados de corpora, fato que dificulta a análise do fenômeno na sua dimensão cognitiva, principalmente no que tange à compreensão por parte dos falantes (já que os dados analisados correspondem sempre à produção). Os trabalhos realizados nessa perspectiva foram tomados como ponto de partida para o início de nossas investigações, já que não encontramos na literatura psicolinguística estudos prévios que pudessem fornecer um embasamento específico acerca do processamento da variação. Os trabalhos abordando a variação em uma perspectiva psicolinguística ainda são escassos na literatura, entretanto remetem a um importante objeto de investigação que vem sendo progressivamente mais explorado na área. Especificamente, acerca do processamento da concordância verbal, destacamos o trabalho de Rodrigues (2006) que abordou os chamados *erros de atração* na realização da concordância verbal e o trabalho de Squires (2014), que abordou o impacto de fatores sociais no processamento da concordância verbal variável na língua inglesa.

No âmbito desta dissertação, no que diz respeito à análise do fenômeno da concordância verbal em si, adotamos os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, especificamente, na concepção de língua assumida a partir do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes).

Como hipótese de trabalho assumimos que o custo do processamento da concordância verbal poderia estar relacionado à presença/ausência de marcas explícitas nos itens relevantes na sentença. Também consideramos que fatores linguísticos, especificamente a distância linear entre sujeito e verbo e fatores extralinguísticos, como

nível de escolaridade, poderiam exercer interferência no processamento da concordância variável no PB, assim como trabalhos na sociolinguística tem apontado.

Como objetivo geral, buscamos investigar como falantes adultos processam a variação na marcação de número na realização da concordância verbal no PB, uma vez que não encontramos estudos prévios na literatura que abordassem a questão do modo como os falantes lidam com esse tipo de variação em tempo real. Nossos objetivos específicos aqui retomados foram:

- Investigar experimentalmente, em que medida, um dos fatores identificados na literatura a partir de análise de *corpora*, quais seja, a distância linear entre sujeito e verbo se mostra relevante na realização das diferentes regras de concordância;
- Avaliar o nível de aceitação da regra de concordância não redundante na relação entre sujeito-verbo por parte de participantes com níveis de escolaridade distinta;
- Discutir – ainda que de forma preliminar –, em que medida, a realização variável da concordância no PB pode ser tomada como indício do surgimento de mudanças mais profundas na codificação morfofonológica da informação de número e/ou de outras mudanças significativas no sistema da língua.

Para atingir os objetivos específicos listados, foram desenvolvidas três atividades experimentais conduzidas com adultos falantes do PB. Na primeira atividade experimental foi utilizada a técnica de escuta automonitorada, na segunda atividade utilizamos a técnica de produção eliciada por repetição e na terceira, utilizamos a técnica de leitura automonitorada através de uma tarefa de labirinto, também chamada de *maze task*. Os resultados dos experimentos realizados sugerem que:

- a) Falantes com nível de escolaridade superior interpretam sentenças com concordância redundante e não-redundante como opções igualmente gramaticais na língua. Esse resultado sugere a coexistência de ambas as regras no PB, inclusive na gramática de um mesmo falante. Em conjunto consideramos que os resultados obtidos se mostram compatíveis com a hipótese de uma mudança em curso no sistema da língua no que diz respeito à codificação morfofonológica de número.
- b) Nossos resultados são ainda compatíveis com a ideia de que ambas as regras de concordância seriam gramaticais para os falantes escolarizados

de PB, mas não necessariamente seriam processadas de forma idêntica. A identificação da informação de número parece ser menos custosa (= mais rápida) na variante morfológicamente redundante. Esse resultado é compatível com o observado em pesquisas recentes no inglês (SQUIRES, 2014), que apontam para um processamento diferenciado das formas padrão e não-padrão nessa língua.

- c) A informação presente em D, apesar da omissão de marcar explícitas de plural no dos demais itens do DP e no verbo se mostrou suficiente para a interpretação da sentença como plural.
- d) No que tange à variável *distância linear*, nossos resultados sugerem que este fator é relevante para a realização da concordância verbal variável no PB. Os dados obtidos apontam que uma maior distância entre os itens da sentença pode contribuir para uma “perda” dos traços de número do sujeito e, conseqüentemente, a quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo parece ser relevante para a ocorrência do padrão não-redundante.
- e) No que diz respeito ao *nível de escolaridade*, nossos resultados não foram muito precisos, mas sugerem diferenças (embora sutis) entre os grupos avaliados. Novas pesquisas que explorem esse fator serão necessárias para que se possam tecer conclusões mais robustas.

A observação de dados anedóticos de fala e escrita sinalizam para um caminho bastante produtivo no estudo da variação da concordância e ao longo do desenvolvimento desta pesquisa vários novos questionamentos foram surgindo. Na presente dissertação, buscamos investigar a interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização da concordância verbal variável no PB. Dentre os fatores elencados na literatura, demos destaque para a distância linear, que se mostrou relevante para a realização da concordância não-redundante. A partir da observação de dados anedóticos, além da distância linear, consideramos que a posição do sujeito em relação ao verbo (um aspecto também já mencionado na literatura sociolinguística) e, ainda, o tipo de verbo (em termos de sua estrutura argumental) parecem exercer um papel relevante na realização da concordância verbal. Principalmente, o tipo de verbo pode ser um fator determinante, na medida em que alguns contextos determinados pela subcategoria verbal envolvida, também favorecem a presença de sujeitos pospostos. Nesse sentido, a distinção entre verbos inacusativos (como *chegar*, *morrer* e *nascer*,

junto com verbos de ligação (como *ser* e *estar*) verbos inergativos (como *dançar*, *trabalhar* e *estudar*) e verbos transitivos (como *gostar* e *dar*) pode ser relevante, em certa medida, na realização da concordância verbal variável no PB. No caso dos verbos inacusativos, o argumento interno pode não ser alçado para a posição pré-verbal. Assim, construções como (50) e (51) são frequentes no PB. Na sentença em (50), o argumento interno do verbo *chegar*, que em (51) ocupa a posição canônica de sujeito no PB, permanece *in situ* e o verbo não compartilha o traço de número com esse DP. Nesse caso, os falantes parecem interpretar o DP *os meninos* como argumento interno – em lugar de sujeito – com o qual o verbo jamais concordará (MIOTO, 2004, p. 62). A representação em (52) reflete, de forma simplificada, a possível estrutura da sentença em (50) em que o Spec de T é ocupado por um *pro* expletivo e o argumento interno permanece *in situ*.

(50) Chegou os *meninos*.

(51) Os *meninos* chegaram.

(52) $TP[pro_T[chegou_i VP[t_i os meninos]]]$.

O tipo de verbo e a natureza do argumento selecionado (em termos semânticos) parecem assim estar intimamente ligados à posição do sujeito. Em vista dessas considerações, um possível encaminhamento futuro para nossa pesquisa inclui avaliar o papel dos diversos tipos de verbos (em função das suas propriedades de subcategorização) na realização da concordância verbal variável. Em particular, nos interessa avaliar a classe dos verbos inacusativos juntamente com seus argumentos desencadeadores ou não da concordância redundante, com ênfase naqueles argumentos que se posicionam, majoritariamente, à direita do verbo.

Em síntese, consideramos que os resultados obtidos no âmbito da presente dissertação podem contribuir para aprofundar o diálogo entre sociolinguística e psicolinguística e sinalizam um caminho bastante produtivo para novas pesquisas nessa linha, até então pouco explorada no Brasil.

7. Referências bibliográficas

ALIAGA, M. e GUNDERSON, B. *Interactive statistics*. New Jersey: Prentice Hall, 2002.

ARAUJO, S. S. F. Concordância verbal e formação da realidade sociolinguística brasileira. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 7, p. 144-184, 2015.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BEJAR, S. *Phi-Syntax: a Teory of Agreement*. Thesis, University of Toronto, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxanga. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, S. F. e VIEIRA, S. R.(org). *Ensino de gramática-descrição e uso*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____. (1986) *Knowledge of Language: its nature, Origin and Use*, New York: Praeger.

_____. *Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.

_____. *Derivation by Phase*. Working Paper, MIT, 1999.

CLAHSEN, H. & HANSEN, D. The missing agreement account of specific language impairment: evidence from therapy experiments. *Essex Research Reports in Linguistics*, v.2, pp. 1-36, 1993.

COHEN, J. D., MacWHINNEY, B., FLATT, M., & PROVOST, S. *Psyscope: a new graphic interactive environment for designing psychology experiments*. *Behavioral Research Methods, Instruments & Computers*. 25(2), 257-271. 1993.

CORRÊA, L. M. S.; AAUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. *The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese*, 30th BUCLD, 2005

_____. *Aquisição e processamento da linguagem: uma abordagem integrada sob a ótica minimalista*. Gragoatá, 30(1), pp. 55-75, 2011.

COSTA, M. A. *As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância*. Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 315- 320, 1994.

COSTA, I. O. *Verbos meteorológicos no plural em orações relativas do português do Brasil: sintaxe e processamento*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

CRESWELL, J.W. *Research design. Qualitative, quantitative and mixed method approaches*. Chapter 11: Mixed methods procedures, pp. 208-227, 2002

CUNHA, C e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2º ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

DUARTE, M^a E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

FERNANDEZ, E. & H. S. CAIRNS. *The Fundamentals of Psycholinguistics*. Wiley Blackwell, 2010.

FERRARI NETO, J. *Traço de Número e Mecanismos de Concordância na Teoria Linguística Gerativa*. Revista de Letras (Curitiba), v. 1, p. 4, 2009.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAMPTON, J.; GUTMANN, S. *Agreement is feature sharing*. Northeastern University, ms. 2000.

GALVES, C. *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*. In: I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica* Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. Blackwell, 1994.

HANNON, B. *Are there gender differences in the cognitive components of adult reading comprehension?* In: *Learning and Individual Differences* 32:69 – 79, 2014.

LABOV, W. *Sociolinguistics: an interview with William Labov*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 11/05/2015, agosto de 2007.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LOBO, T. et al. Índícios de língua geral no Sul da Bahia na segunda metade do século XVIII. In: *Para a história do Português brasileiro* (Org. de Tânia Lobo et al.) Vol. VI: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, v. 2, p. 609-630, 2006.

LONGCHAMPS, J. R. *O modo verbal na aquisição do Português Brasileiro: evidências naturalistas e experimentais da percepção, expressão e compreensão da*

distinção realis/ irrealis. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, A. L. A.; *Os traços ϕ e a mudança na concordância verbal no Português Brasileiro*. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina. João Pessoa, 2014.

MAGALHÃES, T. M. V. *A valorização de traços de concordância dentro do DP*. DELTA, vol. 20, no.1, p.149 – 170, Jan./June 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARINIS, T. *On-line sentence processing methods in typical and atypical populations*. In: Unsworth, S. & Blom, E. (eds.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. John Benjamins [Language Learning and Language Teaching], 139-162, 2010.

MELO, G. C. *Língua do Brasil*. Rio de Janeiro. Padrão Livraria Editora. 1975.

MIOTO, C., M. C. FIGUEREDO SILVA & R. E. V. LOPES. 2004. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular. 2014.

MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. *Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis*. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

MONTE, A. *Concordância Verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2007.

MOTTA, M. F. *O fenômeno variável da concordância verbal em redações da EJA: uma abordagem sociolinguística* – Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 2011.

NICHOL, J. *Effects of clausal structure on subject-verb agreement errors*. Journal of Psycholinguistic Research 24, 507-516, 1995.

OLIVEIRA, M. S. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da conquista: Variação estável ou mudança em progresso?* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letra e Linguística da UFBA. Salvador, 2005.

PAIVA, M. da C. P.; DUARTE, M. E. L. (Org.). SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Mudança sem mudança*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

PREMINGER, O. *Failure Agree is Not a Failure: ϕ -Agreement with Post-Verbal Subjects in Hebrew*. [A. do livro] Jeroen Van Craenenbroeck e Johan Rooricky. *Linguistic Variation yearbook* 9. Amsterdam : John Benjamins, , pp. 241-278, 2010.

RIBEIRO, P.R.O. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes – MG: A concordância nominal e verbal*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística UFJF. Juiz de fora, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RODRIGUES, D. de A.. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1997.

RODRIGUES, E. dos S. (2005). *O processamento da concordância verbal com construções partitivas no português brasileiro*. *Revista Linguística*, v. 1, pp. 146-168.

_____. *Processamento da Concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças*. Tese de Doutorado, Departamento de Letras – PUC-Rio. (CORRÊA, L. M. S.: orientadora; NUNES, J. M.: co-orientador). Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, E. *Concordância verbal com construções partitivas – uma proposta de análise*. *Veredas*, p. 93-107, 2011.

ROIIVAINEN, E. *Gender differences in processing speed: A review of recente research*. In: *Learning and Individual differences* 21:145 – 149, 2011.

RUBIO, C.F. *A concordância Verbal na língua falada na região Nordeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. São José do Rio Preto, 2008.

SANTOS, R. L. de A. *A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió*. Maceió: UFAL. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SCHERRE, M. M P.; NARO, A.. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. *Dialettologia, geolinguística, sociolingüística: atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, vol. 5, ed. by Giovanni Ruffino, 509-23. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 1998.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro, – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988 2v.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil*. *Delta*. São Paulo, São Paulo, 1993, v. 9, n. 1, pp. 1-14, 1993.

SCHERRE, M. *Aspectos da concordância de número no Português no Brasil*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n.12, p.37-49, 1994.

SCHERRE, M; NARO, A. *A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente*. In: HORA, D. (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93 – 114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Mudança sem mudança*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à Psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1991.

- SCHÜTZE, C. On the nature of *default* case. *Syntax*, n. 4, v. 2, p. 205-234, 2002.
- SILVA, J.A.A. A concordância verbal de terceira pessoal do plural do Brasil: Um panorama sociolinguístico de três comunidades no interior do Estado da Bahia. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letra e Linguística da UFBA. Salvador, 2005.
- SILVA, E. V. da. *Norma, variação e ensino: a concordância verbal*. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 31-41, 2008. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 31 de maio de 2015.
- SILVA FILHO, J. T. da ; *A concordância nominal de número interna ao DP: uma visão a partir do Programa Minimalista*. Revista Leitura , v. 1, p. 194-213, 2011.
- SILVA, C.; MOURA, M. & CERQUEIRA, M. Entendendo a Concordância sob o viés Minimalista. IN: FERRARI-NETO, J. & SILVA, C. *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, CRV. 2012, pp. 237 – 270.
- SLOBIN, D. I., & WELSH, C. A. *Elicited imitation as a research tool in developmental psycholinguistics*. In C. A. Ferguson, & D. I. Slobin (Eds.), *Studies in child language development* (pp. 485–497). New York: Holt, Rinehart and Winston Inc, 1973.
- SOARES, S. M. *A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2006.
- SQUIRES, L. *Social Differences in the Processing of Grammatical Variation. Selected Papers from NWAV 42*, 20(2): 178-188, 2004.
- TARALLO, Fernando A *Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- VIEIRA, S. R. *Aspectos da concordância verbal em dialetos populares*. Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 323-327, 1994.
- VIGLIOCCO, G., Butterworth, B. & Garrett. M. F. *Subject-verb agreement in Spanish and English: Differences in the role of conceptual constraints*. *Cognition*, v. 61(3), pp. 261-298, 1996.
- VIGLIOCCO, G. & Nicol, J. *Separating hierarchical relations and word order in language production: is proximity concord syntactic or linear?* *Cognition*, v.68, pp. 13-29, 1998.
- VIOTTI, E. *O Caso default no Português do Brasil: Revisitando o Caso dos inacusativos*. Revista Estudos da Linguagem, n. 13. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. In: 9 MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à 10 sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.

XAVIER, G. C. ; MORATO, R. A. ; XAVIER, G. C. *Teoria Gerativa: uma introdução aos principais conceitos*. In: Arabie Berzi Hermont; Gláucia do Carmo Xavier. (Org.). *Gerativa: (inter)faces de uma teoria*. 1ed. Florianópolis: Beconn,, v. 1, p. 13-33, 2014.

8. Anexos

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ
DE FORA

PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA -
CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG
– BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “*Processamento de expressões quantificadas: explorando a relação entre língua e cognição numérica*”. Nesta pesquisa, pretendemos explorar o processamento de expressões quantificadas no Português Brasileiro (Ex. *Todos os livros estão na estante/ Cada livro está na estante/ Todo livro está na estante*). O motivo que nos leva a estudar esse tópico é o fato de que, embora existam algumas abordagens teóricas para esse tipo de expressões, não há ainda pesquisas sobre a compreensão e produção das mesmas numa perspectiva psicolinguística. A pesquisa se justifica ainda, pelo fato de que o estudo do processamento desse tipo de expressões permite explorar a relação entre cognição linguística e não linguística, mais especificamente, entre língua e cognição numérica.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: os participantes executarão tarefas de compreensão e produção de enunciados linguísticos conduzidas com o auxílio de um computador. Tais tarefas envolvem julgamento e avaliação de sentenças (como sendo aceitáveis ou inaceitáveis em virtude de estímulos visuais apresentados previamente), interpretação e produção de enunciados linguísticos. As atividades não têm nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua, nem se preocupam em medir níveis de instrução. Seu único objetivo é observar o modo como os participantes avaliam e produzem certas estruturas linguísticas de forma natural. As atividades tem uma duração aproximada de 10-15 minutos (desde a chegada do participante, seu treinamento prévio à tarefa e a realização da mesma).

Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, e consistem em haver a possibilidade de identificação do participante, seja por imagem, seja por identificação sonora. No entanto, estes riscos serão reduzidos na medida em que todos os nomes serão trocados em apresentações públicas, as imagens, se usadas, terão a parte do rosto descaracterizada, e os sons de fala serão distorcidos.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar da pesquisa em questão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística (NEALP) da Faculdade de Letras desta Universidade e a outra será fornecida ao senhor. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “*Processamento de expressões quantificadas: explorando a relação entre língua e cognição numérica*”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____de _____ de 20 ____.

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFJF

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

CEP: 36036-900

FONE: (32) 2102- 3788 / E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

ENDEREÇO:

CEP: 36036-900 – JUIZ DE FORA – MG

FONE:

E-MAIL:

Experimento 1 – sentenças experimentais

Condição A: Concordância redundante + retomada congruente (plural)

Condição B: Concordância redundante + retomada incongruente (singular)

Condição C: Concordância não redundante + retomada congruente (plural)

Condição D: Concordância não redundante + retomada incongruente (singular)

1A- No sítio da Ana, os esquilos desceram da árvore. Eles recolheram nozes no quintal.

1B- No sítio da Ana, os esquilos desceram da árvore. Ele recolheu nozes no quintal.

1C- No sítio da Ana, os esquilo desceu da árvore. Eles recolheram nozes no quintal.

1D- No sítio da Ana, os esquilo desceu da árvore. Ele recolheu nozes no quintal.

P: Os esquilos procuravam nozes? SIM

2A- Durante as férias, as garotas emagreceram muito. Elas correram diariamente.

2B- Durante as férias, as garotas emagreceram muito. Ela correu diariamente.

2C- Durante as férias, as garota emagreceu muito. Elas correram diariamente.

2D- Durante as férias, as garota emagreceu muito. Ela correu diariamente.

P: Todas as garotas emagreceram? SIM

3A- Ao longo do curso os calouros aprenderam muito. Eles resolveram sete problemas.

3B- Ao longo do curso os calouros aprenderam muito. Ele resolveu sete problemas.

3C- Ao longo do curso os calouro aprendeu muito. Eles resolveram sete problemas.

3D- Ao longo do curso os calouro aprendeu muito. Ele resolveu sete problemas.

P: O grupo resolveu os exercícios? SIM

4A- Na prova feminina, as atletas correram muito. Elas beberam quatro litros d'água.

4B- Na prova feminina, as atletas correram muito. Ela bebeu quatro litros d'água.

4C- Na prova feminina, as atleta correu muito. Elas beberam quatro litros d'água.

4D- Na prova feminina, as atleta correu muito. Ela bebeu quatro litros d'água.

P: As corredoras beberam água? SIM

5A- No último debate, os candidatos prometeram tudo. Eles receberam muitas críticas.

5B- No último debate, os candidatos prometeram tudo. Ele recebeu muitas críticas.

5C- No último debate, os candidato prometeu tudo. Eles receberam muitas críticas.

5D- No último debate, os candidato prometeu tudo. Ele recebeu muitas críticas.

P: Os candidatos foram criticados? SIM

6A- Domingo no estádio, as crianças torceram bastante. Elas sofreram com o jogo.

6B- Domingo no estádio, as crianças torceram bastante. Ela sofreu com o jogo.

6C- Domingo no estádio, as criança torceu bastante. Elas sofreram com o jogo.

6D- Domingo no estádio, as criança torceu bastante. Ela sofreu com o jogo.

P: A galera assistiu o jogo? SIM

7A- No final do curso, os alunos sabiam tudo. Eles escreveram bons trabalhos.

- 7B- No final do curso, os alunos sabiam tudo. Ele escreveu bons trabalhos.
7C- No final do curso, os aluno sabia tudo. Eles escreveram bons trabalhos.
7D- No final do curso, os aluno sabia tudo. Ele escreveu bons trabalhos.

P: O grupo dominou a matéria? SIM

- 8A- No fim de semana, as assistentes venderam muito. Elas receberam boa comissão.
8B- No fim de semana, as assistentes venderam muito. Ela recebeu boa comissão.
8C- No fim de semana, as assistente vendeu muito. Elas receberam boa comissão.
8D- No fim de semana, as assistente vendeu muito. Ela recebeu boa comissão.

P: Todas as assistentes receberam comissão? SIM

- 9A- Terça-feira passada, os cachorros dormiram na sala Eles queriam subir no sofá novo.
9B- Terça-feira passada, os cachorros dormiram na sala Ele queria subir no sofá novo.
9C- Terça-feira passada, os cachorro dormiu na sala Eles queriam subir no sofá novo.
9D- Terça-feira passada, os cachorro dormiu na sala Ele queria subir no sofá novo.

P: Os cachorros dormiram dentro de casa? SIM

- 10A- Na avaliação, os estudantes renderam pouco. Eles escreveram só uma página.
10A- Na avaliação, os estudantes renderam pouco. Ele escreveu só uma página.
10A- Na avaliação, os estudante rendeu pouco. Eles escreveram só uma página.
10A- Na avaliação, os estudante rendeu pouco. Ele escreveu só uma página.

P: Os alunos fizeram a avaliação? SIM

- 11A- No dia das crianças, as amigas desceram pro parquinho. Elas comeram sorvetes e docinhos.
11B- No dia das crianças, as amigas desceram pro parquinho. Ela comeu sorvetes e docinhos.
11C- No dia das crianças, as amiga desceu pro parquinho. Elas comeram sorvetes e docinhos.
11D- No dia das crianças, as amiga desceu pro parquinho. Ela comeu sorvetes e docinhos.

P: As meninas comeram sorvete? SIM

- 12A- Após a reunião, as professoras desceram até a sala. Elas recolheram todos os livros.
12B- Após a reunião, as professoras desceram até a sala. Ela recolheu todos os livros.
12C- Após a reunião, as professora desceu até a sala. Elas recolheram todos os livros.
12D- Após a reunião, as professora desceu até a sala. Ela recolheu todos os livros.

P: As professoras participaram da reunião? SIM

Sentenças distratoras experimento 1

- 1- As crianças lavaram as louça depois do jantar. O pai consertou o relógio da cozinha.
P: O pai lavou a louça? NÃO
- 2- Nas suas férias, a Laura viajou para o Nordeste. Sua melhor amiga foi junto.
P: A Laura viajou sozinha? NÃO
- 3- Na Páscoa, Beatriz comprou chocolates para todos. Seu marido ajudou ela.
P: Beatriz comprou balas? NÃO
- 4- Jussara se fantasiou de bailarina no Carnaval. Seu namorado vestiu de soldado.
P: Jussara se vestiu de soldado? NÃO
- 5- No último verão, Paulo e eu fomos para a Bahia. Antes levou o carro ao mecânico.
P: Paulo viajou no último outono? NÃO
- 6- Na cantina, as cozinheira prendada fizeram a merenda. As criança adorou.
P: As crianças recusaram a merenda? NÃO
- 7- Isabelle ganhou muitos brinquedos no dia das crianças. Sua tia solteiro deu uma boneca.
P: Isabelle ganhou roupas? NÃO
- 8- João esquiou com os amigos no inverno. Eles foram junto para o Chile.
P: P: João viu o sol à meia-noite? NÃO
- 9- Durante o recesso, Rebeca se mudou. Seu pai carregou algumas caixas.
P: Rebeca mudou de emprego? NÃO
- 10- O músico cantou muito sucessos durante o show. O público ficou empolgado.
P: O músico foi vaiado? NÃO
- 11- Depois do intervalo, todos voltaram para o sofá. A família estava assistindo futebol.
P: A família estava na cozinha? NÃO
- 12- Os alunos correram muito no recreio. Letícia pulou corda.
P: Os alunos brigaram? NÃO
- 13- Laura junto com Maria e Ana tomaram um chá. Sua mãe estava junto.
P: Laura tomou chá? SIM
- 14- Na viagem, Júlia dirigiu atento. Seu namorado revezou no volante.
P: Júlia dirigiu sozinha? NÃO
- 15- O padre celebrou a missa às seis da manhã. Só mulheres estavam presentes.
P: Tinham homens na igreja? NÃO
- 16- O Miguel ganhou um gatinho de presente. A mãe não ficou muito animada.

P: A mãe do Miguel queria um gato? NÃO

17- Pedro e os amigos adora fazer trilha. Sábado foram todos para Teresópolis.

P: Pedro ficou na cidade durante final de semana? NÃO

18- As crianças brigaram bastante na loja de brinquedos. O pai ficou muito incomodada.

P: As crianças se comportaram bem? NÃO

19- Uma vez por semana, Paula frequenta o salão. Ontem, ela só cortou o cabelo.

P: Paula foi ao salão ontem? SIM

20- Ontem no clube, Marta torce o joelho. Hoje cedo ela foi no médico.

P: Marta machucou o joelho? SIM

21- Domingo no almoço, a família de Ana fez um churrasco. Duas tendas foram montadas no quintal.

P: A família comeu churrasco? SIM

22- Luana e a galera decidiu passear no feriado. Foi todo mundo pro Rio de Janeiro.

P: Luana viajou? SIM

23- Durante a construção do prédio, o engenheiro deu folga pros pedreiros. Os eletricitas também não trabalhou.

P: Os trabalhadores estavam de folga? SIM

24- No hospital, o médico atendeu os pacientes. A enfermeira o auxiliou.

P: O médico estava no hospital? SIM

Experimento 2 – sentenças experimentais

LP – Distância longa concordância redundante

LS – Distância longa concordância não redundante

CP – Distância curta concordância redundante

CS – Distância curta concordância não redundante

ZP – Distância zero concordância redundante

ZS – Distância zero concordância não redundante

1)

LP- AS carretas durante a chuva cuidadosamente reduziram a velocidade.

LS - As carretas durante a chuva cuidadosamente reduziu a velocidade.

CP - AS carretas cuidadosamente reduziram a velocidade.

CS - As carretas cuidadosamente reduziu a velocidade.

ZP - As carretas reduziram a velocidade.

ZS - As carretas reduziu a velocidade.

2)

LP - As mães na reunião no mês de junho novamente brigaram bastante.

LS - As mães na reunião no mês de junho novamente brigou bastante.

CP - As mães novamente brigaram bastante.

CS - As mães novamente brigou bastante.

ZP - As mães brigaram bastante.

ZS - As mães brigou bastante

3)

LP - As convidadas, no jantar de gala ontem surpreendentemente, saíram cedo.

LC - As convidadas, no jantar de gala ontem surpreendentemente, saiu cedo.

CP - As convidadas, surpreendentemente, saíram cedo.

CS - As convidadas, surpreendentemente, saiu cedo.

ZP - As convidadas saíram cedo.

ZS - As convidadas saiu cedo.

4)

LP - As passistas durante o mês de fevereiro no carnaval no Rio treinaram muito.

LS - As passistas durante o mês de fevereiro no carnaval no Rio treinou muito.

CP - As passistas durante fevereiro treinaram muito.

CS - As passistas durante fevereiro treinou muito.

ZP - As passistas treinaram muito.

ZS - As passistas treinou muito.

5)

LP - As televisões na década de 80 dificilmente quebraram cedo

LS - As televisões na década de 80 dificilmente quebrou cedo

CP - As televisões dificilmente quebraram cedo.

CS - As televisões dificilmente quebrou cedo.

ZP - As televisões quebraram cedo.

ZS - As televisões quebrou cedo.

6)

LP - As fotografias em preto e branco de antigamente amarelaram bastante.

LS - As fotografias em preto e branco de antigamente amarelou bastante.

CP - As fotografias de antigamente amarelaram bastante.

CS - As fotografias de antigamente amarelou bastante.

ZP - As fotografias amarelaram bastante.

ZS - As fotografias amarelou bastante.

7)

LP - As músicas sobre amor da década de 80 dificilmente fizeram sucesso.

LS - As músicas sobre amor da década de 80 dificilmente fez sucesso.

CP - As músicas dificilmente fizeram sucesso.

CS - As músicas dificilmente fez sucesso.

ZP - As músicas fizeram sucesso.

ZS - As músicas fez sucesso.

8)

LP - As atrizes de teatro na década de 60 constantemente sofreram preconceito.

LS - As atrizes de teatro na década de 60 constantemente sofreu preconceito.

CP - As atrizes constantemente sofreram preconceito

CS - As atrizes constantemente sofreu preconceito

ZP - As atrizes sofreram preconceito

ZS - As atrizes sofreu preconceito

9)

LP - As mobílias de madeira de demolição da década de 30 dificilmente duravam pouco.

LS - As mobílias de madeira de demolição da década de 30 dificilmente durou pouco.

CP - As mobílias dificilmente duravam pouco

CS - As mobílias dificilmente durou pouco

ZP - As mobílias duravam pouco.

ZS - As mobílias durou pouco.

10)

LP - Os artistas na década de quarenta frequentemente usaram maquiagem.

LS - Os artistas na década de quarenta frequentemente usou maquiagem.

CP - Os artistas frequentemente usaram maquiagem.

CS - Os artistas frequentemente usou maquiagem.

ZP - Os artistas usaram maquiagem.

ZS - Os artistas usou maquiagem.

11)

LP - Os políticos durante a campanha geralmente brigaram muito.

LS - Os políticos durante a campanha geralmente brigou muito.

CP - Os políticos geralmente brigaram muito.

CS - Os políticos geralmente brigou muito.

ZP - Os políticos brigaram muito.

ZS - Os políticos brigou muito.

12)

LP - Os alunos no início da aula hoje atentamente escutaram a professora
LS - Os alunos no início da aula hoje atentamente escutou a professora
CP - Os alunos atentamente escutaram a professora
CS - Os alunos atentamente escutou a professora
ZP - Os alunos escutaram a professora.
ZS - Os alunos escutou a professora.

13)

LP - Os pássaros durante a era do gelo usualmente mudaram de região.
LS - Os pássaros durante a era do gelo usualmente mudou de região.
CP - Os pássaros usualmente mudaram de região.
CS - Os pássaros usualmente mudou de região.
ZP - Os pássaros mudaram de região.
ZS - Os pássaros mudou de região.

14)

LP - Os vestidos de casamento no mês de maio geralmente custaram caro.
LS - Os vestidos de casamento no mês de maio geralmente custou caro.
CP - Os vestidos geralmente custaram caro.
CS - Os vestidos geralmente custou caro.
ZP - Os vestidos custaram caro.
ZS - Os vestidos custou caro.

15)

LP - Os atletas durante as competições de inverno geralmente dormiram pouco.
LS - Os atletas durante as competições de inverno geralmente dormiu pouco.
CP - Os atletas geralmente dormiram pouco.
CS - Os atletas geralmente dormiu pouco.
ZP - Os atletas dormiram pouco.
ZS - Os atletas dormiu pouco.

16)

LP - Os relatórios sobre a reunião de outubro novamente desapareceram da empresa.
LS - Os relatórios sobre a reunião de outubro novamente desapareceu da empresa.
CP - Os relatórios novamente desapareceram da empresa.
CS - Os relatórios novamente desapareceu da empresa.
ZP - Os relatórios desapareceram da empresa.
ZS - Os relatórios desapareceu da empresa.

17)

LP - Os convites de formatura nos anos 70 raramente chegavam pelos correios.
LS - Os convites de formatura nos anos 70 raramente chegou pelos correios.
CP - Os convites raramente chegavam pelos correios.
CS - Os convites raramente chegou pelos correios.
ZP - Os convites chegavam pelos correios.
ZS - Os convites chegou pelos correios.

18)

LP - Os estudantes durante a década de 60 constantemente sofreram repressão.
LS - Os estudantes durante a década de 60 constantemente sofreu repressão.

CP - Os estudantes constantemente sofreram repressão.
CS - Os estudantes constantemente sofreu repressão.
ZP - Os estudantes sofreram repressão.
ZS - Os estudantes sofreu repressão.

Sentenças distratoras – Experimento 2

- 1) Os iorgutes de morango venceram.
- 2) A tauba da mesa quebrou com o peso.
- 3) A prova causou perturbação em todos.
- 4) Os garfanhotos destroem as plantações.
- 5) Os livros sumiram da prateleira.
- 6) As canecas temáticas fizeram sucesso.
- 7) As piscinas são pouco usadas no inverno.
- 8) Os bebês gostam de músicas suaves.
- 9) As máquinas da padaria quebraram ontem.
- 10) As árvores amarelas voaram durante a briga na floresta.
- 11) Os alunos precisam de menas aulas para poderem ter tempo de estudar em casa.
- 12) Os objetos de decoração compradas fora do Brasil custam mais barato e duram mais.
- 13) O médico pediu pro paciente vim mais cedo para a consulta porque estava livre.
- 14) Minha vó comprou brejelas para rechear no almoço.
- 15) Os computadores mais antigos comprados em lojas de informática nunca estragam.
- 16) As camisas estampadas são as preferidas dos homens.
- 17) Os assaltos a mão armada estão aumentando.
- 18) Os pacientes isolados passaram por exames.

Experimento 3 – sentenças experimentais

LP – Distância longa concordância redundante

LS – Distância longa concordância não redundante

CP – Distância curta concordância redundante

CS – Distância curta concordância não redundante

ZP – Distância zero concordância redundante

ZS – Distância zero concordância não redundante

1

LS - As carretas durante a chuva cuidadosamente reduziu a velocidade.

LP - As carretas durante a chuva cuidadosamente reduziram a velocidade.

CS - As carretas cuidadosamente reduziu a velocidade.

CP - As carretas cuidadosamente reduziram a velocidade.

ZS - As carretas reduziu a velocidade.

ZP - As carretas reduziram a velocidade.

LONGA SINGULAR

(1) xxx / **as carretas**

(2) **durante a chuva** / pela bicicleta

(3) carinhosamente / **cuidadosamente**

(4) **reduziu** / na estrada.

(5) pararam / **a velocidade.**

(6) **ontem** / xxx.

LONGA PLURAL

(1) xxx / **as carretas**

(2) **durante a chuva** / pela bicicleta

(3) carinhosamente / **cuidadosamente**

(4) **reduziram** / na estrada

(5) pararam/ **a velocidade**

(6) **ontem** / xxx.

CURTA SINGULAR

(1) xxx/**As carretas**

(2) **cuidadosamente**/ carinhosamente

(3) **reduziu** / na Estrada

(4) pararam / **a velocidade**

(5) **ontem**/ xxx.

CURTA PLURAL

(1) xxx/**As carretas**

(2) **cuidadosamente**/ carinhosamente

(3) **reduziram** / na Estrada

(4) parou / **a velocidade**

(5) **ontem**/ xxx.

ZERO SINGULAR

(1) Xxx/**As carretas**

(2) **Reduziu**/na estrada

(3) Pararam/ **a velocidade.**

(4) **Ontem**/ xxx.

ZERO PLURAL

- (1) Xxx/**As carretas**
- (2) **Reduziram** / na estrada
- (3) Parou/ **a velocidade**.
- (4) **Ontem**/ xxx.

2

As mães na reunião no mês de junho novamente brigaram bastante.

As mães na reunião no mês de junho novamente brigou bastante

As mães novamente brigaram bastante.

As mães novamente brigou bastante.

As mães brigaram bastante.

As mães brigou bastante

LONGA SINGULAR

- (1) xxx / **as mães**
- (2) **na reunião no mês de junho** / sobre a mesa da sala
- (3) complicadamente / **novamente**
- (4) **brigou** / na escola
- (5) Saíram / **bastante**
- (6) **no corredor** / xxxx

LONGA PLURAL

- (1) xxx / **as mães**
- (2) **na reunião no mês de junho** / sobre a mesa da sala
- (3) complicadamente / **novamente**
- (4) **brigaram** / na escola
- (5) saiu / **bastante**
- (6) **no corredor** / xxxx

CURTA SINGULAR

- (1) xxx / **as mães**
- (2) complicadamente / **novamente**
- (3) **brigou** / na escola
- (4) Saíram / **bastante**
- (5) **no corredor** / xxxx

CURTA PLURAL

- (1)xxx / **as mães**
- (2)complicadamente / **novamente**
- (3)**brigaram** / na escola
- (4)Saiu / **bastante**
- (5)**no corredor** / xxxx

ZERO PLURAL ZPF2

- (1)xxx / **as mães**
- (2)**brigaram** / na escola
- (3)Saiu / **bastante**

(4)**no corredor** / xxxx

ZERO PLURAL ZSF2

- (1) xxx / **as mães**
- (2) **brigou** / na escola
- (3) Sairam / **bastante**
- (4) **no corredor** / xxxx

3

As convidadas, no jantar de gala surpreendentemente, saíram cedo por preguiça.

As convidadas, no jantar de gala surpreendentemente, saiu cedo por preguiça.

As convidadas, surpreendentemente, saíram cedo por preguiça.

As convidadas, surpreendentemente, saiu cedo por preguiça.

As convidadas saíram cedo por preguiça.

As convidadas saiu cedo por preguiça.

LONGO SINGULAR

- (1)xxx / **As convidadas**
- (2)**no jantar de gala** / até a próxima rua
- (3)extremamente / **surpreendentemente**
- (4)**saiu** / difícil
- (5)falaram / **cedo**
- (6)**por preguiça** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) xxx / **As convidadas**
- (2) **no jantar de gala ontem** / até a próxima rua
- (3) extremamente / **surpreendentemente**
- (4) **saíram** / difícil
- (5) falou / **cedo**
- (6) **por preguiça** / xxxx

SINGULAR CURTO

- (1)xxx / **As convidadas**
- (2)extremamente / **surpreendentemente**
- (3)**saiu** / difícil
- (4)falaram / **cedo**
- (5)**por preguiça** / xxxx

PLURAL CURTO

- (1) xxx / **As convidadas**
- (2)extremamente / **surpreendentemente**
- (3)**saíram** / difícil
- (4)falou / **cedo**
- (5)**por preguiça** / xxxx

PLURAL ZERO

- (1)xxx / **As convidadas**
- (2)**saíram** / difícil

- (3) falou / **cedo**
- (4) **por preguiça** / xxxx

SINGULAR ZERO

- (1) xxx / **As convidadas**
- (2) **saiu** / difícil
- (3) falou / **cedo**
- (4) **por preguiça** / xxxx

4

As passistas no mês de fevereiro no Rio de Janeiro treinaram muito.

As passistas no mês de fevereiro no Rio de Janeiro treinou muito.

As passistas no mês de fevereiro treinaram muito.

As passistas no mês de fevereiro treinou muito.

As passistas treinaram muito.

As passistas treinou muito.

LONGO SINGULAR

- (1) **As passistas** / xxxx
- (2) **No mês de fevereiro** / conforme as leis de trânsito
- (3) na câmara dos deputados / **no Rio de Janeiro**
- (4) **treinou** / paciência
- (5) andaram / **muito**
- (6) **na avenida** / xxxxx

LONGO PLURAL

- (1) **As passistas** / xxxx
- (2) **No mês de fevereiro** / conforme as leis de trânsito
- (3) na câmara dos deputados / **no Rio de Janeiro**
- (4) **treinaram** / paciência
- (5) andou / **muito**
- (6) **na avenida** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) **As passistas** / xxxx
- (2) **No mês de fevereiro** / conforme as leis de trânsito
- (3) **treinaram** / paciência
- (4) andou / **muito**
- (5) **na avenida** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **As passistas** / xxxx
- (2) **No mês de fevereiro** / conforme as leis de trânsito
- (3) **treinou** / paciência
- (4) andaram / **muito**
- (5) **na avenida** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **As passistas** / xxxx

- (2) **treinou** / paciência
- (3) andaram / **muito**
- (4) **na avenida** / xxxxx

ZERO PLURAL

- (1) **As passitas** / xxxx
- (2) **treinaram** / paciência
- (3) andou / **muito**
- (4) **na avenida** / xxxxxx

5

As televisões na década de 80 dificilmente quebraram cedo
 As televisões na década de 80 dificilmente quebrou cedo
 As televisões dificilmente quebraram cedo.
 As televisões dificilmente quebrou cedo.
 As televisões quebraram cedo.
 As televisões quebrou cedo.

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx / **as televisões**
- (2) **na década de 80** / perante o trânsito
- (3) **dificilmente** / tranquilamente
- (4) **quebrou** / primavera
- (5) exibiram / **cedo**
- (6) **nas casas de família** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) xxxx / **as televisões**
- (2) **na década de 80** / perante o trânsito
- (3) **dificilmente** / tranquilamente
- (4) **quebraram** / primavera
- (5) exibiu / **cedo**
- (6) **nas casas de família** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx / **as televisões**
- (2) **dificilmente** / tranquilamente
- (3) **quebrou** / primavera
- (4) exibiram / **cedo**
- (5) **nas casas de família** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) xxxx / **as televisões**
- (2) **dificilmente** / tranquilamente
- (3) **quebraram** / primavera
- (4) exibiu / **cedo**
- (5) **nas casas de família** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx / **as televisões**

- (2) **quebrou** / primavera
- (3) exibiram / **cedo**
- (4) **nas casas de família** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) xxxx / **as televisões**
- (2) **quebraram** / primavera
- (3) exibiu / **cedo**
- (4) **nas casas de família** / xxxx

6

As fotografias em preto e branco antigamente amarelaram bastante.

As fotografias em preto e branco antigamente amarelou bastante.

As fotografias amarelaram bastante.

As fotografias antigamente amarelou bastante.

As fotografias amarelaram bastante.

As fotografias amarelou bastante.

LONGO SINGULAR

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) **Em preto e branco** / contra os liquidificadores
- (3) Raivosamente / **antigamente**
- (4) **Amarelou** / pouco
- (5) Registraram / **bastante**
- (6) **Nas gavetas** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) **Em preto e branco** / contra os liquidificadores
- (3) Raivosamente / **antigamente**
- (4) **Amarelaram** / pouco
- (5) Registrou / **bastante**
- (6) **Nas gavetas** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) Raivosamente / **antigamente**
- (3) **Amarelou** / pouco
- (4) Registraram / **bastante**
- (5) **Nas gavetas** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) Raivosamente / **antigamente**
- (3) **Amarelaram** / pouco
- (4) Registrou / **bastante**
- (5) **Nas gavetas** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) **Amarelou** / pouco
- (3) Registraram / **bastante**
- (4) **Nas gavetas** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) **As fotografias** / xxxx
- (2) **Amarelaram** / pouco
- (3) Registrou / **bastante**
- (4) **Nas gavetas** / xxxx

7

As músicas da década de 80 dificilmente fizeram sucesso.

As músicas da década de 80 dificilmente fez sucesso.

As músicas dificilmente fizeram sucesso.

As músicas dificilmente fez sucesso.

As músicas fizeram sucesso.

As músicas fez sucesso.

LONGO SINGULAR

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) Por causa do calor / **da década de 80**
- (3) **Dificilmente** / portuguesmente
- (4) **Fez** / ontem
- (5) Tocaram / **sucesso**
- (6) **Nas festas** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) Por causa do calor / **da década de 80**
- (3) **Dificilmente** / portuguesmente
- (4) **Fizeram** / ontem
- (5) Tocou / **sucesso**
- (6) **Nas festas** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) **Dificilmente** / portuguesmente
- (3) **Fez** / ontem
- (4) Tocaram / **sucesso**
- (5) **Nas festas** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) **Dificilmente** / portuguesmente
- (3) **Fizeram** / ontem
- (4) Tocou / **sucesso**
- (5) **Nas festas** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) **Fez** / ontem
- (3) Tocaram / **sucesso**
- (4) **Nas festas** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) **As músicas** / xxxxx
- (2) **Fizeram** / ontem
- (3) Tocou / **sucesso**
- (4) **Nas festas** / xxxx

8

As atrizes na década de 60 constantemente sofreram preconceito.

As atrizes na década de 60 constantemente sofreu preconceito.

As atrizes constantemente sofreram preconceito

As atrizes constantemente sofreu preconceito

As atrizes sofreram preconceito

As atrizes sofreu preconceito

LONGO SINGULAR

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) Depois do futebol / **da década de 60**
- (3) **Constantemente** / raivosamente
- (4) **Sofreu** / melhor
- (5) Cantaram / **preconceito**
- (6) **Na televisão** / xxxxx

LONGO PLURAL

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) Depois do futebol / **da década de 60**
- (3) **Constantemente** / raivosamente
- (4) **Sofreram** / melhor
- (5) Cantou / **preconceito**
- (6) **Na televisão** / xxxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) **Constantemente** / raivosamente
- (3) **Sofreu** / melhor
- (4) Cantaram / **preconceito**
- (5) **Na televisão** / xxxxx

CURTO PLURAL

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) **Constantemente** / raivosamente
- (3) **Sofreram** / melhor
- (4) Cantou / **preconceito**
- (5) **Na televisão** / xxxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) **Sofreu** / melhor
- (3) Cantaram / **preconceito**
- (4) **Na televisão** / xxxxx

ZERO PLURAL

- (1) **As atrizes** / xxxx
- (2) **Sofreram** / melhor
- (3) Cantaram / **preconceito**
- (4) **Na televisão** / xxxxx

9)

As mobílias da década de 30 dificilmente duravam pouco nas casas.

As mobílias da década de 30 dificilmente durou pouco nas casas.

As mobílias dificilmente duravam pouco nas casas.

As mobílias dificilmente durou pouco nas casas.

As mobílias duravam pouco nas casas.

As mobílias durou pouco nas casas.

LONGO SINGULAR

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) Com os dinossauros / **durante a década de 30**
- (3) basicamente / **dificilmente**
- (4) **Durou** / armário
- (5) Quebraram / **pouco**
- (6) **Nas casas** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) Com os dinossauros / **durante a década de 30**
- (3) basicamente / **dificilmente**
- (4) **Duraram** / armário
- (5) Quebrou / **pouco**
- (6) **Nas casas** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) basicamente / **dificilmente**
- (3) **Durou** / armário
- (4) Quebraram / **pouco**
- (5) **Nas casas** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) basicamente / **dificilmente**
- (3) **Duraram** / armário
- (4) Quebrou / **pouco**
- (5) **Nas casas** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) **Durou** / armário
- (3) Quebraram / **pouco**
- (4) **Nas casas** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) **As mobílias** / xxxx
- (2) **Duraram** / armário
- (3) Quebrou / **pouco**
- (4) **Nas casas** / xxxx

10

Os artistas na década de quarenta frequentemente usou maquiagem nos palcos.

Os artistas na década de quarenta frequentemente usaram maquiagem nos palcos.

Os artistas frequentemente usaram maquiagem nos palcos.

Os artistas frequentemente usou maquiagem nos palcos.

Os artistas usaram maquiagem nos palcos.

Os artistas usou maquiagem nos palcos.

LONGO SINGULAR

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) Por causa do preço / **na década de quarenta**
- (3) Duramente / **frequentemente**
- (4) **Usou** / camarim
- (5) Vestiram / **maquiagem**
- (6) **Nos palcos** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) Por causa do preço / **na década de quarenta**
- (3) Duramente / **frequentemente**
- (4) **Usaram** / camarim
- (5) Vestiu / **maquiagem**
- (6) **Nos palcos** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) Duramente / **frequentemente**
- (3) **Usou** / camarim
- (4) Vestiram / **maquiagem**
- (5) **Nos palcos** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) Duramente / **frequentemente**
- (3) **Usaram** / camarim
- (4) Vestiu / **maquiagem**
- (5) **Nos palcos** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) **Usou** / camarim
- (3) Vestiram / **maquiagem**
- (4) **Nos palcos** / xxxx

ZERO PLURAL ZPM1

- (1) **Os artistas** / xxxx
- (2) **Usaram** / camarim
- (3) Vestiu / **maquiagem**
- (4) **Nos palcos** / xxxx

11

Os políticos durante a campanha geralmente brigou muito no debate.

Os políticos geralmente brigaram muito no debate.

Os políticos geralmente brigou muito no debate.

Os políticos brigaram muito no debate.

Os políticos brigou muito no debate.

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx/ **os políticos**
- (2) **durante a campanha** / sobre a mesa
- (3) **geralmente** / perfeitamente
- (4) **brigou** / deficiência
- (5) gritaram / **muito**
- (6) **no debate** / xxxx

LONGO PLURAL LPM2

- (1) xxxx/ **os políticos**
- (2) **durante a campanha** / sobre a mesa
- (3) **geralmente** / perfeitamente
- (4) **brigaram** / deficiência
- (5) gritou / **muito**
- (6) **no debate** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx/ **os políticos**
- (2) **geralmente** / perfeitamente
- (3) **brigou** / deficiência
- (4) gritaram / **muito**
- (5) **no debate** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) xxxx/ **os políticos**
- (2) **geralmente** / perfeitamente
- (3) **brigaram** / deficiência
- (4) gritou / **muito**
- (5) **no debate** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx/ **os políticos**

- (2) **brigou** / deficiência
- (3) gritaram / **muito**
- (4) **no debate** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) xxxx/ **os políticos**
- (2) **brigaram** / deficiência
- (3) gritou / **muito**
- (4) **no debate** / xxxx

12

Os alunos no início da aula atentamente escutou a professora de geografia.

Os alunos atentamente escutaram a professora de geografia.

Os alunos atentamente escutou a professora de geografia.

Os alunos escutaram a professora de geografia.

Os alunos escutou a professora de geografia.

LONGO SINGULAR

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) durante o desmatamento / **no início da aula**
- (3) velozmente / **atentamente**
- (4) **escutou** / cadernos
- (5) estudaram / **a professora**
- (6) xxxx / **de geografia**

LONGO PLURAL

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) durante o desmatamento / **no início da aula**
- (3) velozmente / **atentamente**
- (4) **escutaram** / cadernos
- (5) estudou / **a professora**
- (6) xxxx / **de geografia**

CURTO SINGULAR

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) velozmente / **atentamente**
- (3) **escutou** / cadernos
- (4) estudaram / **a professora**
- (5) xxxx / **de geografia**

CURTO PLURAL CPM3

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) velozmente / **atentamente**
- (3) **escutaram** / cadernos
- (4) estudou / **a professora**
- (5) xxxx / **de geografia**

ZERO SINGULAR

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) **escutou** / cadernos
- (3) estudaram / **a professora**
- (4) xxxx / **de geografia**

ZERO PLURAL

- (1) **os alunos** / xxxx
- (2) **escutaram** / cadernos
- (3) estudou / **a professora**
- (4) xxxx / **de geografia**

13

Os pássaros Na era do gelo usualmente mudou de região no norte.

Os pássaros usualmente mudaram de região no norte.

Os pássaros usualmente mudou de região no norte.

Os pássaros mudaram de região no norte.

Os pássaros mudou de região no norte

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx / **os pássaros**
- (2) perante o juiz / **na era do gelo**
- (3) **usualmente** / cientificamente
- (4) **mudou** / árvores
- (5) voaram/ **de região**
- (6) **no norte** / xxxx

LONGO PLURAL

- (1) xxxx / **os pássaros**
- (2) perante o juiz / **na era do gelo**
- (3) **usualmente** / cientificamente
- (4) **mudaram** / árvores
- (5) voou/ **de região**
- (6) **no norte** / xxxx

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx / **os pássaros**
- (2) **usualmente** / cientificamente
- (3) **mudou** / árvores
- (4) voaram/ **de região**
- (5) **no norte** / xxxx

CURTO PLURAL

- (1) xxxx / **os pássaros**
- (2) **usualmente** / cientificamente
- (3) **mudaram** / árvores
- (4) voou/ **de região**
- (5) **no norte** / xxxx

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx / **os pássaros**

- (2) **mudou** / árvores
- (3) voaram/ **de região**
- (4) **no norte** / xxxx

ZERO PLURAL

- (1) xxxx / **os pássaros**
- (2) **mudaram** / árvores
- (3) voou/ **de região**
- (4) **no norte** / xxxx

14

Os vestidos na liquidação geralmente custaram barato no shopping
 Os vestidos na liquidação geralmente custou barato no shopping.
 Os vestidos geralmente custaram barato no shopping.
 Os vestidos geralmente custou barato no shopping.
 Os vestidos custaram barato no shopping.
 Os vestidos custou barato no shopping.

LONGO SINGULAR

- (1) **Os vestidos** / xxxx
- (2) **Na liquidação** / durante o salto
- (3) Primeiramente/ **geralmente**
- (4) **Custou** / armário
- (5) Venderam / **barato**
- (6) Xxxx / **no shopping**

LONGO PLURAL LPM5

- (1) **Os vestidos** / xxxx
- (2) **Na liquidação** / durante o salto
- (3) Primeiramente/ **geralmente**
- (4) **Custaram** / armário
- (5) Vendeu / **barato**
- (6) Xxxx / **no shopping**

CURTO SINGULAR

- (1) **Os vestidos** / xxxx
- (2) Primeiramente/ **geralmente**
- (3) **Custou** / armário
- (4) Venderam / **barato**
- (5) Xxxx / **no shopping**

CURTO PLURAL

- (1) **Os vestidos** / xxxx
- (2) Primeiramente/ **geralmente**
- (3) **Custaram** / armário
- (4) Vendeu / **barato**
- (5) Xxxx / **no shopping**

ZERO SINGULAR ZSM5

- (1) **Os vestidos** / xxxx

- (2) **Custou** / armário
- (3) Venderam / **barato**
- (4) Xxxx / **no shopping**

ZERO PLURAL

- (1) **Os vestidos** / xxxx
- (2) **Custaram**/ armário
- (3) Vendeu / **barato**
- (4) Xxxx / **no shopping**

15

Os atletas nos jogos de inverno geralmente dormiu pouco no alojamento

Os atletas geralmente dormiram pouco no alojamento

Os atletas geralmente dormiu pouco no alojamento

Os atletas dormiram pouco no alojamento

Os atletas dormiu pouco no alojamento

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **nos jogos de inverno** / em cima da estante
- (3) **geralmente**/ matematicamente
- (4) **dormiu** / trampolim
- (5) jogaram / **pouco**
- (6) xxxx / **no alojamento**

LONGO PLURAL

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **nos jogos de inverno** / em cima da estante
- (3) **geralmente**/ matematicamente
- (4) **dormiram** / trampolim
- (5) jogou / **pouco**
- (6) xxxx / **no alojamento**

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **geralmente**/ matematicamente
- (3) **dormiu** / trampolim
- (4) jogaram / **pouco**
- (5) xxxx / **no alojamento**

CURTO PLURAL

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **geralmente**/ matematicamente
- (3) **dormiram** / trampolim
- (4) jogou / **pouco**
- (5) xxxx / **no alojamento**

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **dormiu** / trampolim

- (3) jogaram / **pouco**
- (4) xxxx / **no alojamento**

ZERO PLURAL

- (1) xxxx / **os atletas**
- (2) **dormiram** / trampolim
- (3) jogou / **pouco**
- (4) xxxx / **no alojamento**

16

Os relatórios de outubro novamente desapareceu da empresa de construção.

Os relatórios novamente desapareceram da empresa de construção.

Os relatórios novamente desapareceu da empresa de construção.

Os relatórios desapareceram da empresa de construção.

Os relatórios desapareceu da empresa de construção.

LONGO SINGULAR

- (1) **Os relatórios** / xxxx
- (2) Até os monstros / **de outubro**
- (3) **Novamente** / glamurosamente
- (4) **Desapareceu** / reunião
- (5) Escreveram / **da empresa**
- (6) xxxx / **de construção**

LONGO PLURAL

- (1) **Os relatórios** / xxxx
- (2) Até os monstros / **de outubro**
- (3) **Novamente** / glamurosamente
- (4) **Desapareceram** / reunião
- (5) Escreveu / **da empresa**
- (6) xxxx / **de construção**

CURTO SINGULAR

- (1) **Os relatórios** / xxxx
- (2) **Novamente** / glamurosamente
- (3) **Desapareceu** / reunião
- (4) Escreveram / **da empresa**
- (5) xxxx / **de construção**

CURTO PLURAL

- (1) **Os relatórios** / xxxx
- (2) **Novamente** / glamurosamente
- (3) **Desapareceram** / reunião
- (4) Escreveu / **da empresa**
- (5) xxxx / **de construção**

ZERO SINGULAR

- (1) **Os relatórios** / xxxx
- (2) **Desapareceu** / reunião
- (3) Escreveram / **da empresa**

- (4) xxxx / **de construção**

ZERO PLURAL

- (1) **Os relatórios** / xxxx
(2) **Desapareceram** / reunião
(3) Escreveu / **da empresa**
(4) xxxx / **de construção**

17

Os convites de festa antigos raramente chegou pelos correios limpos.

Os convites raramente chegavam pelos correios limpos.

Os convites raramente chegou pelos correios limpos.

Os convites chegavam pelos correios limpos.

Os convites chegou pelos correios limpos.

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx / **os convites**
(2) perante o jardim / **de festa antigos**
(3) **raramente** / tristemente
(4) **chegou** / doces
(5) entregaram / **pelos correrios**
(6) xxxx / **limpos**

LONGO PLURAL

- (1) xxxx / **os convites**
(2) perante o jardim / **de festa antigos**
(3) **raramente** / tristemente
(4) **chegaram** / doces
(5) entregou / **pelos correrios**
(6) xxxx / **limpos**

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx / **os convites**
(2) **raramente** / tristemente
(3) **chegou** / doces
(4) entregaram / **pelos correrios**
(5) xxxx / **limpos**

CURTO PLURAL

- (1) xxxx / **os convites**
(2) **raramente** / tristemente
(3) **chegaram** / doces
(4) entregou / **pelos correrios**
(5) xxxx / **limpos**

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx / **os convites**
(2) **chegou** / doces
(3) entregaram / **pelos correrios**
(4) xxxx / **limpos**

ZERO PLURAL

- (1) xxxx / **os convites**
- (2) **chegaram** / doces
- (3) entregou / **pelos correrios**
- (4) xxxx / **limpos**

18

Os estudantes na década de 60 constantemente sofreu repressão da polícia.

Os estudantes constantemente sofreram repressão da polícia.

Os estudantes constantemente sofreu repressão da polícia.

Os estudantes sofreram repressão da polícia.

Os estudantes sofreu repressão da polícia.

LONGO SINGULAR

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) **da década de 60** / entre as árvores
- (3) coloridamente / **constantemente**
- (4) **sofreu** / livros
- (5) **repressão** / estudaram
- (6) xxxx / **da polícia**

LONGO PLURAL

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) **da década de 60** / entre as árvores
- (3) coloridamente / **constantemente**
- (4) **sofreram** / livros
- (5) **repressão** / estudou
- (6) xxxx / **da polícia**

CURTO SINGULAR

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) coloridamente / **constantemente**
- (3) **sofreu** / livros
- (4) **repressão** / estudaram
- (5) xxxx / **da polícia**

CURTO PLURAL

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) coloridamente / **constantemente**
- (3) **sofreram** / livros
- (4) **repressão** / estudou
- (5) xxxx / **da polícia**

ZERO SINGULAR

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) **sofreu** / livros
- (3) **repressão** / estudaram
- (4) xxxx / **da polícia**

ZERO PLURAL

- (1) xxxx / **os estudantes**
- (2) **sofreu** / livros
- (3) **repressão** / estudaram
- (4) xxxx / **da polícia**

Sentenças distratoras – Experimento 3

1) O iogurte de morango na geladeira venceu ontem em casa

- (1) **O iogurte** / xxx
- (2) **de morango** / lentamente
- (3) **na geladeira**/ na pia
- (4) **venceu** / do supermercado
- (5) **ontem** / explodiu.
- (6) **em casa**/ no cinema.

2) A tábua da mesa quebrou durante o jantar com o peso das bandejas.

- (1) Xxx / **a tábua**
- (2) Porém / **da mesa**
- (3) **quebrou** / na cozinha
- (4) **durante o jantar** / derrubou
- (5) o copo / **com o peso**.
- (6) **das bandejas** / do elefante.

3)A prova causou perturbação em todos.

- (1) **A prova** / xxxx
- (2) **De português** / no hospital
- (3) No parque / **causou**
- (4) Amavelmente /**Perturbação**
- (5) **Em todos** / alguns
- (6) Xxxx / **da escola**

4) O gafanhoto da fazenda destrói as plantações de milho.

- (1) xxxx / **o gafanhoto**
- (2) **da fazenda**/ até amanhã
- (3) **destruiu** / porta
- (4) **a plantação** / carinhosamente
- (5) **de milho** / xxxx

5) O livro de ciências sumiu da prateleira da biblioteca ontem.

- (1) **O livro** / xxxx
- (2) Até amanhã / **de ciências**
- (3) Geralmente / **sumiu**
- (4) **da prateleira** / até as lojas
- (5) xxxx / **ontem**

6) A caneca temática fez sucesso entre as crianças.

- (1) **A caneca** / xxxx
- (2) Amorosa / **temática**
- (3) Até / **fez**
- (4) **Sucesso** / desastre

- (5) Xxxx/ **entre as crianças**
- 7) A piscina no inverno é pouco usada na região sul
 (1) **A piscina** / xxxx
 (2) **No inverno** / durante o show
 (3) Calmamente / **é**
 (4) Até amanhã / **pouco usada**
 (5) Xxxx / **na região sul**
- 8) O bebê muito novo gosta de músicas suaves.
 (1) xxxx / **o bebê**
 (2) durante o inverno / **muito novo**
 (3) terrivelmente / **gosta**
 (4) de churrasco / **de músicas**
 (5) xxxx / **suaves**
- 9) A máquina da padaria quebrou ontem durante o expediente.
 (1) **A máquina** / xxxx
 (2) **Da padaria** / das estrelas
 (3) Amavelmente / **quebrou**
 (4) Depois / **ontem**
 (5) xxxx / **durante o expediente**
- 10) A árvore do sítio caiu depois do incêndio criminoso.
 (1) xxxx / **a árvore**
 (2) **do sítio**/ do hospital
 (3) **caiu** / televisão
 (4) **depois** / amarelo
 (5) **do incêndio** / amorosamente
 (6) xxxx / **criminoso**
- 11) O aluno mais novo precisa de menos aulas para brincar em casa.
 (1) **O aluno** / xxxx
 (2) **Mais novo** / mais azul
 (3) **Precisa** / matematicamente
 (4) **De menos aulas** / de salto alto
 (5) Para subir / **para brincar**
 (6) **Em casa** / xxxx
- 12) O objeto de decoração importado custa mais barato nas promoções.
 (1) **O objeto** / xxxx
 (2) de blusa / **de decoração**
 (3) **importado** / destruído
 (4) amanhã / **custa**
 (5) mais alto / **mais barato**
 (6) xxxx / **nas promoções**
- 13) O médico pediu pro paciente chegar cedo para a consulta.
 (1) **O médico** / xxxx
 (2) **Pediu** / tenebrosamente

- (3) Pra girafa / **pro paciente**
 (4) **Chegar** / odiar
 (5) **Cedo** / outro dia
 (6) xxxx / **para a consulta**
- 14) Minha vó comprou batatas para rechear no almoço.
 (1) xxxx / **minha vó**
 (2) **Comprou** / armário
 (3) Macacos / **batatas**
 (4) para passar / **para rechear**
 (5) **no almoço** / na televisão
- 15) O computador mais antigo nunca estraga facilmente.
 (1) **O computador** / xxxx
 (2) **Mais antigo** / mais deliciosos
 (3) **Nunca** / estante
 (4) Ultimamente / **estraga**
 (5) **Facilmente** / xxxx
- 16) A camisa estampada é a preferida do meu irmão.
 (1) **A camisa** / xxxx
 (2) **Estampada** / estragada
 (3) **É** / dificilmente
 (4) **A preferida** / a inimiga
 (5) **Do meu irmão** / xxxx
- 17) O assalto a mão armada está aumentando nas grandes cidades.
 (1) **O assalto** / xxxx
 (2) Depois do zoológico / **a mão armada**
 (3) **Está** / durante
 (4) Depois / **aumentando**
 (5) xxxx / **nas grandes cidades**
- 18) O paciente isolado passou por exames no hospital.
 (1) **O paciente** / xxxx
 (2) **Isolado** / verde
 (3) **Passou** / amargamente
 (4) Pela ponte / **por exames**
 (5) No zoológico / **no hospital**